



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOCIAL

ELISÂNGELA CARVALHO BARBOSA DE BRITO MARQUES

**INTERSECCIONALIDADE NAS NARRATIVAS FEMININAS: O LEGADO
EXISTENCIAL DAS IDOSAS NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA
DE JUVÊNCIO**

SERRINHA-BA

2022

ELISÂNGELA CARVALHO BARBOSA DE BRITO MARQUES

**INTERSECCIONALIDADE NAS NARRATIVAS FEMININAS: O LEGADO
EXISTENCIAL DAS IDOSAS NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA
DE JUVÊNCIO**

Trabalho Final de Conclusão de Curso
presentado ao Programa de Pós-
Graduação em Intervenção Educativa e
Social da Universidade do Estado da
Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa
Novas formas de subjetivação e
organização comunitária, como requisito
parcial para Mestrado.

Área de concentração: Educação,
sociedade e intervenção.

Orientador: Prof. Dr. Everton Nery
Carneiro.

SERRINHA-BA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Maria Claudete Marques Barbosa Estrelá CRB
5/806

M357 Marques, Elisângela Carvalho Barbosa de Brito
Interseccionalidade nas narrativas femininas: o legado
existencial das idosas negras da comunidade quilombola Maria
de Juvêncio./ Elisângela Carvalho Barbosa de Brito Marques.
Serrinha, 2022.
171 fls. : il.

Orientador: Prof^o. Dr. Everton Nery Carneiro.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do
Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de
Pós Graduação em Intervenção Educativa e Social - MPIES,
Campus XI. 2022.

1. Negras - Quilombolas - Biritinga (Ba). 2. Negras - Identidade
racial. I. Carneiro, Everton Nery II. Universidade do Estado da Bahia.

CDD 305.48098142

**INTERSECCIONALIDADE NAS NARRATIVAS FEMININAS: O LEGADO
EXISTENCIAL DAS IDOSAS NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA
DE JUVÊNCIO**

ELISÂNGELA CARVALHO BARBOSA DE BRITO MARQUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL-MPIES, em 15 de dezembro de 2022, no âmbito da Linha de Pesquisa Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Intervenção Educativa e Social pela Universidade do Estado da Bahia-Campus XI, conforme avaliação da Banca examinadora.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Everton Nery Carneiro
Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Orientador)



Prof. Dr. Rodrigo Castro Rezende
Universidade Federal Fluminense



Profa. Dra. Patrícia Julia Souza Coelho
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Dedico este trabalho a todas as participantes da pesquisa da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio e a todos que lutam por uma educação antirracista em nossa sociedade, rompendo uma visão racista.

AO CONCLUIR ESTA DISSERTAÇÃO, QUERO AGRADECER...

... aos meus pais, que são minha base de vida, pois sem eles não conseguiria chegar até aqui, apoiando-me em todos os momentos da minha vida.

... a minha família, pelo incentivo e pelas palavras de coragem e apoio.

... ao meu esposo, Marcelito, pelo incentivo e parceria sempre! À Luise e a Vitor Hugo, que são minha vida. Obrigada pela paciência que vocês tiveram, sempre me chamado: “mãe, sai desse computador”; e mamãe sempre dizendo: “calma, mamãe está estudando, eu já vou”. Amo vocês!!! Obrigada pela compreensão.

... ao meu querido orientador, o Professor Everton Nery, pelos ensinamentos. Obrigada pela dedicação e paciência que teve comigo. Confesso-te que não foi fácil, muitas vezes pensei em desistir, mas quando ouvia as palavras carinhosas, isso me encorajava. Gratidão pelas experiências e saberes, pelas oportunidades que o senhor me apresentou e sempre falando “você consegue, se jogue”. Então, meu muito obrigada!!!

... à professora Ivonete Amorim, porque desde que eu era aluna especial do MPIES sempre demonstrou paciência. Muito obrigada, “pró”!

... à professora Patrícia Coelho, pelas palavras de carinho, eu amava escutar “*Acalme seu coraçãozinho*”. Gratidão sempre!!!

... aos meus colegas, os quais fizeram parte da minha trajetória acadêmica e da vida agora. Em especial, Josilene, Janielle, Juliana, Francielly, Geisa e Rosa Maria. Sempre que precisava de uma palavra amiga, elas estavam lá, dando força e encorajando umas às outras, compartilhando as dores e conquistas de cada jornada.

... agradeço a todos/as os/as professores/as, que, com dedicação, contribuíram de maneira singular para o meu aprendizado.

... não poderia deixar de agradecer também à Tanisia, parceira forte, amiga que conquistei no MPIES, como aluna especial.

... não poderia esquecer jamais de três pessoas especiais em minha vida: Hadon, Sandra e Maria Eurácia. Sem palavras para agradecer por todo o incentivo a cada momento. Tenho orgulho de vocês.

... aos membros da banca examinadora, por participarem deste momento importante em minha formação, contribuindo na qualificação desta pesquisa.

... ao Senhor Deus, por ter me presenteado e permitido cursar o mestrado, pois era um sonho quase impossível, mas com muita fé e dedicação estou conseguindo realizar o meu sonho.

... agradeço a Deus por ter me dado força em todos os momentos que orei pedindo ajuda.

... obrigada a cada um de vocês que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesse processo de formação.

... foram muitos medos, os medos me deram coragem para lutar e dizer:

Eu quero, eu posso, eu consigo!!!!

Muito obrigada!!!!

Estrada

Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei ei ei ei

(Cidade Negra)

MARQUES, Elisângela Carvalho Barbosa de Brito. **Interseccionalidade nas narrativas femininas: o legado existencial das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio.** 2022. 165f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Mestrado Profissional em Intervenção Educativa Social, Serrinha-BA, 2023.

RESUMO

O estudo debruça-se nas questões da Interseccionalidade, Legado e nas Narrativas de Vida das Idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, destacando em suas narrativas o racismo, o preconceito machista sofrido por elas. Com essas intersecções presentes nas vidas dessas mulheres negras, surgiu o seguinte questionamento: de que modo a interseccionalidade nas narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio contribui na construção do seu legado existencial? O referencial teórico encontra-se sob a ótica de Akotirene (2020) – *Interseccionalidade* –, que dialoga sobre as opressões vividas pelos negros e as negras da nossa sociedade, ressaltando o racismo e o preconceito. O objetivo geral é compreender a interseccionalidade nas narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no que se refere ao seu legado existencial. Os objetivos específicos: Discutir os conceitos de Interseccionalidade, Narrativa e Legado; Analisar as narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio a partir da interseccionalidade, buscando inferir o seu legado; Construir um diário de memórias coletivas a partir das narrativas de vida das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. Para tanto, o estudo se constitui em uma pesquisa de abordagem qualitativa, inspirada em Minayo (2007); Husserl (1986), com o método da pesquisa fenomenológica. Tipo da pesquisa história oral baseado em Alberti (2004); a técnica de coleta de dados refere-se à metodologia rodas de conversas, na ótica de Afonso e Abade (2008). Na análise dos dados inspiramo-nos em Ricoeur (1976), com sua obra *Teoria da Interpretação*. Para tratar de experiências, Larrosa (2005) propõe testemunhar experiências de escrever na educação, educar na escritura. A estrutura da dissertação está dividida em seções representadas por artigos visando à publicação. Artigo 01. Interseccionalidade, Narrativa e Legado: Uma construção conceitual. Artigo II. Analisar as narrativas de vida das idosas negras da comunidade quilombola Maria de Juvêncio a partir da interseccionalidade, buscando inferir o seu legado. Artigo III. Memórias Transcritas em Diário Coletivo: As Experiências Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. O produto final é um Diário de Memórias: *Narrativas de Vida das Idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio*. Entretanto, antes de coletar os dados o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade do Estado da Bahia. Aprovado com o Número do Parecer: 5.129.040 em 26 de novembro de 2021. Nesse caminho, espera-se que esta pesquisa amplie o debate sobre as práticas racistas e como estas afetam a existência das pessoas negras da nossa sociedade. Tecendo os resultados, salientamos que a temática é pouco discutida na maioria dos espaços onde ocorrem nossas relações sociais. Assim, as pessoas precisam se conscientizar de que o racismo não acabou, especialmente porque o terreno da luta contra o racismo, por vezes, parece nebuloso, encobre a realidade daqueles que estão em condição de invisibilidade em nossa sociedade, mas, positivamente, os movimentos sociais estão

empenhados nessa luta e não deixarão que atos de perversidade passem despercebidos.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Legado; Narrativas de vida; Idosas Negras.

ABSTRACT

This study focus on the intersectional issues, legacy, and Life Narrative of Elderly Black Women from the Quilombola Community of Maria de Juvêncio (QCMJ), highlighting the racism in their narratives and the sexist prejudice suffered by them. With said intersections presents on the lives of these black women, the following question arose: in which way does the intersectionality in the life narratives of elderly black women from the QCMJ contribute to the construction of their existential legacy? The theoretical framework comes together from the perspective of Akotirene (2020) Intersectionality that has been communicating the oppressions experienced by black men and women in our society, highlighting racism and prejudice. This research main going is to understand the intersectionality of the elderly black women from the QCMJ regarding their existential legacy. The specific objectives are: Discuss the Concepts of Intersectionality, Narrative, and Legacy; Analyze the life narratives of the elderly black women from the QCMJ from the intersectionality point, seeking to infer their legacy; Build a diary of collective memories from the life narratives of the elderly black women from the QCMJ. Therefore, the study constitutes a qualitative approach, inspired by Minayo (2007); Husserl (1990), with the phenomenological research method. The type of research is oral history based on Alberti (2004). The data collection technique was made by conversations groups methodology from the perspective of Afonso e Abade (2008). As for data analysis, we were inspired by Ricoeur (1976) and his work in Theory of Interpretation; Larrosa (2005) proposes to witness experiences in education, and teach writing. The structure of this dissertation is divided into chapters based on articles aimed at publishing. Article I. Intersectionality, Narrative, and Legacy: A conceptual construction. Article II. Analyze the life narrative of the elderly black women from the QCMJ from an intersectional point of view, seeking to infer their legacy. Article III. Transcribed Memories on a Collective Diary: The Experiences of Black Women from the QCMJ. Having as a final product a Diary of Memories: Life Narrative of Elderly Black Women from the QCMJ. However, before starting the data collection, the project was submitted to the Ethics Committee in Research with Human Beings of the State of Bahia. After a few months, the project got approved with the Notion Number: 5.129.040 on the 26th of November 2021. In such a way, it's expected that this research will broaden the debates on racists practices and how they affect the lives of clack people in our society. That being said, weaving the results, we emphasize that the theme in question is not discussed enough on most spaces where our social relations occur. Thus, people need to become aware that racism is not over, especially since the terrain of the fight against racism sometimes seems hazy, it obscures the reality of those who are in a condition of invisibility in our society, but, positively, social movements are engaged in this struggle and will not let acts of perversity go unnoticed acts of cruelty to go unnoticed.

Keywords: Intersectionality; Legacy; Life narratives; Black Elders.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Biritinga	30
Figura 2 - Foto tirada da pedra do Mocó	31
Figura 3 - Praça da Igreja.....	31
Figura 4 - Pedra do Mocó, Biritinga/BA	31
Figura 5 - Estrada que dá acesso à Comunidade Quilombola	32
Figura 6 - Crucifixo da Comunidade Quilombola.....	33
Figura 7 - Praça da Comunidade Quilombola	34
Figura 8 - Campo de Futebol.....	34
Figura 9 - Parte das casas da Comunidade e o posto de saúde.....	35

Artigo 01

Figura 1 - Eixo da Discriminação.....	52
Figura 2 - Carolina de Jesus.....	63
Figura 3 - Lélia González.....	64
Figura 4 - Benedita da Silva.....	66

Artigo 03

Figura 1 - Posição do negro no Brasil.....	131
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estado da Arte.....	35
Quadro 2 - Resumo do Percorso Metodológico da Pesquisa.....	42

Artigo 02

Quadro 1 - Apelidos.....	100
Quadro 2 - Apelidos presentes na Comunidade.....	101

Artigo 03

Quadro 1 - Plano de Ação.....	125
-------------------------------	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Artigo 01

Gráfico 1 - Área da educação.....	70
Gráfico 2 - Mercado de trabalho entre as populações.....	70
Gráfico 3 - Taxa Homicídio.....	71

Artigo 02

Gráfico 1 - Jogo das Vivências.....	99
-------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQUIMAJU	Associação Quilombola Maria de Juvêncio
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
MPIES	Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Percurso para chegar ao Mestrado Profissional Intervenção Educativa e Social (MPIES) e o fortalecimento do projeto de pesquisa	24
1.2 Apresentação do trabalho final.....	27
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	28
2.1 Histórico de Biritinga	29
2.2 História da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio.....	32
2.3 Primeiros passos da pesquisa.....	35
2.4 Questões éticas da pesquisa	44
3 ARTIGO I: INTERSECCIONALIDADE, LEGADO E NARRATIVA: UMA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL	51
4 ARTIGO II: NARRATIVAS DE VIDA DAS IDOSAS NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA DE JUVÊNCIO	90
5 ARTIGO III: MEMÓRIAS TRANSCRITAS EM DIÁRIO COLETIVO: AS EXPERIÊNCIAS NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA DE JUVÊNCIO DO MUNICÍPIO DE BIRITINGA-BAHIA	115
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS.....	143
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	151
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA COLABORADORA	155
APÊNDICE C – PRODUTO FINAL: DIÁRIO DE MEMÓRIAS.....	156
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO.....	162
ANEXO B – CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO.....	171

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a interseccionalidade¹ nas narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no que se refere ao seu legado existencial. Nosso propósito é refletir sobre as situações que as idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio viveram no passado, as quais no presente não são diferentes, destacando o racismo e o preconceito, bem como suas estratégias de sobrevivência.

Larrosa (2005, p. 74) revela-nos que “a palavra experiência serviu a muitos de nós para elaborar uma distância a respeito do que poderíamos chamar de a ordem do discurso pedagógico [...]”. Com base nos pensamentos do autor, destacamos as experiências que construímos em nosso dia a dia, pois podem representar um discurso para quem quer aprender a fazer uma leitura sobre a vida. Nesse sentido, as narrativas de vida das idosas negras permitem relatar o sofrimento que passaram ao longo dos anos.

Os negros e as negras de nossa sociedade passam por muitos constrangimentos em razão de sua cor, tais como gestos, xingamentos, apelidos, sendo estes alguns dos problemas mais recorrentes. Infelizmente, o respeito para com as mulheres negras ainda parece escasso, pois sofrem as consequências do racismo² e do preconceito³ no interior de uma sociedade racista, capitalista e patriarcal, onde negros e as negras são invisibilizados/as pelas branquitudes⁴. Frankenberg *apud* Jesus (2014, p. 6) destaca que “A branquitude é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial”.

Para reforçar esse respeito, a Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989⁵ discute sobre punições às pessoas que cometem atos aterrorizantes, como: xingar,

¹ Indo ao encontro da reflexão de Collins (2020), considera-se o conceito de Interseccionalidade um “sistema de opressão interligado” (COLLINS, 2020, p. 69).

² Para Ribeiro (2019), o conceito de Racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direito, e não um simples ato de vontade de um indivíduo (RIBEIRO, 2019, p. 12).

³ Almeida (2020) informa que o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias (ALMEIDA, 2020, p. 32).

⁴ Como lugar de privilégios, a branquitude não é absoluta, mas atravessada por uma gama de eixos de privilégios ou subordinação relativos, estes não pagam nem tornam irrelevante o privilégio racial, mas modulam ou modificam (MULLER; CARDOSO, 2017, p. 13).

⁵ A Lei passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm#art1. Acesso em: 15 jan. 2022.

pronunciar palavras ofensivas em razão da cor da pele, negação de direitos e outros gestos que venham diminuir a raça negra. As punições poderiam ser mais rígidas na prática, só assim as pessoas que praticam atos de racismo e preconceito iriam pensar antes de insultar os negros e as negras de nossa sociedade. Sobre esse binômio, entendemos que:

O racismo, contrariamente ao preconceito, é a expressão da violência, é um ato, não uma interdição que se coloca a priori, como forma de proteger seja lá o que for. Dentro desse universo de terror, mesmo que o negro acredite conscientemente que tais ameaças racistas não se cumprirão, o pavor não desaparece. Ele traz no corpo o significado que incita e justifica, para o outro, a violência racista (NOGUEIRA, 2021, p. 21).

No contexto dessas situações pelas quais passa a raça negra⁶, quem mais sofre são as mulheres, pois elas sofrem com o racismo e preconceito, sobretudo por causa da sua estética, em comparação com as mulheres que pertencem à branquitude. Vejamos, adiante, a letra da música de Coutinho (2003) ao retratar que o preconceito e o racismo em nossa sociedade é “burrice”:

O racismo é burrice
 Mas o mais burro não é o racista
 É o quem pensa que o racismo não existe
 O pior cego é o que não quer ver
 E o racista esta dentro e você
 Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
 Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca
 E desde sempre não para pra pensar
 Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
 E de pais para filho o racismo passa
 Em forma de piadas que teriam bem mais graça
 Se não fossem o retrato da nossa ignorância
 Transmitindo a discriminação desde a infância
 E o que as crianças apreendem brincando
 É mais nada menos do que a estupidez se propagando
 Qualquer tipo de racismo não se justifica
 Ninguém explica
 Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultura... (COUTINHO, 2003)⁷.

Ao analisar a letra da música em destaque, observamos que é triste pensar que nossa sociedade está repleta de pessoas ignorantes, arrogantes e resistentes às questões de inferiorização que acometem a raça negra, não somente aos negros

⁶ Grande grupo étnico cujos indivíduos possuem caracteres corporais semelhantes, como a cor da pele, que são transmitidos hereditariamente (XIMENES, 2001, p. 78).

⁷ Letra da música de Gabriel, O Pensador, Lavagem Cerebral, Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=racismo+%C3%A9+burrice&oq=racismo+%C3%A9+burrice&aqs=cchrome..69i57.6710j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 28 jan. 2022.

e as negras, mas também aos indígenas, ciganos e outros. Muitos acreditam que as opressões, como racismo e preconceito, estejam extintas em nossa sociedade, entendendo, ainda, que existem práticas igualitárias para todos.

Corroborando com a letra da música, ao afirmar que “o pior cego é aquele que não quer ver”, importa salientar que algumas pessoas ignoram a existência de ações que levam ao racismo e preconceito e costumam a acreditar que estas opressões contra as pessoas negras não fazem mal a elas. Munanga e Gomes (2016) afirmam que:

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação às pessoas que possuem o pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato do olho etc. Ele é resultante da crença que existe de raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira. Exemplo disso são as teorias raciais que serviram para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 179).

Conforme os autores, o racismo está presente nas ações que algumas pessoas “apresentam” em relação às populações negras. A ocorrência dessas ações de cunho racial gera situações aterrorizantes que apavoram a vivência dos negros e das negras, aumentando, assim, a exclusão destes em nossa sociedade. É nítido que estas opressões continuam acontecendo até hoje, colocando a raça⁸ negra em um duplo destaque: o capitalismo e o racismo.

O termo raça – “... hoje sabemos que raça é uma construção social...” (SCHWARCZ, 2017, p. 113) – vem sendo discutido há tempos. Os colonizadores tinham em suas mãos as relações de poder, diante disso, os conquistadores e conquistados tinham uma grande diferença, porquanto na América vigorava o poder do colonialismo, de modo que os conquistados pertenciam às classes dos subordinados. Quijano (2005) afirma que:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não europeus. Historicamente, isso significou

⁸ O conceito de raça pode ter uma conotação própria do campo das ciências naturais. Nesse campo, trata-se de um conceito utilizado para definir classes de animais que têm origem em um tronco comum, com características e potencialidades físicas específicas relativas a cada raça (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 174-175).

uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (QUIJANO, 2005, p. 01).

Conforme o pensamento do autor, esses povos tinham em suas mãos os poderes do capitalismo eurocêntrico, inferiorizando, assim, as classes dos subalternados. A partir daí, essas classificações de dominantes foram crescendo cada vez mais no seio da humanidade, permitindo que o capitalismo e o racismo tomassem conta de nossa sociedade, pois “o capital, monopolizado e transnacionalizado, utiliza todos os mecanismos de pressão e constrangimento, inclusive violentos, para impedir qualquer ação regulatória ou controladora” (OLIVEIRA, 2021, p. 30).

Historicamente, a raça negra recebeu esses marcadores sociais há muito tempo, mesmo em suas migrações em outros lugares não deixaram de existir, sempre acompanhada por tratamentos que inferiorizam. Há muitos anos, os nossos antepassados e ancestrais sofreram maus tratos por causa de sua raça e cruzaram o Atlântico no mar de dores, xingamentos, sofrendo todo tipo de opressão. Akotirene (2020), nesse sentido, ensina o seguinte:

É oportuno descolonizar perspectivas hegemônicas sobre a teoria da interseccionalidade e adotar o Atlântico como lócus de opressões cruzadas, pois acredita que esse território de águas traduz fundamentalmente a história e migração forçada de africanos e africanas. As águas, além disso, cicatrizam as feridas coloniais causadas pela Europa, manifestas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contrapostos humanos e não humanos. No mar Atlântico tem o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano (AKOTIRENE, 2020, p. 20).

Conforme a autora, descolonizar várias perspectivas de opressões é de fundamental importância, pois esses cruzamentos entre águas só trouxeram dores e perturbações. Além disso, vários povos, embora da mesma espécie, eram tratados como se não fossem ninguém, e sua cultura passou a ser desvalorizada por povos

que simplesmente não aceitavam e não respeitavam suas diferenças fenotípicas e/ou características que os diminuíssem.

Estas opressões de racismo, preconceitos e discriminações⁹ apenas cresceram mais e mais contra os (as) negros (as). Portanto, é hora de mudar essa situação, ampliar o debate sobre esses assuntos que aterrorizam nossa sociedade negra, realizar palestras, em todos os níveis de nossas relações sociais. Não podemos aceitar que gente como a gente passe por tanta humilhação em uma sociedade racista, capitalista, entendendo que “O Estado é um derivado necessário da própria reprodução capitalista” (DEVULSKY, 2021, p. 11).

Respeitar todas as pessoas a nossa volta faz-se necessário e urgente, visto que essa falta de empatia com o próximo aterroriza as camadas subalternizadas da nossa sociedade em geral. As pessoas que pertencem a esses grupos precisam ser visibilizadas nesse mundo injusto e cruel, precisam que suas vozes sejam escutadas, narrando suas histórias de vida e resistências, pois têm um legado de histórias para compartilhar com as futuras gerações.

A pesquisa *Interseccionalidade nas Narrativas Femininas: O Legado Existencial das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio* nasceu na instituição Espaço Educativo Pensar e Agir, localizada na Praça 23 de abril, n. 70, no município de Biritinga, na Bahia, em 2019, na escola, quando formamos um grupo de estudos composto por uma professora de Biologia, um professor de Geografia, uma professora de Pedagogia, uma advogada e uma Pós-doutora em Educação, no intuito de estudarmos assuntos relacionados aos temas que mais impactavam o nosso município.

Nesse viés, nos reunimos para discutir as tramas do racismo no território do Sisal, na Bahia, assim como publicar artigos de autoria dos próprios membros que compõem o grupo e expandir as dimensões sobre a temática de enfrentamento ao racismo. Chama-nos atenção que o racismo e a violência sexual¹⁰ contra mulheres

⁹ A discriminação direta dirige-se frequentemente a certas classes, como minorias raciais e sexuais, categorias que são construídas culturalmente como pessoas de menor valor. Portanto, a discriminação indireta está marcada pela ausência da intencionalidade explícita de discriminar pessoas. Isso pode acontecer porque a norma ou prática que leva em consideração ou não pode prever de forma correta as consequências da Norma, mas também pode ser produto de uma intenção encoberta de discriminação de membros de um determinado grupo (MOREIRA, 2017, p. 98 e 103).

¹⁰ Sobre esse assunto, Davis (2016) adverte que “Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em capotamento e mutilações, as mulheres eram açoitadas, e também estupradas” (DAVIS, 2016, p. 03).

negras na Bahia trazem culturalmente marcas encrustadas no racismo e na violência de gênero¹¹. As causas mais frequentes da violência estão relacionadas ao machismo estrutural patriarcalista em nossa sociedade (SAFFIOTI, 2015, p. 56).

Estas questões, e especialmente o racismo, despertaram-me o interesse em ingressar no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), para poder contribuir de alguma forma na luta e combate ao racismo. Assim nasceu meu interesse pelo grupo de estudos, que formamos no Espaço Educativo Pensar e Agir do município de Biritinga-Ba, para realizarmos diálogos entre os componentes do grupo e para pensarmos em possíveis publicações nessa área em que os estudos são tão escassos.

Este estudo conta com a participação de oito idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. A Comunidade Quilombola fica a 2 km da sede do município de Biritinga-BA. Elas foram escolhidas por residirem na Comunidade, um lugar subalternizado, excluído, por serem mulheres que sofreram o racismo diretamente, por não terem tido oportunidade de estudo e por vivenciarem más condições de políticas públicas.

Decidimos nos atentar à Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, pois, devido a sua certificação, já imaginávamos que aquela população seria discriminada. Na realidade, já era uma Comunidade discriminada pelos outros moradores da região, com a manifestação de atos de violência, depois da certificação, o preconceito e o racismo contra as pessoas daquele lugar aumentaram muito.

O projeto de pesquisa emergiu durante algumas observações no dia a dia, em sala de aula, em algumas rodas de conversas com os estudantes do ensino fundamental dos anos finais do Espaço Educativo Pensar e Agir do município de Biritinga-BA, sendo possível perceber em suas narrativas que valorizavam muito o estar com os amigos jovens que eram da mesma idade.

Notamos que algumas narrativas, pertencentes a uma geração mais nova, distanciam-se dos mais velhos; alguns jovens acreditam que só porque não possuem a mesma idade não têm nada para aprender com eles. Ao contrário, os mais velhos têm uma gigantesca bagagem construída durante sua vida. De acordo com Debert (1998):

¹¹ Fonte: <http://observatorioseguranca.com.br/violencia-e-racismo-na-bahia/>. Acesso em: 22 out 2022, às 21:04h.

“Geração não se refere a pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras” (p. 60). Tal formulação é baseada na concepção de geração apresentada por Mannheim (1982), segundo a qual geração corresponde a um fenômeno cuja natureza é essencialmente cultural (DEBERT, 1988 *apud* BORGES; MAGALHÃES, 2001, p. 174).

Segundo os autores, geração está relacionada a pessoas que construíram suas histórias ao longo dos tempos e que podem transmitir seus ensinamentos com base em suas trajetórias de vida. Sendo assim, compartilham experiência de vida, de modo que qualquer outra geração precisa respeitá-la.

Nesse contexto, alguns jovens de hoje, só se sentem bem quando estão ligados às tecnologias, esquecendo-se das “convivências sociais: escola, esportes, cursinhos, lazer, entre outros” (NARDON 2006). A família é a base principal entrelaçada à afetividade, pois é através das histórias familiares que fortalecemos e criamos laços com o mundo.

De acordo com Mannheim (1982),

Observa-se que a intensidade e a aceleração dos processos de mudanças tecnológicas, sociais, culturais e econômicas, que caracterizam o mundo de hoje, afetam as relações e os tipos de laços sociais que unem as pessoas de diferentes gerações dentro da família e também fora dela (*apud* BORGES; MAGALHÃES, 2021, p. 174).

As histórias contadas pelos mais jovens estão sempre na “moda”, apresentando certo preconceito com os mais velhos. A partir dessa situação, surgiu a inquietação de como escutar as vozes destas idosas para não serem esquecidas com o passar do tempo. Dessa forma, lembrei-me das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, visto que estão esquecidas pela sua cor e por morarem em um quilombo, além de serem discriminadas por uma sociedade racista.

Nesse viés, surgiu o projeto de pesquisa: “Interseccionalidade nas narrativas femininas: o legado existencial¹² das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio”. Surgiu não apenas do interesse desta pesquisadora na condição de educadora, mas como pessoa que se relaciona com a comunidade

¹² Para Penha (2001), o existencialismo, conseqüentemente, é a doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana, considerada em seu aspecto particular, individual e concreto (PENHA, 2001, p. 01).

quilombola Maria de Juvêncio do município de Biritinga-BA. Entendemos, aqui, a interseccionalidade na perspectiva de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, que assim afirmam:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2021, p. 15-16).

Indo ao encontro das reflexões das autoras, os eixos interseccionais estão presentes em nossa sociedade principalmente para as camadas mais subalternizadas, como os negros e os mais pobres. Para perceber essas opressões não precisamos ir tão longe, é apenas necessário olharmos ao nosso redor.

Por possuir uma propriedade vizinha à Comunidade Quilombola, tenho um enorme apreço pelas pessoas que vivem lá, visto que também tenho familiares que residem neste local. Por ser professora, conhecer a realidade do município e da própria comunidade, vê-las descendo a ladeira que dá acesso a outras localidades, inclusive à Comunidade Quilombola, faz-me refletir sobre suas jornadas e no final da tarde retornarem para suas residências.

Por serem negras estereotipadas – as pessoas já sabem na cidade quem são e a qual comunidade pertencem –, torna-se visível que elas são da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, visto que, toda tarde, avista-se um grupo de mulheres negras, com sacolas, na estrada que dá acesso à comunidade. Neste contexto, tornaram-se estereotipadas na pequena cidade por pertencerem a um quilombo¹³, o qual possui uma história muito semelhante aos outros, uma história fundada no racismo estrutural¹⁴. Nesse viés, é relevante valorizar as narrativas de vida das idosas negras para uma discussão pela valorização do negro.

¹³ O conceito de quilombo pode ser resumido nas seguintes características: a) fuga; b) quantidade mínima de “fugidos” definida com exatidão; c) localização marcada por isolamento relativo, isto é, em “parte despovoada”; d) moradia consolidada ou não; e) Capacidade de consumo traduzida pelos “pilões” ou pela reprodução simples que explicitaria uma condição de marginal aos circuitos de mercado (ALMEIDA, 2011, p. 39).

¹⁴ Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que se cale diante do racismo isso não faz do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ético e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias e/ou com

1.1 Percurso para chegar ao Mestrado Profissional Intervenção Educativa e Social (MPIES) e o fortalecimento do projeto de pesquisa

O Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), em 2019, abriu seleção para aluno especial; diante disso, fui aprovada no Componente Curricular Educação e Cidadania, matriculei-me e passei a frequentar a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) do campus XI, em Serrinha.

Foi um ano decisivo para mim, pois almejava muito adentrar como aluna regular. Ao cursar o componente curricular como aluna especial, tive a oportunidade de conhecer melhor o programa e também o corpo docente, que tinha/tem um carinho e respeito especiais por seus alunos. Isto incentivou meu engajamento para fazer parte deste programa.

A participação como ouvinte em alguns eventos foi de suma importância para a minha vida acadêmica, pois as novas aprendizagens foram construindo e fortalecendo ainda mais minhas expectativas sobre o curso e sobre a instituição de ensino, visto ser a Universidade Pública, em geral, de grande qualidade, especialmente a Uneb. As atividades propostas pela disciplina “Educação e Cidadania” marcaram muito minha caminhada, pois os eventos realizados pelo programa colaboraram com algumas intervenções juntamente com colegas e professores, sendo um momento ímpar em minha vida.

A localização da Universidade do Estado da Bahia também foi muito importante: o MPIES localiza-se no campus XI em Serrinha, próximo de onde moro, fato considerável, já que sabemos dos enfrentamentos de um curso de mestrado, pois requer tempo e dedicação. Um ponto que não posso deixar de destacar é que o MPIES fica localizado no território do Sisal, atendendo todas as minhas expectativas.

O MPIES conta com alguns grupos de pesquisa e eu, como mestranda, faço parte do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS)¹⁵. O grupo de pesquisa GEPERCS é coordenado pela Profa. Dra.

repúdio moral do racismo, depende, antes de tudo, da tomada de postura e doação de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2020, p. 52).

¹⁵ Para maiores informações, acessar: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/30778>

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva e pelo Prof. Dr. Paulo Cezar Borges Martins, área predominante: Ciências Humanas, Sociologia, com o ano de formação em 2011.

No mesmo ano de 2019 realizei a inscrição para a seleção de aluno regular, mas infelizmente não consegui chegar até o final, passei na prova escrita, mas o meu projeto foi desclassificado. Poderia, neste momento, desistir, entretanto a reprovação me fortaleceu para querer adentrar no programa. A partir daí, dediquei-me ao máximo para fortalecer meu currículo e modificar meu projeto de pesquisa, porque o objetivo era ingressar no MPIES.

No ano de 2020, realizei a seleção para aluno regular e, graças a Deus, em todas as etapas fui sendo aprovada, cada etapa cumprida era um triunfo e sucesso, pois para uma pessoa que não teve acesso a uma Universidade Pública cada aprovação tinha que ser comemorada.

No MPIES, além dos colóquios, seminários que são realizados pelo programa, os professores estão sempre buscando e nos motivando a realizar produções acadêmicas. No final do ano passado, o programa obteve a publicação de um livro com artigos nossos (os/as mestrandos/as) e respectivos/as orientadores/as por uma editora.

Com a aprovação na seleção de Mestrado, o projeto de pesquisa foi credenciado na Linha de Pesquisa “Novas formas de subjetivação e organização comunitária” do grupo de Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GPERCS).

Nesse caminho, os objetivos específicos da pesquisa e da intervenção foram: Discutir os conceitos de interseccionalidade, narrativa e legado; Analisar as narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio a partir da interseccionalidade, buscando inferir o seu legado; Construir um diário¹⁶ de memórias a partir das narrativas de vida das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio.

O caminho teórico e metodológico da pesquisa constituiu-se a partir das construções de cada etapa do processo investigativo. Diante das vivências das idosas negras e de suas narrativas de vida fomos montando o percurso e

¹⁶ O diário pode ser usado para o registro de “reações, sentimentos, comportamentos específicos, interações sociais, atividades e/ou eventos”, em um determinado período de tempo, conforme ressalta Symon *apud* Zaccarelli e Godoy (2010, p. 98).

adequando a cada etapa da investigação. Assim, esta pesquisa empenha-se de maneira a valorizar e visibilizar a importância da vida do povo negro, principalmente as mulheres negras que têm uma história marcada pela desvalorização de gênero. Nossa perspectiva é de que “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele” (LUDKE; ANDRÉ, 2014, p. 01).

Nesse contexto, destacamos a relevância social de dar visibilidade e valorizar a mulher negra e suas narrativas de vida, sendo um importante instrumento para a memória e identidade do povo negro; para a academia, trata-se de intensificar o debate e ampliar as pesquisas e ações neste campo que é tão relevante para a sociedade brasileira, entendendo que “[...] é a partir da imagem de si mesmo como outro que o sujeito tem acesso à sua identidade” (NOGUEIRA, 2021, p. 84). Esse acesso acontece por um processo de construção e a “[...] imagem do corpo não se relaciona somente com o imaginário, é também da ordem do simbólico [...]” (NOGUEIRA, 2021, p. 99).

Portanto, o produto foi construído através do projeto de Intervenção vinculado ao projeto de pesquisa, no qual foram descritas as etapas de cada processo para colher as narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio do Município de Biritinga-BA.

O *Diário de Memórias das Idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio*¹⁷ (Apêndice C) servirá como mais um instrumento pedagógico para trabalharmos e para afirmarmos as ações antirracistas em nossa sociedade, visto que ele contará com as narrações das histórias de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, trazendo o legado existencial de cada uma delas nas rodas de conversas, destacando, assim, o racismo e o preconceito vividos por elas.

Ademais, este estudo irá somar nas plataformas de pesquisas científicas (Dissertações), visto que é um campo com poucas produções acerca da temática, uma vez que durante as pesquisas realizadas para a construção do estado da arte poucos estudos foram encontrados a respeito da temática abordada.

¹⁷ O diário poderá ser acessado por meio do link:

<https://drive.google.com/drive/folders/1t6SywUYiw6deXpFfUYH0iNDYRrAvVKRT>

1.2 Apresentação do trabalho final

Com base no Art. 46 do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social (MPIES), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que dispõe sobre os formatos dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), esta pesquisa está estruturada da seguinte maneira:

Introdução: Apresenta o contexto, a questão problema, a justificativa, os objetivos e o formato de apresentação do trabalho final. Em seguida, são apresentadas as seções, assim organizadas:

Percorso Metodológico: Aborda a natureza da pesquisa, desenho de estudo, procedimentos de acesso às informações, o estado da arte, lócus da pesquisa, quadro resumo da pesquisa, procedimentos de análise e questões éticas, identificação dos sujeitos da pesquisa.

Resultados: Este tópico é composto pelos artigos resultantes do processo investigativo, assim distribuídos:

1. Artigo I: Interseccionalidade, Legado e Narrativa: Uma Construção Conceitual.
2. Artigo II: Narrativas de Vidas das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio.
3. Artigo III: Memórias Transcritas em Diário Coletivo: As experiências das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio.

Considerações finais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Iniciei a pesquisa sabendo que se tratava de um campo de investigação bastante delicado, principalmente por tratar-se de idosas negras que vivem na Comunidade Quilombola e que, ao longo dos tempos, sofreram com a falta de respeito, tendo o racismo e o preconceito presentes em todas as etapas da vida. Assim, sabíamos que por algum motivo poderiam rejeitar a participação, por não desejarem revelar suas experiências presentes na memória.

Para atingir os objetivos, geral e específicos, e responder à questão de pesquisa deste trabalho, utilizamos da abordagem qualitativa. Nas palavras de Minayo (2007, p. 21), “[...] a pesquisa qualitativa envolve um universo dos significados, dos motivos, aspirações, crenças e valores”, envolvendo um contexto de fenômenos humanos.

O procedimento bibliográfico empírico, de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 44), tem como finalidade fazer com que o pesquisador entre em contato direto com toda a escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; auxiliando o pesquisador na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações.

O tipo da pesquisa é História Oral, com base em Aberti (2004). A partir das perspectivas da História Oral, como adverte Alberti (2004, p. 155), como método de análise e como procedimento de coleta de dados, foi possível construir o conceito de narrativas orais de histórias de vida, com vistas a reunir pesquisas e produção em comunicação e inovação que relacionem memória, história, cultura, subjetividades, linguagens, imaginários, mídias e novas tecnologias. Foram, ao longo do tempo, somando-se os ensinamentos da história oral de vida e temática com o caráter comunicativo da memória, bem como da cultura e dos imaginários sociais, das perspectivas da constituição de discursos e das narrativas.

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e presente (ALBERTI, 2004, p. 155).

Os relatos pessoais são vistos como narrativas dos sujeitos, artífices da própria história, a oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que

aciona a sua capacidade psíquica de rememorar, propriedade humana de conservar certas informações sobre o passado (LE GOFF, 2003).

Segundo Edmund Husserl (1859-1938), a fenomenologia é um método que é a própria ciência da essência do conhecimento, ou doutrina universal das essências (HUSSERL, 1990, p. 22). Esses ensinamentos adquiridos ao longo do tempo podem ser instrumentos metodológicos para as futuras gerações.

Para coletar as informações, utilizamos rodas de conversas, na ótica de Afonso e Abade (2008), em que as autoras relatam ser uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão de todos que estão participando.

Para análise dos dados da pesquisa de intervenção foi utilizada análise interpretativa compreensiva, com inspiração em Ricoeur (1976, p. 83). O autor retrata que a análise serve para “prover uma escrita que será contrapartida do texto enquanto obra do discurso”. Para essa análise, foi preciso entender a interpretação e compreender os contextos do que se quer pesquisar, pois trata-se de uma interpretação detalhada das narrativas observadas, dessa forma, a compreensão funde-se na participação na mesma esfera do sentido.

2.1 Histórico de Biritinga

O município de Biritinga¹⁸ está localizado na Região Nordeste do Estado da Bahia, distante aproximadamente 188 km da capital, Salvador, com coordenadas de 11.36° de Latitude Sul e 38.46° de Longitude Oeste, cobrindo uma área total de 553,762 km². Quanto à Densidade Demográfica, calcula-se 26,97 hab./km². Suas terras limitam-se com os municípios vizinhos de Araci e Tucano (ao Norte); Água Fria (ao Sul); Sátiro Dias (a Leste); Teofilândia e Serrinha (a Oeste) (IBGE, 2017).

A história de Biritinga-BA registra que o surgimento do nome da cidade se deu por ser considerado nome indígena que significa “Biri” = “Cana Silvestre” e “Tinga” = “Branca”, por volta de 1822 (IBGE, 2017). Ligando Alagoinhas a Monte Santo, a cidade passou a cortar as terras hoje pertencentes ao atual município de Biritinga num lugar denominado Manga, que recebeu esse nome devido à existência de água

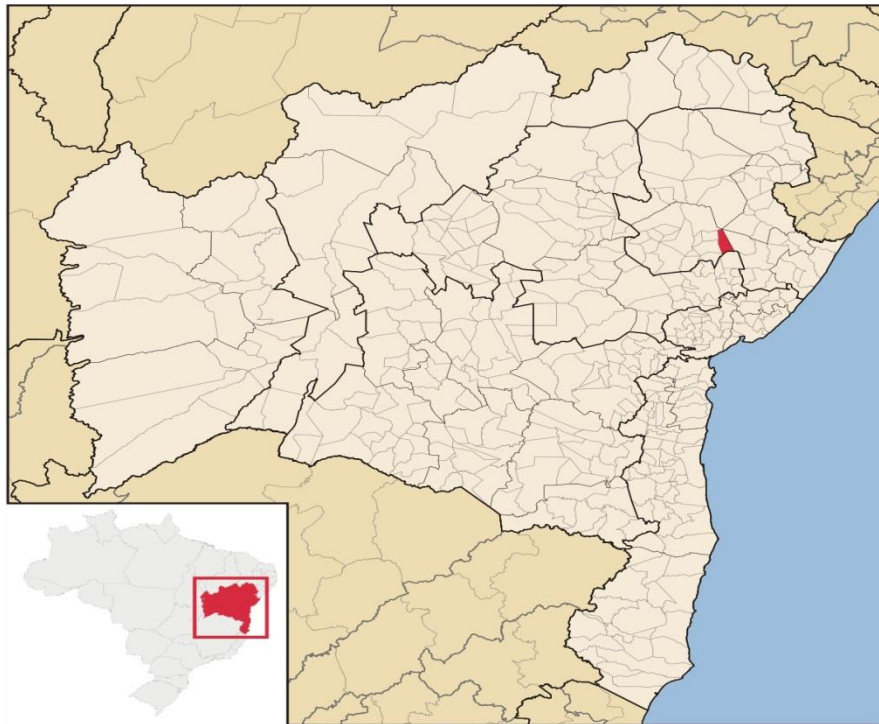
¹⁸ A história do município de Biritinga-Bahia, foi retirada de *Análise do processamento dos casos de violência contra a mulher em Biritinga-BA no período de 2010-2016* (ARAÚJO, 2017, p. 26). Disponível em: <https://docero.com.br/doc/58500sc>. Acesso em: 04 jun. 2022.

em abundância e neste lugar haver um grande pé de manga, cuja árvore foi transformada em pouso de tropeiros e viajantes (IBGE, 2017).

Formalmente reconhecido o povoado de Manga pelo Ato Estadual, de 16 de abril de 1890, o distrito foi anexado ao município de Serrinha. Foi então transferida a sede do distrito para o lugar denominado Manga, com o nome de Biritinga. A localidade conhecida como Manga foi distrito de Serrinha por muitos anos. Somente em 13 de abril de 1962 passou à categoria de cidade pela Lei nº 1684 de 23 de abril de 1962 - Diário Oficial de 25 de abril de 1962, com o nome de Biritinga (IBGE, 2017).

O município de Biritinga possui duas comunidades Quilombolas: uma na Comunidade De Vila nova, que fica 10 km distante do município; e a outra a 2 km da sede, que recentemente teve sua certificação de quilombo denominada Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, como mostra a Figura 1, seguinte.

Figura 1 - Mapa de Biritinga



Fonte: Imagem disponível em: <https://mapas.guiamais.com.br/biritinga-ba>.

Em seguida, apresentamos algumas fotos da Cidade de Biritinga-BA, com seus principais pontos de observação e turísticos, conforme as Figuras 2, 3 e 4, a seguir.

Figura 2 - Foto tirada da pedra do Mocó



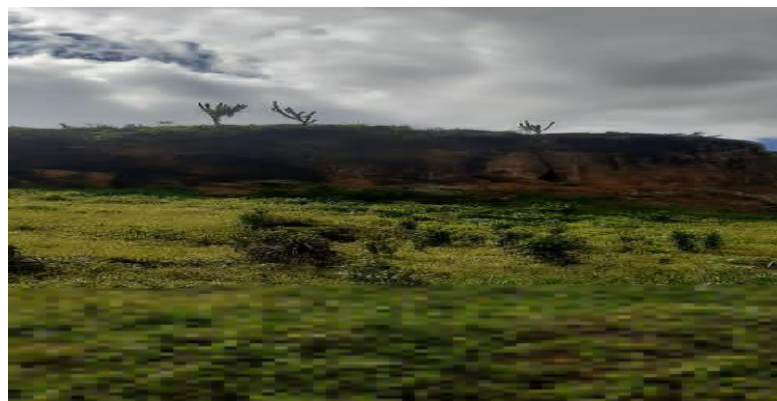
Fonte: Própria Pesquisadora.

Figura 3 - Praça da Igreja



Fonte: Própria Pesquisadora.

Figura 4 - Pedra do Mocó, Biritinga/BA¹⁹



Fonte: própria pesquisadora.

A figura 2 foi tirada de cima da pedra do Mocó – um monte rochoso –, onde, de cima, é possível visualizar uma grande parte cidade. Vista do alto, podemos

¹⁹ Disponível em: <http://renilsonsilva01.blogspot.com/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

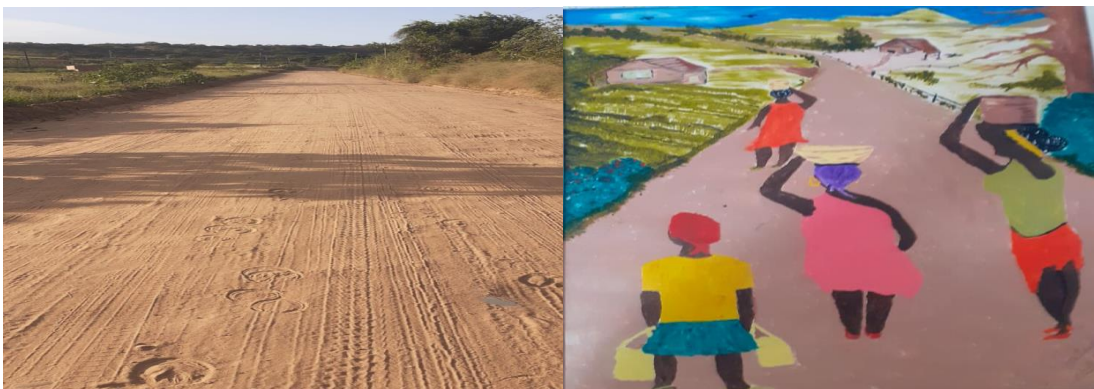
observar a boniteza da cidade e suas plantações presentes. Já a figura 3 permite ver a Igreja Católica da cidade, onde os fiéis participam das missas aos domingos e das festividades católicas.

A figura 4 mostra a Pedra do Mocó, localizada na área urbana do município de Biritinga-BA, constantemente visitada por populares. O local é ícone histórico e pertence ao município. A paróquia da cidade utiliza o lugar como um dos pontos de orações e procissões, pois acima da pedra existe uma cruz, algo que também existe em outras partes da cidade. A origem do nome veio de um animal que, segundo informações, era comum na área: o mocó é um roedor encontrado em áreas descampadas e pedregosas da Caatinga. Tal roedor possui o tamanho pouco maior do que o de um preá, cauda ausente ou vestigial e pelagem cinzenta, passando a maior parte do tempo em tocas, locais que abrigam barbeiros (*Triatoma*), insetos transmissores da Doença de Chagas, sendo um dos motivos que também os fizeram ser perseguidos para fins de pesquisa. Para aproximar-se desse roedor é preciso se locomover em sentido contrário ao do vento, a fim de não ser denunciado por seu olfato privilegiado. Nos dias nublados, o mocó sai para se alimentar de manhã e à tarde. Nos dias claros, abandona sua toca apenas à noite. Alimenta-se de cascas de árvores, brotos, folhas e frutos. Tal roedor é também domesticável.

2.2 História da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio

As Figuras 5 e 6, seguintes, ilustram pontos marcantes da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, como a estrada para a comunidade e o crucifixo.

Figura 5 - Estrada que dá acesso à Comunidade Quilombola



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora em 30/06/2022 (à esquerda) e desenho de Gabriel Loureiro Ribeiro, Biritinga-Bahia em 20/12/2021 (à direita).

Figura 6 - Crucifixo da Comunidade Quilombola



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora em 30/06/2022.

O Quilombo Maria de Juvêncio²⁰ está localizado na comunidade de Trindade, no município de Biritinga-Ba. Teve sua certificação no dia 13 de maio de 2019²¹ (ver Anexo B). Sua história iniciou-se depois que um ex-escravo alforriado, em busca de segurança e melhor condição de vida, refugiou-se nesse local por ser propício a sua segurança e poder estimular a fuga de seus companheiros que não tinham como sair do domínio de seus senhores. Com o passar do tempo, o povoado da Trindade foi crescendo e outras pessoas passaram também a morar nas redondezas. Visto ser uma comunidade composta pela raça negra, as pessoas das proximidades vizinhas discriminavam muito aqueles moradores, de modo que mais conflitos foram surgindo.

No município foram registradas duas Comunidades como Quilombolas, quais sejam: povoado da Vila Nova e Trindade. A Comunidade Quilombola da Trindade, denominada Maria de Juvêncio, fica cerca de 2 km distante da comunidade urbana, possui 480 moradores, até o momento 200 famílias foram registradas como quilombolas. É assistida por posto de saúde, creche escola que atende a crianças quilombolas da comunidade e uma escola que atende o ensino fundamental.

Nesse sentido, as idosas negras que vivem nesta Comunidade Quilombola possuem experiências de vida que, através de suas narrativas, darão oportunidade de outras pessoas conhecerem suas histórias de lutas e resistências. Enfatizamos,

²⁰ Texto disponibilizado pelo presidente da Associação Quilombola Maria de Juvêncio Edvaldo de Jesus CNPJ: 23087-254/0001-94.

²¹ República Federativa do Brasil Ministério da Cidadania, Fundação Cultural dos Palmares. Criada pela Lei 7.668 de 22 de agosto de 1988.

nesta pesquisa, as narrativas de vida das idosas negras que vivem na Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio da Trindade, no município de Biritinga, na Bahia. Vale ressaltar, ainda, que a parte econômica na Comunidade Quilombola prevalecem algumas atividades agrícolas, como cultivo de feijão e mandioca, benefícios da aposentadoria, entre outros. Estão presentes, também, na comunidade os programas sociais, tais como; bolsa família e seguro Safra.

As Figuras 7, 8 e 9, adiante, ilustram alguns importantes pontos da comunidade.

Figura 7 - Praça da Comunidade Quilombola



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora em 30/06/2022.

Figura 8 - Campo de Futebol



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora em 30/06/2022.

Figura 9 - Parte das casas da Comunidade e o posto de saúde



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora em 30/06/2022.

2.3 Primeiros passos da pesquisa

Antes da realização do projeto de intervenção, realizei uma busca nas plataformas SCIELO, CAPES e no GOOGLE ACADÊMICO e BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES referentes aos anos de 2015 a 2020, para um levantamento de projetos relacionados à temática que me propunha a pesquisar, ou seja, as narrativas de vida das idosas negras.

Destacamos esses marcos temporais considerando a existência de pesquisas mais recentes sobre a temática estudada, a fim de perceber como estão sendo trabalhadas as amostras nas instituições de ensino em diferentes épocas, tendo em vista não tornar o trabalho muito extenso em suas análises.

Desse modo, os descritores foram: Narrativas de vida; Racismo; Idosas Negras. O Quadro 1, seguinte, apresenta as Teses encontradas.

Quadro 1 - Estado da Arte

Ano/Classificação	Instituição / Região	Plataforma	Nome	Título	Palavras-Chave	Objetivos	Resultados
2015/	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia Programa de Pós-	Google	Tânia Maria	Memória, Trabalho e Envelhecimento de Mulheres Negras Idosas em uma	Mulheres negras	Objetivo deste estudo foi conhecer a memória do trabalho e envelhecimento	Verificou-se que o processo de envelhecimento

Dissertação	Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade Vitória da Conquista - BA	acadêmico	Rodrigues da Rocha	Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo em Vitória da Conquista – Bahia	idosas. Memória do trabalho. Envelhecimento.	das mulheres negras idosas na Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo, em Vitória da Conquista – Bahia.	não foi um fator preponderante para limitar a participação das mulheres negras nas atividades laborativas
2016/ Dissertação	Universidade da Paraíba/Prós Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa/Programa de Pós-Graduação em Formação de Professora/PPGF P Campinas Grande/PB	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	Marta Oliveira Barros	Memória de Idosos Quilombolas como recurso didático: Escola Básica do Quilombo de Matão-PB	Práticas pedagógicas ^{s22} . Memória. Quilombo	Desenvolver atividades práticas que valorizem a história e a cultura local a partir das memórias dos idosos nas décadas iniciais do século XX até as primeiras décadas do século XXI.	Os resultados dessa pesquisa implicam ações concretas, visto que a formação docente proporcionada na oficina foi fundamental para que sejam valorizadas a história e a cultura quilombola no cotidiano escolar.
2016/ Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Faculdade de Educação/ Programa de Pós- Graduação em Educação. Porto Alegre	Google acadêmico.	Nilsa Maria Conceição dos Santos	Um Estudo Sobre Seus Saberes nas Perspectivas de Envelhecimento, Trabalho, Sexualidade e Religiosidade.	Mulheres. Negras. Envelhecimento. Trabalho. Sexualidade. Religiosidade.	Investigar alguns dos saberes produzido pelas mulheres negras e velhas nas relações de poder e nos seus relacionamentos	Ficou evidente o potencial dessas mulheres, expresso e materializado em suas práticas, nos efeitos de seus discursos que materializam uma condição financeira que as permite viver com mais conforto e qualidade de vida do que a geração que as antecedeu.
2019/ Dissertação	Universidade da Paraíba/ Programa de Pós – Graduação em Educação.	Google acadêmico	Simone Joaquim Cavalcante	Experiências e Saberes de vidas em Narrativas de Mulheres Negras	Experiência. Narrativas de mulheres negras. Saberes não escolares.	Compreender seus processos educativos não escolares, a partir dos núcleos de sentidos: modos de ser	Nas histórias de Lulu Lopes e de Lourdes Ferreira e seus saberes, suas experiências trazidas em suas

22 “Entendo a prática pedagógica como uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática, e é essencialmente nosso dever, como educadores, a busca de condições necessárias à sua realização. [...] formalmente tem um lado ideal, teórico, idealizado enquanto formula anseios onde está presente e subjetividade humana, e um lado real, material, propriamente prático, objetivo” (VEIGA, 1994, p. 16-17).

	João Pessoa				Lalu Lopes. Lourdes Ferreira	mulher, sonhos interditados, saberes sobre as plantas, gosto pelas letras e trabalho comunitário.	narrativas rompem as barreiras do silêncio social e acadêmico e transpassam as fronteiras da invisibilidade na pesquisa em Educação.
2020/ Dissertação	Pontifícia Universidade Católica de Minas Geais/ Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Belo Horizonte	Google acadêmico	Kátia Maria Pacheco Saraiva	Tempos de tessituras intergeracionais : uma reflexão sobre o projeto de extensão “Sacudindo a Memória”	Convívio intergeracional; espaço potencial; extensão e formação; cidade e memória.	É compreender em que medida as experiências narrativas da memória autobiográfica da pessoa idosa funcionam como dispositivos relacionais entre gerações e seu potencial de ressignificação, de transmissão, modificação e de construção de relações intergeracionais entre jovens e idosos.	Os resultados indicaram que a proposta socioeducativa extensionista intergeracional do “Sacudindo a Memória” diminuiu o preconceito etário de ambas as partes; criou um lugar confiável e comunicativo que favoreceu o convívio intergeracional; constituiu um importante canal de transmissão da “experiência cultural” dos idosos que se transformou em legado para as gerações; possibilitou mudanças não só em ações com relação ao envelhecimento e a velhice, mas, também, provocou a ressignificação das próprias experiências de vida, das práticas e do convívio;

Fonte: Plataformas SCIELO, CAPES e GOOGLE ACADÊMICO nos anos de 2015 a 2020.

Após realizar uma busca ativa, dediquei-me a abordar a temática em pauta com base em autores/as que corroborassem para o seu amadurecimento. Com efeito, a pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa, tendo como fonte de

estudo Minayo (2007, p. 22), ao nos ensinar que “a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados”. Nesse ínterim, essa abordagem possibilita debruçarmo-nos em novos caminhos na pesquisa, produzindo novas dimensões de informações para o estudo.

Deste modo, centramo-nos no método de pesquisa fenomenológico em consonância com Husserl (1986), pois acreditamos que as idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio possuem conhecimentos que elas construíram o longo de suas vidas. Husserl (1986, p. 22), com a obra intitulada *A Ideia da Fenomenologia*, afirma que “a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra à ciência da essência do conhecimento”. Seguindo o pensar de Husserl, esses conhecimentos são experiências que conquistamos durante nossas vidas. Larrosa (2005) ressalta que:

A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos com o que somos e o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. Por isso, colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo, ou da prática) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com sua vida, sua vitalidade. [...]. (LARROSA, 2005, p. 74).

Nesse contexto, tanto Larrosa quanto Husserl vem apresentando uma linguagem sobre os conhecimentos que uma pessoa pode adquirir no percurso do seu caminho, a vida. É comum as pessoas dizerem em seu dia a dia que possuem uma experiência conquistada ao longo dos seus anos de vida e que, de algum modo, podem servir de experiência para os que estão a sua volta, no convívio.

Para tanto, adotamos, neste estudo, a ótica de Alberti (2008), por meio do *Manual da História oral*, porquanto é possível reunir várias informações sobre a história, cultura e os ensinamentos que elas carregam em sua memória. Por meio dos relatos das idosas negras constrói-se uma fonte de aprendizagem do que viveram no passado. Alberti (2008) revela que:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou

testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e presente. (ALBERTI, 2008, p. 155).

Neste estudo, portanto, a metodologia está ancorada nas narrativas das participantes da pesquisa, que vivenciaram os acontecimentos tanto no passado quanto no presente. Assim, as narrativas tiveram de ser gravadas pela pesquisadora e, em seguida, transcritas no papel, para, depois, serem analisadas e interpretadas pelos pesquisadores/as ou pelo próprio sujeito, caso desejasse transformar suas narrativas em relato escrito.

A transcrição foi realizada pela própria pesquisadora, que realizou todo o processo. Esta foi uma experiência ímpar, pois quando se realiza a pesquisa e vivencia todo o processo o pesquisador se envolve mais com os sujeitos, podendo também perceber algo que não foi percebido durante a realização do plano de intervenção.

A escolha do método história oral baseou-se no processo da construção do projeto de pesquisa, de acordo com o meu objeto de estudo, ou seja, as narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no município de Biritinga no estado da Bahia, que foram recolhidas em rodas de conversas. Nesse viés, as participantes contaram o que viveram no passado, desde suas infâncias até o momento, destacando as lutas e as resistências de cada uma delas. Esses relatos são experiências²³ que viveram no passado na sua infância e fase adulta e, de alguma forma, no presente têm a oportunidade de recontar e reviver o que já foi vivido.

Deste modo, a metodologia fundou-se nas rodas de conversas, com atividades como músicas, dinâmicas e vídeos, para estimular as narrativas em rodas, visto proporcionarem uma interação com quem está participando; quando se está em roda o diálogo torna-se mais interativo. Afonso e Abade (2008) ensinam-nos que:

Uma roda de Conversa é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão. Para tal, buscamos construir condições para um diálogo entre os participantes através de uma postura de escuta e circulação da palavra bem como o uso de técnicas de dinamização de grupo. É um tipo de metodologia participativa que pode ser utilizada em diferentes contextos

²³ “[...] A vida, como experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser [...]” (LARROSA, 2005, p. 74).

para promover uma cultura de reflexão sobre os direitos humanos (AFONSO; ABADE, 2008, p. 19).

Conforme as autoras, as rodas de conversa possibilitam uma troca de experiências entre os participantes, visto que fazem, também, com que os sujeitos²⁴ saibam a hora falar e escutar, refletindo sobre o que está sendo debatido nas rodas. Dialogando com o meu objeto de estudo, o legado²⁵ existencial das idosas negras – entendendo que existencialismo é uma filosofia²⁶ que trata diretamente da existência humana (PENHA, 2001, p. 25) –, destaco em suas as narrativas de vida as lutas e as resistências, pois nas rodas de conversas elas tiveram a oportunidade de fazer uma troca de experiências refletindo o que cada uma passou para chegar onde estão hoje. Nas palavras de Carneiro e Ribeiro (2021):

Viver a arte trágica é experimentar a tragicidade da vida, onde se vive os temas, os problemas humanos individuais e universais que aparecem sem solução e carregados de paradoxo, tais como: o dito e o não-dito, consciência e coletividade, liberdade e necessidade, amor e ódio (CARNEIRO; RIBEIRO, 2021, p. 409).

Corroborando com os autores, viver é uma arte em que, a todo tempo, a vida nos apresenta ora alegrias, ora tristezas, e para chegar a algum lugar, às vezes, torna-se necessário fechar os olhos para poder seguir em frente. Foi assim com as idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, ou seja, elas tiveram que, por vezes, fechar os olhos para seguir caminhando na vida e enfrentar os obstáculos, como o ódio que perdurou durante anos em suas vidas.

Afonso e Abade (2008, p. 21) salientam que “[...] as Rodas de Conversas constituem uma metodologia participativa que pode ser utilizada em diversos contextos, tais como escolas, postos de saúde e associações comunitárias [...]”. Entretanto, os encontros com as idosas negras aconteceram na Associação Quilombola Maria de Juvêncio (AQUIMAJU).

²⁴ A noção de sujeito constrói-se em meio a um conjunto de concepções nas quais o eu é visto como consciente de si e da sua capacidade de pensar. (ARAÚJO; OLIVEIRA; ROSSATO, 2016, p. 01). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/chGpCqDwPprVkbyDXKXqWGj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2022, às 09:56.

²⁵ O legado compreende um bem determinado ou conjunto de bens determinados, que são especificados em testamento, deixados a alguém determinado de legatário (DIAS; LIMA, 2018, p. 01).

²⁶ “A filosofia é, em última instância, luta de classes na teoria” (ALTHUSSER *apud* DEVULSKY, 2021, p. 13).

A pesquisadora precisou conduzir muito bem as atividades propostas na pesquisa, tais como: músicas, dinâmicas e vídeos que relacionassem a temática com suas narrativas de vida, pois os acontecimentos ocorreram no passado, precisava evocar as memórias²⁷ das participantes para que pudessem se lembrar das suas histórias e narrar. Vale a pena lembrar que por serem experiências de vida foi preciso ter cautela ao estimular essas narrativas de vida, para não constranger nenhuma delas perante todos.

Nesse sentido, o objeto de estudo foi fortalecido em rodas de conversas com o auxílio de um gravador para registrar as narrativas, que posteriormente seriam transcritas e analisadas. No que tange à análise dos dados, foi utilizada a obra *Teoria da Interpretação* na ótica de Ricouer (1913-2005), que nos ajuda a compreender a metodologia da interpretação e as expressões das escritas da vida. De acordo com Ricouer (2005):

A interpretação é um caso particular da compreensão. É a compreensão aplicada às expressões escritas da vida. Numa teoria dos signos que minimiza a diferença entre a fala e a escrita e que, acima de tudo, não realça a dialéctica de evento e significação, pode esperar-se que a interpretação surja apenas como uma província dentro do império da compreensão (RICOUER, 2005, p. 104).

O autor aduz que tanto na interpretação quanto na compreensão, no interior da teoria dos signos, a fala e a escrita não se distanciam em seus estudos, pois é dentro da compressão que vai renascendo a interpretação dos fatos. Nesse contexto, quando alguém narra podemos fazer uma interpretação da fala e da escrita do sujeito pesquisado.

Para interpretar e compreender o legado existencial das idosas negras quilombolas, foram realizadas várias leituras sobre a interseccionalidade, dando mais ênfase ao racismo, preconceito e o capitalismo, pois, nas narrativas das idosas negras, sempre percebia que esses marcadores interseccionais estavam presentes. Akotirene (2020, p. 37) informa que “[...] não apenas o racismo precisa ser encarado como um problema das feministas brancas, mas também o capitalismo como problemas feministas negras [...]”.

²⁷ A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p. 200).

Torna-se evidente que as participantes guardam em suas memórias recordações do que viveram ao longo dos tempos, mas, para não esquecer, é preciso recordá-las, vivê-las, lembrá-las, mesmo que algumas recordações não sejam positivas. Meihy e Seawright (2021) informam-nos que:

[...] a memória é constituinte e identificável no cérebro, no qual se alojam percepções significativas e permitem retomadas de circunstância ressignificadas individualmente. Tais manifestações podem ser espontâneas ou provocadas, mas também esquecidas [...]. (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p. 105).

Conforme os pensamentos dos autores, a nossa memória tem a função de armazenar informações significativas dentro do nosso cérebro, mas, quando guardadas temporalmente sem exercitá-las, as lembranças vão se perdendo, podendo ser esquecidas. Entretanto, quando chegamos a certa idade, as lembranças vão se perdendo com o tempo.

Com as idosas negras da Comunidade Quilombola não foi diferente. Antes de começar a coleta de dados, foi realizada a dinâmica “Jogo da Memória” com vários objetos dentro de uma caixa para que elas conseguissem lembrar qual objeto elas tinham retirado primeiro, narrando o sentimento que cada objeto despertasse.

A dinâmica teve como objetivo criar um clima agradável entre todas as participantes, estimulando, assim, sua memória no momento de suas narrativas de vida nas rodas de conversas. Portanto, devido a todas as situações que cada uma delas passou em suas vidas, nos momentos de alegrias ou de tristezas, estimular a memória com situações diferentes, como no caso do “Jogo da memória”, era uma descontração agradável para todas.

O resultado da dinâmica foi surpreendente, pois as idosas negras conseguiram lembrar todos os objetos retirados da caixa. Com essa atividade, conseguimos ficar bem mais à vontade, a fim coletar os dados da pesquisa. O Quadro 2 detalha o percurso da pesquisa.

Quadro 2 - Resumo do Percurso Metodológico da Pesquisa

TEMA
Interseccionalidade nas narrativas femininas: o legado existencial das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio

PROBLEMA DE PESQUISA		
De que modo a interseccionalidade nas narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio contribuem na construção do seu legado existencial?		
OBJETIVO GERAL		
Compreender a interseccionalidade nas narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvência no que se refere ao seu legado existencial.		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS		
<ol style="list-style-type: none"> 1. Discutir os conceitos de interseccionalidade, narrativa e legado; 2. Analisar as narrativas de vida das idosas negras da comunidade quilombola Maria de Juvêncio a partir da interseccionalidade buscando inferir o seu legado; 3. Construir um Diário de Memória Coletivo a partir das narrativas de vida das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. 		
CAPÍTULO I	CAPÍTULO II	PRODUTO
<p>Percurso Metodológico</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. História do Município de Biritinga; 2. Estado da Arte; 3. História da Comunidade Quilombola; 4. Quadro resumo do percurso metodológico; 5. Questões Éticas da Pesquisa; 	<p>Artigo I</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Conceitos de Interseccionalidade; Legado e Narrativa; <p>Artigo II</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Narrativas de Vida das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. <p>Artigo III</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Memórias Transcritas em Diário Coletivo: As experiências das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. 	<p><i>Diário de Memórias: Narrativas de Vidas das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, de Biritinga-Bahia.</i></p>
DESENHO DO ESTUDO		
Pesquisa Qualitativa/ Fenomenológica	Técnica da Coleta de dados/ Roda de Conversa	Análise de Dados Análise interpretativa compreensiva de Ricouer
ESTRUTURA DOS ARTIGOS		

Seção I	Seção II	Seção III
Resumo: Introdução: Palavras Seção I/ Seção II/ Considerações finais.	Resumo: Introdução: Palavras-chave: Seção I/ Seção II/ Considerações Finais	Resumo Palavras-chave Introdução Seção I/ Seção II/ Considerações

Fonte: Própria pesquisadora.

2.4 Questões éticas da pesquisa

Quando tomamos a iniciativa de submeter um projeto de pesquisa ao mestrado, seja profissional ou acadêmico, precisamos ter em mente que ao envolver seres humanos é preciso ter o máximo de cuidado, visto que os sujeitos da pesquisa não podem ter danos à saúde em geral. Para tanto, após a pesquisa ser aprovada por uma instituição, o pesquisador precisa submetê-lo também ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Com a aprovação do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XI - da cidade de Serrinha Bahia, também não foi diferente, ou seja, depois de passar pela pré-qualificação com os professores presentes na Banca: o orientador Dr. Everton Nery Carneiro, Dr.^a Patrícia Júlia Souza Coelho e o Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação, após as contribuições, realizei os ajustes com as sugestões dos mesmos. Submeti ao Conselho de Ética em Pesquisa com Seres humanos (CEP) de acordo com a Resolução nº466/1213 e a Resolução nº 510/1614. Após alguns meses, ele foi aprovado com o Número do Parecer: 5.129.040 em 26 de novembro de 2021 (Anexo A).

Depois de ser aprovado pelo CEP, encaminhei para o departamento de Educação do Campus XI - Serrinha e para o orientador, Dr. Everton Nery Carneiro, para ficarem cientes da aprovação. Logo em seguida, comuniquei ao presidente da Associação Quilombola Maria de Juvêncio a aprovação do projeto. Marcamos os dias das rodas de conversas na Escola Aristeu Barbosa, na Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, no município de Biritinga-BA, visto que as reuniões mensais da

Associação acontecem na escola, já que a Associação AQUIMAJUR²⁸ ainda não tem uma sede própria.

A Comunidade quilombola teve sua certificação no dia 26 de novembro de 2007, com Lei de Cadastro número 19, Registro 2.79, fl.181, nos termos do Decreto Supramencionado e da Portaria Interna da FCP número 98. No que diz respeito aos critérios de inclusão das participantes na pesquisa, foram: Quilombola, Idosa, Negra, Mulher, morar na Comunidade quilombola Maria de Juvêncio. Foram critérios de exclusão: não residir na comunidade quilombola Maria de Juvêncio, não comparecer aos encontros marcados ou quem não assinasse todas as declarações autorizando seu direito de imagem, inclusive o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE – Apêndice A).

Na realização desta pesquisa, como se trata de seres humanos, tomamos todo o cuidado. Seguimos, então, as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos em não revelar as identidades das participantes, não expor suas imagens; para sanar algum desconforto emocional, convidamos uma psicóloga, em virtude de possíveis relatos sobre preconceito e atos de racismo, de afetação psicológica ou física, o que poderia ser amenizado através do encaminhamento (se necessário) do(a) da participante ao serviço de atendimento psicológico. Também poderia trazer benefícios, a exemplo da desnaturalização de preconceitos e racismo praticados contra as idosas negras.

Na sequência, apresentamos o TCLE, que foi assinado, ficando uma via em posse de cada idosa negra da comunidade e a outra em posse da pesquisadora. Sobre o TCLE para a aplicação dos instrumentos que foram utilizados na pesquisa é importante ressaltar que foi garantida a confidencialidade da mesma mediante o sigilo da identidade das participantes, substituindo seus nomes por codinomes.

Nesse ínterim, assinalamos que as idosas negras são belas, formosas, sensíveis, delicadas como uma flor. Ximenes (2000, p. 441) ensina-nos que flor é “a melhor ou mais fina parte de um todo, pessoa ou coisa bela”, são, às vezes, grossas, duras, ferozes, amargas, indelicadas por força das duras vivências e das raízes marcadas nas lidas escravocratas que viviam, no patriarcado²⁹ que as construiu e rodeou nos contextos de vida.

²⁸ Associação Quilombola Maria de Juvêncio.

²⁹ É o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens (SAFFIOTE, 2015, p. 47).

Além de mimosas como flores, são às vezes espinhos de mandacaru pelo sofrimento, pela violência vivida. Serem comparadas às flores é o lado bom da situação. Os estereótipos permitem uma visão dual das posturas delas, permitindo dizer que, além de sublimes e delicadas como flores, são ferozes na busca do sustento econômico, do cuidado na família, na luta diária e cotidiana por dias melhores.

As flores possuem um perfume que canta e encanta, são assim as idosas negras: elas possuem um perfume que encanta a todos que se aproximam delas. Diante dessas características, elas escolheram seus nomes fictícios: *ACÁCIA*, *BROMÉLIA*, *CRAVO*, *FLOR DO CAMPO*, *JASMIM*, *ORQUÍDEA*, *ROSA*, *VIOLETA*. Espontaneamente, elas foram indicando os nomes que gostariam que fossem chamadas durante as rodas de conversas, para coletar suas narrativas. O processo da escolha se deu após o momento que foi explicado sobre o Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos.

As participantes ficaram cientes de que a participação delas na pesquisa era voluntária e que poderiam desistir caso não se sentissem confortáveis ao narrar sua história de vida nas rodas de conversas. A roda de conversas teve a participação de oito (8) idosas negras da Comunidade Quilombola.

No que tange às rodas de conversas, elas aconteceram em três dias, de forma presencial, respeitando todos os protocolos de segurança, de acordo com o Ministério da Saúde. Os encontros aconteceram no turno vespertino. No desenvolvimento do projeto, foi utilizado um gravador para registrar as narrativas de vida das idosas negras, a fim de, depois, transcrever essas narrativas, destacando as construções de interseccionalidade vividas por elas, entendendo que “apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 16).

Durante o percurso da pesquisa não houve nenhuma intercorrência grave; no segundo dia, uma participante estava com muita dor de dente, mas, mesmo assim, ela quis continuar na roda de conversa. Portanto, a partir dos dados adquiridos/construídos foi possível analisar as narrativas fazendo reflexões e destacando nas narrativas as formas de intersecção vividas por elas ao longo dos anos. Indiscutivelmente, durante as rodas de conversas com as idosas negras da comunidade quilombola Maria de Juvêncio, ficou nítido o quanto sofre uma mulher, em especial a mulher negra; ela sofre por ser mulher, por ser negra, pela falta de

uma educação de qualidade, emprego, enfim, por não ter as mesmas oportunidades que uma mulher branca. Vejamos, na Tabela 1, a seguir, a identificação dos sujeitos da pesquisa.

Tabela 1 – Identificação dos sujeitos da pesquisa³⁰

Nome	Idade	Profissão	Escolaridade	Quant. de filhos
Acácia	56	Lavradora	Não Alfabetizada	8
Bromélia	58	Lavradora	Não Alfabetizada	11
Cravo ³¹	26	Lavradora	Alfabetizada	2
Flor do Campo	44	Lavradora	Não Alfabetizada	4
Jasmim	58	Lavradora	Alfabetizada	6
Orquídea	64	Lavradora	Alfabetizada	8
Rosa	44	Lavradora	Não Alfabetizada	2
Violeta ³²	49	Lavradora	Alfabetizada	3

Fonte: Própria pesquisadora.

A tabela, acima, é fruto de um questionário respondido no primeiro dia, antes do jogo da memória, para uma melhor identificação de cada uma delas (Apêndice B), às quais a pesquisadora fez perguntas e elas colaboraram com as respostas.

No preenchimento só foram destacados no quadro da identificação os nomes, as idades, profissões, escolaridades e quantidade de filhos. Em relação aos nomes, foram informados nomes fictícios de acordo com as orientações do Comitê de Ética.

No item idade, percebemos que há uma variedade, verificamos que a partir de 44 anos há 2 participantes; com 49 anos 1; com 56 anos 1; com 58 anos há 2; com 64 anos 1. Destacamos, ainda, que há uma participante com 26 anos.

Aos 26 anos, Cravo, embora com pouca idade, pertence ao grupo de idosas negras, vive marcada pela interseccionalidade, em situações iguais às das demais. Por ser mulher, negra, vive subalternizada nessa sociedade racista e preconceituosa, não desfrutou de oportunidades na vida como as mulheres brancas. Desde criança também ajudou seus pais no sustento da sua família, casou-se cedo pensando numa vida melhor, mas não adiantou, logo após seu casamento teve filho e isso agravou ainda mais a situação.

³⁰ Segundo a lei 10.741/2003 só é considerada idosa a pessoa partir dos 60 anos ou mais. Na tabela de identificação dos sujeitos da pesquisa, há mulheres negras de diferentes idades, ou seja, de 26 a 64 anos, de modo que somente uma pertence ao grupo de idosas. No entanto, algumas, com idade inferior a 60 anos, encontram-se nas condições de idosas por pertencerem às mesmas situações de vulnerabilidade social e econômica, tal como de uma idosa. Essas mulheres foram marcadas pelos eixos da opressão de gênero, raça, classe, sexualidade, localização, religião etc. O preconceito e o racismo, os sofrimentos e lutas que atravessaram as avenidas identitárias de suas vidas as levam a serem percebidas como pessoas mais velhas do que de fato são em suas idades.

³¹ Embora Cravo não esteja na terceira idade, vive como se tivesse a mesma idade das idosas negras, pois seu estilo de vida é bem peculiar e idêntico aos modos de vida das demais mulheres.

³² Violeta não participou das rodas de conversa por conta dos horários dos encontros, pois a mesma, em pouco tempo, conseguiu um emprego como trabalhadora doméstica em casa de família. Como todas as outras idosas negras, não teve a oportunidade de estudar e ter outro emprego em sua vida.

Em relação ao campo educacional de Cravo, ela está entre as quatro mulheres alfabetizadas, mesmo assim, continua desempregada, dependente do marido. Por esse motivo, ela se enquadra na mesma situação das idosas negras Quilombolas. Assim como as idosas que não tiveram uma oportunidade no passado, a situação de Cravo piora, pois, com o passar dos anos, não ocorreram muitas evoluções para melhorar as situações destas mulheres negras com pouca idade.

Nesse sentido, observamos que as profissões se enquadram como lavradora, pois seus pais plantavam para o sustento da família. Como naquela época não tinham condições de contratar empregados para ajudarem na roça, os chefes, que eram seus pais, levavam seus filhos(as) para ajudar nas plantações. Sendo assim, algumas delas, como Acácia, Bromélia³³, Flor do campo e Rosa, por terem que ajudar seus pais, não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos. Desse modo, ao invés de estudar tinham que trabalhar desde cedo, não concluindo principalmente o ensino fundamental, que é o básico para saber ler e escrever.

É direito de toda criança ir para a escola, ter acesso a uma educação de qualidade. Os pais ou responsáveis não podem negar este acesso. Para tanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente assegura às crianças este acesso por meio da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, destacando no Art. 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

Conforme o que está transcrito na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, é direito de toda criança ter acesso à educação em qualquer idade, sendo obrigação dos pais ou responsáveis manter os filhos na escola e não os retirar para trabalhar, seja onde for. As crianças precisam completar seu ciclo de estudos na idade certa, para não prejudicar sua formação no futuro.

Infelizmente, ainda hoje, convivemos com situações semelhantes às das idosas negras, vemos crianças fora da escola não para trabalhar na roça ajudando os pais, mas vemos, às vezes, nas ruas. Diante disso, por não conseguir acessar

³³ Bromélia, com o passar dos tempos, começou a estudar na Educação de Jovens e Adultos da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, no município de Biritinga-BA, de modo que já está conseguindo identificar as letrinhas e soletrar algumas palavras (BROMELIA, 2021). Informação retirada das rodas de conversas.

uma vaga em um ambiente escolar, constatamos uma contradição à lei, ou seja, ao direito de toda criança e adolescente.

No campo da educação, foram alfabetizadas as participantes Jasmim, Cravo, Orquídea e Violeta, mesmo com todas as dificuldades da vida elas conseguiram aprender a fazer seus respectivos nomes. Cravo, por sua vez, concluiu o ensino médio.

Observando a quantidades de filhos, percebemos que há uma grande diferença entre os sujeitos da pesquisa, fica explícito que não tiveram acesso a um planejamento familiar. Ressalta-se que naquela época não existia a Lei que temos hoje. A criação da lei 9.263, de 12 de Janeiro de 1996, apresenta discussões sobre o Art. 2º que assim afirma: “[...] planejamento familiar como o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal”.

Em outros significados, o planejamento familiar significa dar direito ao casal de planejar quantos filhos desejam ter e em qual momento é conveniente complementar a família, garantindo, assim, que a família terá acesso a todos os direitos assistidos em pré-natal e pós-parto. A respeito do planejamento familiar, vale ressaltar que também oportuniza alguns tipos de cirurgias, caso seja necessário, se a família apresentar baixa renda.

Portanto, as idosas negras não tiveram essa oportunidade de acessar um planejamento familiar. Podemos observar através do quadro de identificação dos sujeitos da pesquisa que o número de filhos é altíssimo para uma família que possui baixa renda, de modo que se as condições de vida eram muito difíceis para criar um ou dois filhos, muito mais complexas se tornam com 11 filhos, ainda mais sem acesso a um posto de saúde, medicamentos anticoncepcionais. Ademais, algumas delas nem mesmo tinham conhecimento sobre remédios contraceptivos.

Nesse sentido, observa-se que nem todas as leis as idosas negras conseguiram alcançar, porque as leis só foram criadas anos mais tarde, não dando oportunidade para que elas se planejassem em relação à quantidade de filhos. Fica nítido que os eixos interseccionais atravessaram as vidas dessas idosas negras quilombolas, seja na educação ou no trabalho, pois são legados passados de geração em geração.

3 ARTIGO I: INTERSECCIONALIDADE, LEGADO E NARRATIVA: UMA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL

Resumo: Realizar um estudo sobre a interseccionalidade, narrativa e legado é de suma importância, pois vivemos um momento em que as opressões interseccionais, como o racismo e o preconceito, estão ocorrendo a todo vapor em nossa sociedade por causa da cor, principalmente nas populações negras que pertencem ao grupo dos subalternizados. O objetivo é discutir os conceitos de Interseccionalidade, narrativa e legado à luz dos autores que estão presentes no corpo deste estudo. Para tanto, respaldamo-nos na pesquisa qualitativa. Para abrir este estudo, começamos com uma reflexão sobre interseccionalidade, sob a ótica de Akotirene (2020), com sua obra *Interseccionalidade*, onde propõe diversas reflexões para uma discussão acerca das opressões existentes nas populações negras de nossa sociedade; Crenshaw (2002) apresenta um documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Davis (2016), com sua obra *Mulheres, raça e classe*, promove um diálogo sobre as lutas das mulheres negras em seu legado. Logo em seguida, é feita uma breve reflexão sobre o conceito de narrativa baseada em Ricouer (2010), com *Tempo e Narrativa*. Benjamim (1985), com sua obra *O narrador*, aduz o conceito de Narrar. Dias e Lima (2018) apresentam uma discussão sobre o conceito de *Legado*. Tecendo os resultados, revela-se o quanto a raça negra sofre nessa sociedade racista, preconceituosa. Entretanto, são urgentes mais discussões nessa área tão relevante em relação ao preconceito e o racismo. A branquitude não pode pensar que os espaços da sociedade só pertencem a eles, os espaços estão abertos para todas as raças, classes e gêneros.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Narrativa; Legado.

INTRODUÇÃO

É comum, em nosso dia a dia, ouvirmos noticiários sobre racismo, preconceito, discriminação, desigualdades sociais e dominação de poder sobre os mais pobres. A interseccionalidade e seus marcadores encontram-se presentes nas comunidades mais vulneráveis, principalmente na raça negra, pois as exclusões e as desigualdades sociais as perpassam em todos os sentidos, pois são heranças deixadas pela escravidão. Quando se trata dos negros, fica nítido que a exclusão decorre de sua cor, do poder aquisitivo econômico, menor do que o do branco, e por não ter as mesmas oportunidades na sociedade. Ressalta-se que “No Brasil, a história da escravidão, cuja escrita foi, por muito tempo, proibida aos seus protagonistas negros, tem importantes ressonâncias subjetivas” (TABACOF, 2017, p. 53).

Entretanto, as mulheres negras têm sofrido ainda mais nesta sociedade racista e preconceituosa. Infelizmente ainda vemos o aumento do desprezo pela mulher; e se for negra, analfabeta e quilombola torna-se mais gritante. Podemos analisar essa discrepância das discriminações ao lermos o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada³⁴ (Ipea, 2011), visto que nos revela dados sobre a Pobreza, distribuição e desigualdade de renda entre brancos e negros. Ao observar a situação das populações negras, em relação ao rendimento salarial, percebe-se uma desigualdade contínua privilegiando as pessoas de pele clara.

Conforme o IBGE cidades³⁵, o município de Biritinga-BA apresenta uma incidência de pobreza de 20,06%, com o índice de Desenvolvimento Humano de 0,538. Pode-se comprovar essa realidade acima entrelaçando com as narrativas de vida das idosas negras em roda de conversa, ao mensurarmos como vivem as mulheres no quilombo Maria de Juvêncio neste município, considerando que não tiveram oportunidade de um emprego, educação, acesso à saúde de qualidade, enfim, são marcadores que estão presentes em toda a parte. Em particular, no que se refere à educação quilombola, entendemos que:

É preciso aprofundar o debate no campo epistemológico, formar e informar a sociedade para uma nova concepção de educação, suas características, seus símbolos, suas linguagens, seus tempos e as estratégias para incorporar esse conjunto de elementos como demandas importantes e, conseqüentemente, tratá-las como parte da sociedade plural, como é a brasileira. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola apontam questões fundantes para se pensar a educação até então não visualizadas de forma explícita, como a territorialidade de um grupo social. (SILVA; RODRIGUES, 2014, p. 25).

Nas pistas da Educação Quilombola, encontramos várias encruzilhadas³⁶, entre o racismo³⁷ e o preconceito³⁸, mas são necessárias estratégias pedagógicas

³⁴ Material disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. p. 35. Acesso em: 02 jul. 2022.

³⁵ Material disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/biritinga/pesquisa/36/30246>. Acesso em: 02 jul. 2022, às 14:00h.

³⁶ Os tráfegos, os carros que se locomovem na intersecção representam “a discriminação ativa, as políticas contemporâneas que excluem indivíduos em função da sua raça e de seu gênero” (CRENSHAW, 2002, p. 11).

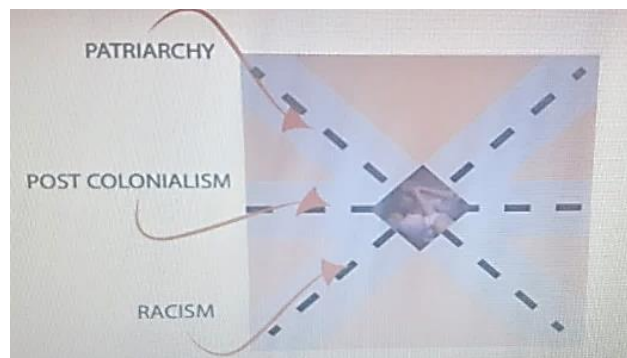
³⁷ O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação às pessoas que possuem o pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato do olho etc. Ele é resultante da crença que existe de raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira. Exemplo disso são as teorias raciais que serviram para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 179).

partindo do currículo, do professor, da prática pedagógica para driblar essas situações que ocorrem no chão da escola e que nas avenidas do currículo precisam ser enfrentadas com atitudes não só de professores, mas de todas as pessoas que compõem a educação, partindo inicialmente do próprio currículo que já vem armado, pronto, cheio de enigmas, situações que não condizem com a realidade de cada sujeito.

Akotirene (2020) descreve o começo destas opressões cruzadas, quando as populações negras eram transportadas como mercadorias. Crenshaw (2002) demonstra, em uma ilustração, que as ruas e as avenidas representam as intersecções da vida, pelas quais o/a negro/a possa vir a passar. Assim, demonstrando os eixos das discriminações, a autora destaca: “a discriminação ativa, as políticas contemporâneas que excluem indivíduos³⁹ em função da sua raça e de seu gênero” (CRENSHAW, 2002, p. 11).

A Figura 1, a seguir, é representativa da análise das intersecções por meio de ruas e avenidas, demonstrando os eixos da discriminação.

Figura 1 – Eixo da Discriminação



Fonte: Assis (2019).

Verificamos, na imagem, que todos os caminhos chegam à negritude⁴⁰, pois todas as direções do racismo, colonialismo e do patriarcado, representados pelas

³⁸ Almeida (2020) informa que o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias (ALMEIDA, 2020, p. 32).

³⁹ Aqui, seguimos a compreensão de que: “[...] a autoconsciência da singularidade do eu não é suficiente por si só para fazer um indivíduo; o indivíduo é uma autoconsciência social” (NOGUEIRA, 2021, p. 47).

⁴⁰ “O conceito identitário de negritude nasce da necessidade de criar um sentimento de pertença que reconecte o povo da diáspora negra entre si e ao presente. Tal ideia foi, e continua sendo, comunicada em várias áreas, como poesia, literatura, escultura, engenharia, política etc.” (MONTEIRO, 2020, p. 43).

estradas, situam-se em vários marcadores que se direcionam a um centro de tudo: o ser negro ⁴¹. Infelizmente, todas as direções, até hoje, direcionam aos subalternizadas, em que “ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de um Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (COSTA *apud* NOGUEIRA, 2021, p. 115).

Outro ponto a ser discutido neste estudo é sobre o conceito de legado que podemos deixar para as futuras gerações da nossa sociedade. O legado mais importante que podemos deixar refere-se a nossa história, o nosso existir, pois a nossa existência vai se constituindo através das experiências vivenciadas e dos sentidos atribuídos. Para Larrosa (2005, p. 74), a palavra “experiência” serviu a muitos de nós para elaborar uma distância a respeito do que poderíamos chamar “a do discurso pedagógico”.

Se adquirirmos as experiências ao longo da vida poderemos transmitir um legado. Leonardo (2021)⁴² destaca que “Legado não é o que você deixa para as pessoas, legado é o que você deixa nas pessoas”. Analisando esta reflexão, o legado não representa bens materiais, mas, sim, aqueles ensinamentos que você deixa para a humanidade, sendo a história de vida um legado para que todos tenham conhecimento da luta e resistência de um sujeito.

Nesse contexto, surgem as narrativas. Narramos porque em nossa memória são guardadas informações que são importantes para nós. Quando narramos, criamos laços com nossas memórias, deixando-os mais fortes, sejam histórias de contos ou até mesmo histórias de vida. Petit (2009, p. 123) nos ensina que: “A narrativa é uma necessidade antropológica, pois ao longo de nossa existência como humanos necessitamos contar, narrar e recontar para construir sentidos pessoais e coletivos”.

⁴¹ “Para os negros, no entanto, o estranho inquietante é mais do que o reconhecimento de um eventual outro - estranho - em si mesmo: é o reconhecimento de sua condição de não ser. Ser negro não é uma condição genérica, é uma condição específica, é um elemento marcado, não neutro. O ‘ser negro’ corresponde a uma categoria incluída num código social que se expressa dentro de um campo etnossemântico onde o significante ‘cor negra’ encerra vários significados. O signo ‘negro’ remete não só a posições sociais inferiores, mas também a características biológicas supostamente aquém do valor daquelas propriedades atribuídas aos brancos. Não se trata de significados explicitamente assumidos, são restos de um processo histórico que persistem numa zona de associações e que podem emergir de forma explícita” (NOGUEIRA, 2021, p. 20).

⁴² Disponível em: <https://www.frasesdeumcristao.com/2021/04/legado-nao-o-que-voce-deixa-pras.html>

Corroborando com a autora, narrar é um ato de reconstruir algo que já vivemos, seja de bom ou de ruim, pois precisamos narrar para reviver as lembranças que estão guardadas em nossa memória. Ao narrar podemos sentir o entrelaçamento de nossa existência, narramos porque existimos e porque guardamos as nossas lembranças em nossa memória.

O presente estudo tem como objetivo discutir os conceitos de Interseccionalidade, Legado e Narrativa à luz dos(as) autores(as) Akotirene (2020), Benjamim (1985) e Dias e Lima (2018), que dialogam com a temática em pauta. No campo metodológico, enveredamo-nos pela pesquisa qualitativa, optando pela metodologia bibliográfica.

O artigo está dividido em quatro seções: Na seção introdutória, contextualizamos o estudo de Interseccionalidade, Narrativa e Legado, dialogando com os autores/as que pesquisam sobre a temática, e apresentamos também os objetivos dos estudos; na segunda seção, tratamos dos conceitos de Interseccionalidade e seus eixos que afetam as populações negras, direcionando as opressões para as mulheres negras; na terceira seção, versamos a Respeito do Legado, com foco na sua importância e relacionando com o legado das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio; na quarta seção, apresentamos a importância das narrativas de vida e de evocar a memória para não ser esquecida; por fim, tecemos nossas considerações gerais, relatando o que a pesquisa nos deixou como legado.

Resumidamente, este estudo apresenta os conceitos de Interseccionalidade, Legado e Narrativa, expondo diálogos interativos de alguns autores(as) que discutem essas temáticas, como: Akotirene (2020), Crenshaw (2002), Davis (2016), Ricouer (2010), Benjamim (1985), e Dias e Lima (2018), dentre outros(as) que contribuíram para o desenvolvimento do estudo.

1 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade não é narrativa teórica de excluídos. Os letramentos ancestrais evitam pensarmos em termos como “problema negro”, “problema da mulher” e “questão das travestis”. Aprendemos com a pensadora Grada Kilomba que as diferenças são sempre relacionais, todas e todos são diferentes uns em relação aos outros. Raciocínio exato sobre a interseccionalidade, desinteressada nas diferenças identitárias, mas nas desigualdades impostas pela matriz de opressão (AKOTIRENE, 2020, p. 50).

Início esta seção com um leque de pensamentos sobre o termo interseccionalidade, que nos faz refletir sobre a base epistemológica dos gritos dos excluídos. Esses gritos foram ecoados cheios de sofrimento, tortura e negação de uma vida livre para a raça negra. Aqui podemos perceber/supor uma epistemologia africana e esta:

Não está desvinculada da ética ou da estética, como ocorre em sistemas especulativos europeus modernos (o de Descartes, por exemplo). Pelo contrário, é relacional e aderida ao cotidiano. Portanto, não pode ser pensada de forma abstrata, desvinculada de determinado modo de vida. (MONTEIRO, 2020, p. 109).

Esse grito de exclusão pode ser ouvido até hoje, passado de geração em geração, e está presente nas encruzilhadas na vida dos negros/as. Nessa circunstância, as mulheres são as que mais sofrem com essa exclusão, principalmente quando nos referimos aos direitos das mulheres. Por volta do século XIX, com o movimento antiescravagista, o sistema começou a mudar um ex-escravo chamado Frederik Douglass, um abolicionista negro que lutou para que as mulheres fossem reconhecidas. Ele se tornou conhecido a partir da obra de Davis (2016) como “o homem dos direitos das mulheres”.

Nesse contexto, os direitos das mulheres passaram por processos de metamorfose, seja no trabalho ou até mesmo no direito de votar, quebrando todo o conceito negado pelo patriarcado. Douglass (apud DAVIS, 2016) assim nos ensina:

Em respeito aos direitos políticos defendemos que seja conferido às mulheres, de modo justo, tudo que reivindicamos para os homens. Vamos além e expressamos nossa convicção de que todos os direitos políticos que podem ser exercidos pelos homens sejam igualmente conferidos às mulheres. Tudo que distingue a um homem como um ser inteligente irresponsável é igualmente válido para as mulheres, e se um governo só é justo quando o governa como consentimento livre dos governantes não há no mundo nenhum motivo para negar a mulher o exercício do direito de votar ou a participação na criação e na administração da lei do país. (DOUGLASS apud DAVIS, 2016, p. 20).

Em consonância com os pensamentos dos autores, as mulheres brancas e negras, desde muito tempo, tiveram que lutar para serem reconhecidas em seus direitos, principalmente os direitos políticos, tornando, assim, uma participação plena nas criações no que se refere a sua positividade nos exercícios no poder público. Mas, apesar de todos esses avanços, infelizmente as inferioridades femininas estão

em destaque, visto que até entre as mulheres aquelas que são brancas já tinham seus privilégios por conta da sua cor. Davis (2016, p. 22) salienta que “nesse processo, as circunstâncias da vida das mulheres brancas mudaram radicalmente. Por volta dos anos 1830, o sistema fabril absolveu muitas das atividades econômicas tradicionais das mulheres. Claro que elas foram libertadas de algumas atividades de suas velhas tarefas opressivas”.

Segundo Lorde e Mbembe citados por Akotirene (2020, p. 22), “as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas”⁴³.

Diante desses pensamentos, fica nítido como o grito da mulher negra vibra mais forte na sociedade mais do que as mulheres brancas, vendo a vida de seus descendentes tratada como se não tivesse valor, sendo vitimados por pessoas que apoiam esses sistemas do colonialismo.

As águas do Atlântico revelam-nos a chegada da interseccionalidade representada por navios negreiros cheios de negros e negras escravizados(as) acorrentados e maltratados, tendo como as águas do oceano o *lócus* da verdadeira opressão, situação que os nossos ancestrais⁴⁴ viveram até chegar em terra firme. Contudo, as mulheres negras vêm lutando contra as algazaras da vida, sendo invisibilizadas pelo simples fato de serem mulheres negras em uma sociedade racista (RIBEIRO, 2009b). Um exemplo bem nítido é o de Sojourner, “Verdade Peregrina”, com seu discurso que revela um descaso com as mulheres negras, sendo vitimadas pela invisibilidade, preconceito e o racismo vivido por elas. Em seu discurso, Ribeiro (2019) afirma:

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação? Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as

⁴³ É o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2020, p.01). Disponível em: www.politize.com.br/. Acesso em: 26 jan. 2022, às 20:02.

⁴⁴ “A epistemologia africana abarca o legado da ancestralidade” (MONTEIRO, 2020, p. 111).

chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”) [...] (RIBEIRO, 2019, p. 13).

Diante desse relato, percebe-se que as características fenotípicas de uma pessoa, seja homem ou mulher, prevalecem em nossa sociedade machista e preconceituosa. Os olhares para a raça negra são olhares de desprezo e desigualdade aos olhos dos brancos. Para Ribeiro (2009a, p. 33), “a branquitude também é um traço identitário, porém marcada por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos. As mulheres negras não têm a oportunidade e a valorização que uma mulher branca na sociedade”.

As mulheres negras não são representadas em cargos de grandes empresas, lojas, pois encontramos geralmente as mulheres negras simplesmente em um emprego com baixa representatividade. O estudo de Santos (2020)⁴⁵, intitulado *Representatividade da mulher negra no mercado de trabalho*, revela-nos o motivo dessa não representação:

Ser mulher e negra traz desafios adicionais, pois, sistematicamente, elas são frustradas em suas expectativas em razão do preconceito; e são preteridas de vagas de emprego em razão da cor da pele. Não se pode negar que há uma questão sistêmica: as mulheres negras enfrentam maior dificuldade para completar a escolarização, o que reforça o ciclo vicioso e as dificuldades de mudança social. (SANTOS, 2020, p. 1).

Como observamos na citação acima, são gritantes os preconceitos com as mulheres negras, de modo que ser rejeitada a uma vaga de emprego ou em qualquer outro objetivo por causa da sua cor é inaceitável. Sabe-se que as desigualdades são múltiplas e o racismo toma conta, sobrepondo-se às mulheres negras em uma situação desvantajosa, dificultando o posicionamento no mercado de trabalho em relação às mulheres brancas.

Segundo Akotirene (2020, p. 26), “as mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das ‘mulheres brancas instruídas’, chegavam em casa e tinham o dinheiro tomado por ‘maridos ociosos’, bastante ofendidos porque não havia ‘comida pronta

⁴⁵ Esse trecho foi retirado da Democracia do Mundo do trabalho em debate (DMT). Disponível em: <https://www.dmtmdebate.com.br/representatividade-da-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 07 jul. 2022, às 15:06.

dentro de casa””. Dessa maneira, a mulher era submissa às patroas e aos seus maridos ociosos.

Diante dessa situação, com o avanço da idade o preconceito e o racismo vão ficando mais fortes, pois o mercado de trabalho as exclui por conta da idade, assim elas experimentam discriminações geracionais por imposição no mundo do trabalho. Akotirene (2020, p. 26) retrata que:

Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide do racismo estrutural, que mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não do emprego, expropriadas; e de geração, infantil, porque deve fazer o que ambos-marido e patroa-querem como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica. Independentemente da idade, o racismo infantiliza as mulheres negras. Velhice é como a raça é vivida; e classe cruza gerações, envelhecendo mulheres negras antes do tempo. (AKOTIRENE, 2020, p. 26-27).

Em consonância com a autora, a “subordinação interseccional”⁴⁶ acaba influenciando na vida das mulheres negras, invisibilizando-as por causa do tempo, oprimindo a vida das mulheres mais idosas, deixando-as à mercê de sua subjetividade feminina. Essa violência causa um desconforto que vai cruzando as interseccionalidades e as negações de direitos, não tendo oportunidade de conquistar seus espaços em uma sociedade capitalista e preconceituosa, sendo preciso compreender “a falsa oposição entre a luta antirracista e a luta anticapitalista promove o enfraquecimento teórico em sua medida epistemológica e política, bloqueando a convergência de seus potenciais de mobilização que não precisam estar vinculados à homogeneização da classe trabalhadora” (DEVULSKY, 2021, p. 20).

Diante desses fatores que afligem e abordam esses gêneros, destacamos as atividades dos tráficos, ligados à marginalização racial e social (CRENSHAW, 2002, p. 175). Crenshaw (2002) assevera que:

[...] o problema do tráfico é frequentemente absorvido pela perspectiva de gênero sem que se discuta raça e outras formas de subordinação que também estão em jogo. Por exemplo, no recente relatório sobre tráfico de mulheres, do comitê sobre a condição das mulheres, não se deu atenção alguma ao fato de que, muitas vezes, a raça ou formas correlatas de subordinação contribuem para aumentar a probabilidade de que certas

⁴⁶ Frequentemente, um certo grau de invisibilidade envolve questões relativas às mulheres marginalizadas, mesmo naquelas circunstâncias em que se tem certo conhecimento sobre seu problema ou condição de vida (CRENSHAW, 2002, p. 174).

mulheres, ao invés de outras, estejam sujeitas a tais abusos. (CRENSHAW, 2002, p. 175).

Refletindo sobre a construção dessa autora, essas atividades que cooptam as mulheres acontecem pelo motivo de serem mais vulneráveis a esse tipo de atividade, pois as oportunidades na vida são poucas, além da negatividade de emprego em vários setores, principalmente em espaços privados, pois a preferência é por mulheres que possuem a representatividade branca. Nesse sentido, as mulheres negras, por falta de oportunidade, acabam sendo exploradas no campo, como trabalhadoras domésticas, como reprodutoras e como objeto para o assédio sexual perpetrado pelo homem branco (hooks,⁴⁷ 2021, p. 47).

Um fator que contribui para esses pontos destacados acima é o nível Educacional dessas mulheres. Por não terem acesso a uma escolarização de qualidade as oportunidades acabam escapando em suas vidas. Por muito tempo, a população negra vem lutando para ter esse acesso ao aprender. Davis (2016), em Sua obra *Mulher Raça e Classe* do ano 2016, no capítulo *Educação e libertação: A perspectiva das mulheres negras*, ensina-nos:

E, depois de séculos de privatização educacional, reivindicaram com ardor o direito de satisfazer seu profundo desejo de aprender. Por isso, assim com suas irmãs e irmãos em todo o sul, a população negra recentemente liberta de Memphis se reuniu e decidiu que a educação era sua maior prioridade. (DAVIS, 2016, p. 85).

Observamos, depois de tantas desigualdades educacionais, que as populações começaram a lutar por um direito que era de todos. Os exemplos mais marcantes entre as populações foram a sororidade que as mulheres brancas tinham em relação às mulheres negras, associada à história de luta do povo negro por educação (DAVIS, 2016, p. 88).

Ao dialogar com hooks (2021) e Davis (2016), observamos que ambas retratam o processo das mulheres e homens negros escravizados em relação ao trabalho doméstico nos lares dos brancos. Enquanto os homens faziam trabalho do campo, às mulheres cabiam os afazeres da cozinha.

⁴⁷ O nome em minúsculo é, conforme bell hooks, para dar enfoque ao conteúdo da escrita e não a minha pessoa. (hooks, 2019, p. 01). Disponível em: www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/. Acesso em: 26 out. 2022, às 20:29.

O legado da escravidão, segundo Davis (2016), indica que “proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalhavam mais fora de casa do que suas irmãs brancas”; na época da escravidão, as mulheres brancas eram vistas para casar e ter filhos, se dedicarem à casa e ao marido, cumprindo um patamar de senhora. As mulheres negras não eram vistas para casar e sim para trabalhar e servir aos seus patrões. Nas palavras de Davis (2016):

O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p. 45).

Nesse contexto, o legado da escravidão reverbera na vida das mulheres negras, impossibilitando-as de terem seus direitos garantidos por lei por causa da sua cor, gerando, assim, um racismo estrutural ⁴⁸, apesar das lutas para conquistarem seus direitos de exercer uma cidadania plena perante a sociedade. Dessa forma, inferiorizam-se as mulheres negras e valorizam-se as mulheres brancas.

A raça negra leva no sangue marcas de sofrimentos por conta desse legado de exclusão e desigualdades. As marcas de opressão deixadas pelo colonialismo caracterizam-nos como uma propriedade tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino branco, sem direito à liberdade de expressão, não tendo como direito uma escola e um trabalho livre. Conforme Almeida (2020),

O racismo aqui não é apenas algo prejudicial ao capitalista e aos trabalhadores negros, mas a todo o capitalismo, visto que o preconceito e ignorância impedem a otimização da produtividade do lucro. O racismo é aquele que deixa de contratar alguém mais ou igualmente produtivo por ter uma preferência irracional por pessoas que pareçam físicas e/ou culturalmente consigo. Deste modo, a discriminação Econômica é a forma de comportamentos individuais baseados em preconceitos e uma falha de mercado no que se refere às informações disponíveis. Segundo este argumento, é preciso, então, que o mercado eduque o agente para que ele aprenda que não há diferença na produtividade de pessoas negras e brancas. (ALMEIDA, 2020, p. 160).

⁴⁸ Racismo Estrutural: Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido. Mas que fique a ressalva já feita: a estrutura social é constituída por inúmeros conflitos: de classe, raça, sexuais (ALMEIDA, 2020, p. 47-48).

Asseverando as palavras do autor, a discriminação contra os negros e negras está para além das características fenotípicas, infelizmente alguns acreditam que os/as negros/as não têm utilidade nenhuma. Por apresentarem a cor da pele diferenciada, acredita-se que a produtividade será afetada negativamente; nesse contexto, a herança da escravidão ainda reverbera, gerando racismo até mesmo nas oportunidades de trabalho. Entendemos que “A libertação da escravatura não significou, para o negro, ingresso na classe trabalhadora; ao contrário, tal processo foi vivenciado como um abandono: abandonado pelos senhores, ele se tornava um peso, um excedente na estrutura social” (NOGUEIRA, 2021, p. 57).

Moreira (2020, p. 62-63) revela que “o racismo é um sistema de exclusão que opera por meio de estigmatização de grupos populares que são racializados por possuírem determinadas características fenotípicas em comum”. Essas formas de intersecção racial são representações de negatividade contra as populações negras, remetendo-nos a refletir sobre como a branquitude coloca a capacidade dos grupos dos subordinados negros e negras à prova.

Ações racistas retiram os direitos dos negros e negras de serem representados em determinado lugar por causa de sua estética. “Sua motivação é, primeiramente, a resistência aos padrões estéticos não negros e, mais especificamente, a padronização do belo pelo branco” (MONTEIRO, 2020, p. 118). Esse tipo de preconceito esmaga uma identidade que foi passada de geração em geração. Conforme Santos (2002), a estética branca afirma que:

O branco é o símbolo da divindade ou de Deus.
 O negro é o símbolo do espírito do mal e do demônio,
 O branco é o símbolo da luz...
 O negro é o símbolo das Trevas as trevas estremecem simbologicamente o mal.
 O branco é o emblema da harmonia,
 O negro o emblema do caos.
 O branco significa beleza Suprema,
 O negro a fúria.
 O branco significa perfeição
 O negro significa o vício
 O branco é o símbolo da inocência
 O negro da culpabilidade do pecado da degradação moral
 O branco for Sublime indique a felicidade
 O negro cor nefasta indica tristeza
 O combate do bem contra o mal é indicado simbologicamente
 pela oposição do negro colocado perto do Branco (SANTOS, 2002, p. 58).

O texto transcrito acima classifica e julga a raça negra negativamente, inferiorizando-a perante as pessoas brancas. Essa discriminação presente nas classes brancas só descaracteriza grupos que sofrem com o racismo ligado à cor da pele. Conforme afirma Almeida (2020, p. 32), “a discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. Vale ressaltar que essa discriminação racial possibilita ações em vantagens e desvantagens de indivíduos ou grupos da minoria classificada como subordinados.

É preciso destacar que nossa compreensão de classe segue “Num sentido mais amplo, o termo classe identifica os grandes grupos humanos que lutam e se relacionam entre si para a produção do sustento próprio, criando relações de dominação” (NOGUEIRA, 2021, p. 50).

Para Moreira (2017), há várias formas de discriminação que uma pessoa ou grupo pode sofrer direta e indiretamente. Essas formas de tratamento direcionado às pessoas ou grupos da minoria demonstram que esses sujeitos se mantêm em desvantagem pelo pacto da branquitude⁴⁹ por violar direitos que pertencerem a esse grupo. Moreira (2017) salienta que: “O conceito de discriminação direta pressupõe que as pessoas são discriminadas a partir de um único vetor e também que a imposição de um tratamento desvantajoso requer a existência da intenção de discriminar” (MOREIRA, 2017, p. 102).

Conforme afirma o autor, a discriminação parte de um pressuposto existente, seja pelo contexto social ou que esteja ligado à raça, gênero. Algumas pessoas discriminam por não pertencerem à mesma classe do discriminador, causando repúdio contra essas pessoas que estão sendo vitimadas.

Atos como esses geram em nossa humanidade opressões a esses grupos minoritários, onde o capitalismo e o racismo falam mais alto em nossa sociedade. Esses fatores, quando não possuímos um poder gerado pelo capitalismo, pioram esse sistema de desvantagem, pois, além de pertencerem às classes dos dominados, ficam à mercê de atos de subordinação. Desta forma:

Somos as vítimas de uma coincidência infeliz, e aconteceu de estarmos no lugar errado no momento errado e assim caímos como presas do mais

⁴⁹ Pacto da Branquitude “Exclui quem não faz parte do grupo, que sustenta as desigualdades” (BENTO, 2 DE MAIO DE 2022). Trecho de uma entrevista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zc51sZOlRQw>. Acesso em: 26 out. 2022, às 08: 45.

sedutor dos oportunistas, um capitalismo tão indiscriminado que instrumentaliza qualquer perspectiva que seja até mesmo uma inerentemente estranha a ele? [...] No momento atual, essas duas críticas à autoridade tradicional, a feminista e a neoliberal, parecem convergir. (FRASER apud BORGES, 2021, p. 54).

Sobre o capitalismo, suas vítimas e a análise do conceito de discriminação anteriormente citado, verifica-se uma grande assimetria entre os povos por vários critérios de discriminação, como gênero, raça. A união de gênero e raça Crenshaw (2002, p. 13) classifica como “discriminação mista ou composta”, esse termo envolve dois grupos em uma única epistemologia entre sexualidade e cor. Em alguns casos, as mulheres brancas são afetadas pelo gênero, pelo fato de ser mulher.

As mulheres negras precisam ser visibilizadas, valorizadas e reconhecidas em nossa sociedade. Nesse sentido, citamos alguns desses nomes que tiveram participação na perspectiva da representatividade na luta contra o preconceito e o racismo, ilustradas nas Figuras 2, 3, 4 e 5, a seguir, tais como:

Figura 2 - Carolina de Jesus⁵⁰



Fonte: Google imagens⁵¹.

Nasceu na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais, em 1914. Era neta de escravos. Seu pai tocava violão. Para o sustento da família Carolina abandonou seu estudo ainda no curso primário para ajudar na manutenção da casa. Depois de passar por várias peripécias pelo sul de Minas Gerais, chegou a São

⁵⁰ As informações sobre Carolina Maria de Jesus, Benedita da Silva, Lélia Gonzáles foram retiradas da obra *O negro no Brasil de hoje* (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 201-203; 211-212).

⁵¹ Imagem disponível em: https://www.google.com/search?q=imagens+de+carolina+de+jesus&sxsrf=ALiCzsYgCmwu3wCKxjgxwbsGqb9sVMg88Q:1667050269364&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjo8oKZxoX7AhXcr5UCHcocB1YQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=625&dpr=1. Acesso em: 29 out. 2022.

Paulo, estabelecendo-se na favela de Canindé. A obra *Quarto de despejo* escrita por uma moradora de favela, Negra, semianalfabeta, causou um grande impacto nos meios acadêmicos.

Carolina Maria de Jesus jamais poderia imaginar o poder explosivo que estava contido em seus diários. O quarto de despejo lançou sucesso inesperado e impressionante. Sua primeira edição, de 10 mil exemplares, esgotou em menos de uma semana. O livro foi traduzido para cerca de 30 idiomas, merecendo sucessivas reedições com tiragens superiores a 10 mil unidades. A obra foi adaptada para teatro, rádio televisão e cinema, sendo sempre um grande sucesso. O poder dessa obra de caráter social mede-se por seu impacto na capital paulista: o fim da favela do Canindé, na ocasião a maior e mais problemática de São Paulo.

Carolina Maria de Jesus também publicou outras obras: *Diário de Bitita*, de 1996; *Casa de Alvenaria*; *Crônicas*; *Pedaços da Fome e Romance*, de 1963, pela Editora Águila.

Figura 3 – Lélia González



Fonte: Google imagens⁵².

Nasceu em Minas Gerais, filha de pai negro e mãe índia. Era Caçula de Três Irmãos. Lélia Almeida González, militante constante da causa da mulher e do negro, em todos os espaços que atuou fez-se digna representante. Era graduada em História e filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestra

⁵² Imagem disponível em: https://www.google.com/search?q=imagens+deLelia+gonz%C3%A1les&tbm=isch&ved=2ahUKEwiC4lOaxoX7AhUGM7kGHRpfCBIQ2-cCegQIABAA&oq=imagens+deLelia+gonz%C3%A1les&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJzoGCAAQCBAeOggIABCABBCxAzoICAAQsQMqgwE6CwgAEIAEELEDEIMBOgUIABCABFCaDljQSmDzTWgAcAB4AIABmQGIAfIQkgEEMC4xNpgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&sclient=img&ei=HytdY8LUHlhm5OUPmr6hkAE&bih=625&biw=1366. Acesso em: 29 out. 2022.

em comunicação também pela UERJ e Doutora em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP).

Soube usar o espaço acadêmico para desenvolver pesquisas temáticas relacionadas à mulher e ao negro/a. Foi professora de várias universidades e escolas importantes e seu último cargo acadêmico foi de diretora do Departamento de sociologia e política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Na vida política, destacou-se como participante da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), anos de 1970 do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), anos de 1970 e do coletivo de mulheres negras N Zinga⁵³

Foi membro do Conselho Nacional dos Direitos da mulher. Participou ativamente de inúmeros congressos internacionais. Atuou também em partidos políticos como primeira suplente de deputado federal, pelo PT, em 1982, e suplente do deputado estadual pelo PDT, em 1986. Incentivadora ardorosa das manifestações culturais de raízes negras, participou de carnavais do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. Ajudou a fundar o Olodum, bloco afro de Salvador, com quem mantinha intercâmbio constante.

Várias vezes fez parte do corpo de jurados das escolas de samba e era torcedora fervorosa do futebol brasileiro. Lélia Gonzales, acadêmica, uma das fundadoras do Colégio Freudiano de Psicanálise, entendia o futebol como cultura. Deixou, além de obras coletivas, teses e muitas anotações, os livros *Lugar de negro*, com autoria de Carlos Hasenbalg, e *Festas populares no Brasil*. Em seu último trabalho, Lélia de Almeida González refletia sobre a especialidade dos negros da diáspora, condição que ela denominou Amefricanidade.

⁵³ O coletivo Nzinga luta contra a discriminação e a opressão de gênero e étnico-racial e busca inclusão sociopolítica e econômica das mulheres afro-brasileiras. Para isso, desenvolve ações nos temas combate ao racismo, saúde sexual e reprodutiva e direitos reprodutivos da mulher negra e atenção à violência de gênero com recorte étnico-racial. Disponível em: <https://www.mulhersegura.org/preciso-de-ajuda/coletivo-de-mulheres-negras-de-belo-horizonte-nzinga>. Acesso em: 26 out. 2022, às 14:32.

Figura 4 – Benedita da Silva



Fonte: Google imagens.⁵⁴

Nasceu em 1942 na favela da Praia do Pinto, na cidade do Rio de Janeiro, e viveu durante 57 anos no morro do chapéu mangueira, no leme. Formou-se auxiliar de enfermagem no ensino médio, sendo licenciada em estudos sociais. Em 1994, tornou-se a primeira mulher negra a ocupar uma vaga no senado, dando continuidade a uma carreira pública que começou em 1982, quando foi eleita vereadora no Rio de Janeiro, após militância na associação de favela do estado Rio de Janeiro.

Em 1986, Benedita elegeu-se deputada federal e participou da assembleia nacional constituinte, onde atuou como titular da Subcomissão dos Negros, das Populações Indígenas e Minorias. Em seguida, passou à Comissão dos Direitos Garantidos do Homem e da Mulher (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 201).

Depois de reeleger-se, em 1990, Benedita da Silva candidatou-se à prefeitura do Rio de Janeiro. Venceu no primeiro turno; no entanto, perdeu no segundo para César Maia. Em 2001, presidiu a Conferência Nacional de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, que reuniu mais de 10 mil pessoas em todo país, entre lideranças da ONGS e governos. No início do Governo Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a Secretaria da Assistência e Promoção Social.

⁵⁴Imagem disponível em:

https://www.google.com/search?q=imagens+de+benedita&tbm=isch&ved=2ahUKEwj07a-xx4X7AhXtNrKGHZjTCCwQ2-cCegQIABAA&oq=imagens+de+benedita&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJzoFCAAQgAQ6BAgAEB46BggAEAgQHjoICAQgAQsQM6CAgAELEDEIMBOgsIABCABBCxAxCDAToHCAAQgAQGGFD-DVjhKWD1LGgAcAB4AIABrQGIAd4NkgEEMC4xM5gBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&scient=img&ei=XCxdY_TPNO3t5OUPmKej4AI&bih=625&biw=1366

Sobre a imagem do negro e sua cultura, afirmamos que: “[...] foram tão corrompidas pelo ideário colonizador escravocrata que, mesmo após várias décadas de ressignificação identitária, estereótipos raciais ainda persistem. Às vezes, inconscientemente, mas jamais, inconsequentemente” (MONTEIRO, 2020, p. 121).

Ao refletirmos sobre as biografias das mulheres negras citadas, retiradas da Obra *O negro no Brasil de hoje*, de Munanga e Gomes (2016), e convergindo com as narrativas de vidas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio do município de Biritinga-BA, verificamos que os negros e as negras tiveram que lutar muito para chegar onde se encontram hoje, tiveram uma história marcada por muita luta e resistência em sua vidas. Por isso, essas histórias de vida devem ser respeitadas e valorizadas por todos e todas da nossa sociedade.

Para não concluir essa representatividade, acrescento entrelinhas de um poema de Bessa (2017), que nos presenteia:

Seja menos preconceito, seja mais amor no peito
 Seja amor, seja muito amor.
 E se mesmo assim for difícil ser
 Não precisa ser perfeito
 Se não der pra ser amor, seja pelo menos respeito.
 Há quem nasceu pra julgar
 E há quem nasceu pra amar
 E é tão difícil entender em qual lado a gente está
 E o lado certo é amar! Amar para respeitar Amar para tolerar
 Amar para compreender, Que ninguém tem o dever de ser igual a você!
 O amor meu povo, O amor é a própria cura, remédio pra qualquer mal.
 Cura o amado e quem ama
 O diferente e o igual talvez seja essa a verdade Que é pela anormalidade
 que todo amor é normal.
 Não é estranho ser negro, estranho⁵⁵ é ser racista.
 Não é estranho ser pobre, estranho é ser elitista.
 O índio não é estranho, estranho é o desmatamento.
 Estranho é ser rico em grana, e pobre de sentimento.
 Não é estranho ser gay, estranho é ser homofóbico.
 Nem meu sotaque é estranho, estranho é ser xenofóbico.
 Meu corpo não é estranho, estranha é a escravidão, que aprisiona seus
 olhos nas grades de um padrão.
 Minha fé não é estranha, estranha é a acusação, que acusa inclusive quem
 não tem religião.
 O mundo sim, é estranho, com tanta diversidade
 Ainda não aprendeu a viver em igualdade.
 Entender que nós estamos percorrendo a mesma estrada.

⁵⁵ “Tudo o que representa o insólito, o estranho, o anormal está à margem das normas, que é intersticial e ambíguo, tudo o que é anômalo, tudo o que é desestruturado, pré-estruturado e antiestruturado, tudo o que está a meio caminho entre o que é próximo e previsível e o que está longínquo e fora de nossas preocupações, tudo o que está simultaneamente em nossa proximidade imediata e fora do nosso controle, é germe de insegurança, inquietação e terror: converte-se imediatamente em fonte de perigo” (RODRIGUES, 1983, p. 43).

Pretos, brancos, coloridos em uma só caminhada Não carece divisão por
raça, religião Nem por sotaque Oxente!
Sejam homem ou mulher
Você só é o que é por também ser diferente.
Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito.
Diz aqui que a diferença nunca foi nenhum defeito.
Eu reforço esse clamor:
Se não der pra ser amor, que seja ao menos RESPEITO.
(Bráulio Bessa)⁵⁶

1.2 O legado...

Quero deixar legado, mas legado verdadeiro. Tô falando de ideias, e não de dinheiro. Ideias são eternas, de geração em geração, dinheiro é comido pela terra, e não alimenta a alma e nem o coração (CLEMENTE⁵⁷).

A mensagem que abre esta seção, a respeito de legado, ajuda-nos a entender a sua importância em todos os sentidos. As pessoas precisam compreender a relevância de uma história vivida, cada um de nós temos legados a deixar para alguém, seja no seio familiar, trabalho ou até mesmo em um grupo de amigos em que convivemos. Nesse viés, precisamos saber que tipo de legado queremos deixar para os nossos legatários.⁵⁸

Construir legados positivos em nossa vida é fundamental, pois através de nossa existência podemos multiplicar as histórias de vida. Gonçalves (2016, p. 369) menciona que “qualquer pessoa, parente ou não, natural ou jurídico, simples ou empresária, pode ser contemplada com o legado”. Conforme afirma o autor, qualquer pessoa pode ser contemplada com o legado, não escolhendo gênero, raça ou etnia.

De acordo com Dias e Lima (2018), o legado “compreende um bem determinado ou um conjunto de bens determinados, que são especificados em testamento, deixados a alguém, determinado de legatário”. Quando uma pessoa deixa um legado, seja material ou lembrança de fatos do seu passado, são conjuntos que precisamos cuidar para que sejam lembrados e relembrados sempre.

⁵⁶ Poema disponível em:

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2018/anexo1_poema_diversidade_v2.pdf. Acesso em: 24 fev. 2022.

⁵⁷ Disponível em: https://www.pensador.com/autor/kawan_murilo_de_paiva_clemente/. Acesso em: 02 dez. 2021.

⁵⁸ Conceito de Legatário: quem recebe um legado (XIMENES, 2000, p. 574).

Tudo que fazemos e conquistamos durante a nossa vida são agregações que podemos doar ou transmitir para as pessoas a nossa volta, seja no seio familiar, trabalho ou amizades. Diniz (2014, p. 03) afirma que o “legado assemelha-se em doação”.

Muitas vezes, quando recebemos algo de alguém, não necessariamente que seja por meio de testamento, precisamos estimar, pois, quando são deixados, possuem grande valor. Como menciona Ximenes (2000, p. 574), o “legado se transmite por meio de testamento, de exemplo, de realizações pessoais”. Por vezes, vários legados deixados são de grandes realizações pessoais conquistadas ao longo dos tempos, podendo ser passadas de geração a geração.

Entretanto, quando pensamos em legado surge a reflexão sobre herança da escravidão: lutas, histórias, sofrimentos e conquistas que os povos negros transcorreram em suas vidas. Pimenta (2017) retrata que “legado é aquilo que construímos durante a vida, e que, mesmo quando não estivermos mais neste mundo, vai continuar falando por nós”⁵⁹.

Esses legados foram construídos por meio de sofrimentos de homens e mulheres negros/as que tiveram sua liberdade arrancada em razão da cor de sua pele, aumentando, desse modo, a discriminação em nossa sociedade. Bittencourt (2018, p. 226) propõe-nos a seguinte reflexão: “nas sociedades coloniais, discriminação significa uma distinção prejudicial que reduz a possibilidade, ou que impede determinadas categorias da população, de ter acesso a certas posições, profissões ou ocupações”.

Embora estes eixos das opressões que hoje são legados para os negros e negras da nossa sociedade tenham sido construídos nos séculos passados, positivamente em passos lentos estão diminuindo o resquício da escravidão. Seu legado de racismo, exclusão e desigualdade ainda prevalece em nossa sociedade por algumas pessoas que preferem acreditar que esses eixos interseccionais não existem, infelizmente.

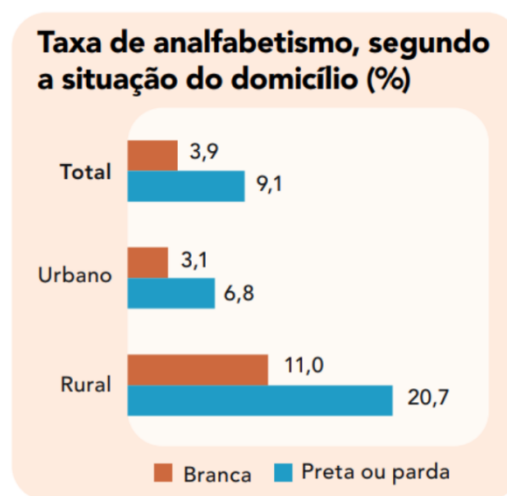
Carneiro e Ribeiro (2021, p. 15) destacam que: “é de Joaquim Nabuco a compreensão de que a escravidão marcaria por longo tempo a sociedade brasileira porque não seria seguida de medidas que beneficiassem política, econômica e socialmente os recém-libertos”. Nesse viés, apresenta uma incompatibilidade na

⁵⁹ Disponível em: <https://marcelo.pimenta.com.br/legado/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

questão social sobre os direitos humanos, a hegemonia entre povos, gerando, assim, as desigualdades de direitos.

Contudo, é notório que as populações negras são as mais afetadas negativamente por esse legado de exclusão e desigualdade social, seja na educação, oportunidade de emprego, violência, entre outros. Vejamos nos Gráficos 1, 2 e 3, a seguir, importantes informações.

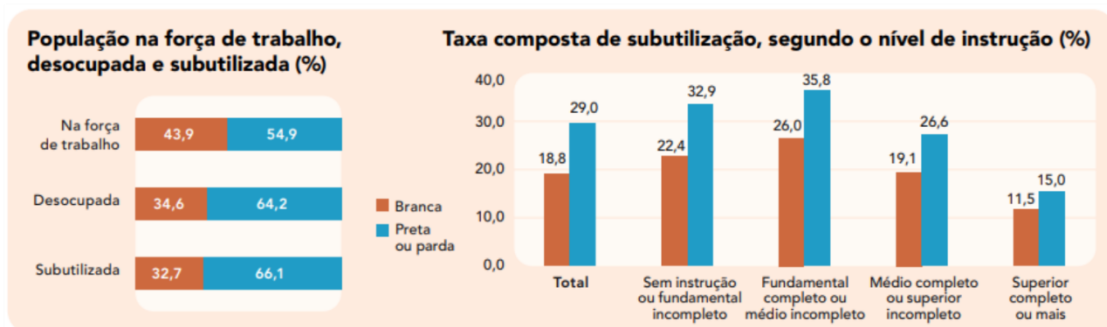
Gráfico 1 - Área da educação



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

Nota: Pessoas de 15 anos ou mais de idade.

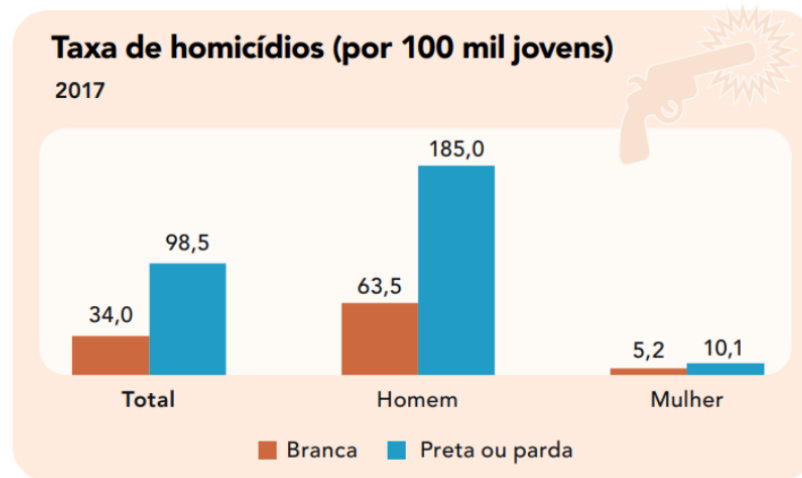
Gráfico 2 - Mercado de trabalho entre as populações



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

Nota: Pessoas de 14 ou mais anos de idade.

Gráfico 3 - Taxa Homicídio



Os gráficos que apresentamos anteriormente demonstram uma análise focalizada no legado deixado no período da escravidão, que representam as exclusões e as desigualdades sociais por cor ou raça, a partir da construção de condições essenciais à reprodução da vida da população brasileira, como mercado de trabalho, violência e educação.

Segundo as informações do IBGE⁶⁰, no entanto, as populações negras ainda se encontram em desvantagem em relação às populações brancas. Em relação à taxa de analfabetismo, pessoas com as idades de 15 anos ou mais passaram de 9,8% para 9,1%, 25 anos ou mais de idade conseguiram concluir o ensino médio. Entretanto, 3,9% dos indicadores permaneceram aquém dos números observados na população branca. Observa-se que quem mais sofre com o analfabetismo, com as exclusões e as desigualdades educacionais são os negros e as negras em zonas rurais, conforme indica o IBGE. Por isso, é importante realizar pesquisas nesta área que é tão cara aos campos acadêmico, científico e social.

Em relação ao campo do trabalho, é notório que a subutilização da força de trabalho, por exemplo, é maior entre aqueles de cor preta ou parda, em qualquer que seja o nível considerado, sendo essa diferença relativamente menor entre os que possuem o ensino superior completo. Essa demonstração baixa pode ter ligação

⁶⁰ Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 14 jul. 2022, às 13:54.

com a falta de estudos, como se observa no gráfico 1. Seguindo esse trilho temos a percepção de que “ocultar ou negar essa centralidade das diferenças ético-raciais na engrenagem de nossa história é empobrecê-la e empobrecer o pensamento e as políticas e diretrizes educacionais. É empobrecer os currículos de educação básica e de formação docente” (ARROYO, 2014, p. 209).

Tamanha desigualdade relativa à força do trabalho limita a habilidade dessas pessoas de mostrarem que são capazes de conquistar seus espaços e terem representatividade nesses espaços econômicos, podendo estar onde e quando quiserem. Nessa caminhada, o legado em relação às mulheres ficou muito marcado em suas vidas, mas fixado ainda para as mulheres negras, pobres e subalternizadas.

Podemos observar estas desigualdades muito perto, fazendo uma ligação com o objeto de estudo que é o legado das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, no município de Biritinga, na Bahia. Elas carregam os resquícios da escravidão, pois, com a falta de estudos, tiveram que ir para a lavoura contribuir com a família nos afazeres, perdendo a oportunidade de ter um bom trabalho.

O Legado existencial destas Idosas Negras Quilombolas centra-se em experiências de vida, são histórias de luta e resistência que sofreram durante anos. Neste sentido, Larrosa (2005, p. 74) salienta que: “A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la”.

O legado das mulheres, em especial das mulheres negras, constitui-se de experiências para que as mulheres de hoje possam se encorajar a conquistar seu espaço em uma sociedade racista, preconceituosa. Todo o sofrimento no passado foi marco histórico na vida dessas mulheres negras. Segundo Davis (2016):

Se, e quanto, alguém acabar, do ponto de vista histórico, com os mal-entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas ela ou ele terá prestado um serviço inestimável. Não apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimento sobre a luta das mulheres negras e de todas as mulheres em busca da emancipação. (DAVIS, 2016, p. 05).

Corroborando com as palavras da autora, estas experiências das mulheres negras escravizadas são serviços que deixaram lições de vida para os seus descendentes, pois todas as lutas do passado são legados de ensinamentos para

que todas as mulheres, em especial as mulheres negras, possam se empoderar e superar o desrespeito aos seus direitos. Quanto ao legado da escravidão, Davis (2016), em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*, leva-nos a pensar em todas narrativas históricas às quais as mulheres e as mulheres negras tiveram que resistir para ter seu reconhecimento na sociedade.

Nessa mistura de mulheres, sejam brancas ou negras, ambas lutaram pelo seu reconhecimento no espaço que era tomado pelo sistema patriarcal⁶¹, onde os homens eram o centro de tudo e de todos. Discutindo sobre o legado, as histórias de vida e resistências das mulheres negras no período da escravidão são legados que permitem analisar o quanto foram resilientes⁶² em seus sofrimentos durante todo esse tempo, destacando os abusos sexuais que sofreram dos senhores das fazendas (DAVIS, 2016)⁶³.

Com todo esse legado de histórias de resistências das mulheres escravizadas, as mulheres, com o passar dos tempos, começaram a se juntar para lutar pelos seus direitos, juntas ficaram mais fortes e, aos poucos, conseguiram seu espaço na sociedade, mas, infelizmente, as que ainda se sobressaem são as mulheres brancas, visto que o legado da escravidão ainda mancha a visibilidade das mulheres negras, entendendo, pois, que “a escravidão no Brasil e em outras partes do mundo a partir do século XVI será uma das molas propulsoras para o capitalismo e o desenvolvimento industrial da Europa” (FARIAS, 2021, p. 42)

DIALOGANDO SOBRE: NARRATIVA, MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA

As narrativas possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada (GROSSI; FERREIRA, 2001, p. 26).

Para abrir este diálogo, apresento uma reflexão de Grossi e Ferreira (2001) que nos permite refletir sobre as potencialidades de uma narrativa. Quando

⁶¹ O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador(es) e dominado(s) (CUNHA, 2014, p. 154).

⁶² Que tem a capacidade de recuperar após um revés ou de superar situações de crise, adversidade ou infortúnio; que demonstra resiliência (ex.: pessoa resiliente). Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/resilientes>. Acesso em: 29 out. 2022.

⁶³ A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorara como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero: mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente a sua condição de fêmeas (DAVIS, 106, p. 03).

narramos algo ou ouvimos podemos viajar no enredo. Podemos narrar acontecimentos sobre experiências vividas. O *Diário de uma Favelada*, de Jesus (2014), possui narrativas fortes de uma vida sofrida cheia de obstáculos. Observamos o que Jesus narra em 17 de Junho:

Passei a noite assim: eu despertava e escrevia. Depois eu adormecia novamente. As 5 da manhã a Vera começou vomitar. Eu dei-lhe um calmante, ela dormiu. Quando a chuva passou eu aproveitei para sair. Catei um saco de papel. [...] Eu recebi só 12 cruzeiros. Catei uns tomates e um pouco de alho e vim para casa correndo porque a Vera está doente. Cheguei ela estava dormindo. Com os meus ruídos ela despertou-se. Disse estar com fome. Fui comprar leite e fiz um mingau para ela. Ela tomou e vomitou um verme. Depois levantou-se e andou um pouco e deitou-se outra vez... Eu fui no Seu Manuel vender uns ferros para arranjar dinheiro. Estou nervosa com medo da Vera piorar, porque o dinheiro que eu tenho não dá para pagar medico. [...] Hoje eu estou rezando e pedindo a Deus para a Vera melhorar. (JESUS, 2014, p. 65).

Exclusão e desigualdade social são o que aparece em sua narrativa. Jesus (2014) revela seu sofrimento em palavras, mas ninguém sabe o que ela passou em sua trajetória para que hoje ela pudesse deixar um legado, uma história de superação, de luta, de coragem, pois viver em uma favela certamente não foi uma tarefa fácil, onde as desigualdades sociais, o racismo e o preconceito imperam em cada esquina.

A existência de Maria Carolina de Jesus encoraja-nos para a vida, pois, ao narrar sua trajetória, podemos perceber os eixos interseccionais que penduram até hoje. É nessa linha de trajetória de vida de Jesus (2014) que aproximamos as narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio e o seu legado existencial, pois só com a nossa existência humana é que podemos ter histórias para contar.

Sartre (1970, p. 5) discorre sobre “o existencialismo como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio de uma subjetividade humana”; diante da fala do autor, podemos compreender que só narramos por causa da nossa existência e de nossas experiências que são construções geradas dia após dia. De acordo com Larrosa (2005),

Fazer uma experiência com algo – seja uma coisa, um ser humano, um deus – significa algo que nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós que nos derruba e nos transforma. Quando falamos de “fazer” uma experiência, isso não significa exatamente que nós façamos acontecer,

“fazer” significa aqui: sofrer, padecer, agarrar, o que nos alcança repetitivamente aceitar, na medida em que submetemos a isso. (LARROSA, 2005, p. 99).

Em consonância com o autor, o “fazer” é que vai se transformando em experiência, ou seja, no amplo sentido de acumulações de significados de sofrer, agarrar, aceitar, enfim, quanto mais a pessoa pratica algo, maior o leque de transformações de experiências humanas a que é submetida.

As experiências vão sendo criadas dia após dia, misturando-se na relação com o mundo, sendo entrelaçadas com a nossa história; a maneira como é usada e passada adiante abre caminhos para que construamos forças para enfrentar os obstáculos que a vida nos apresenta. Assim, as narrativas construídas durante a trajetória de vida podem ficar armazenadas em nossas memórias.

A “Memória” significa aquisição⁶⁴, formação, conservação e evocação de informações (IZQUIERDO, 2014, p. 13). Portanto, memória é um dos mais relevantes processos que um ser humano pode vivenciar; nesse viés, destacam-se alguns fatores para entender a formação da memória a partir de experiências. Izquierdo (2018) ressalta que é preciso considerar quatro aspectos fundamentais:

- 1) Recebemos informações constantemente, através de nossos sentidos; mas não memorizamos todas. Por ex., depois de ver um filme, lembramos algumas cenas; pode ser, até, muitas; mas não todas. Depois de ouvir uma aula, lembramos alguns conceitos; frases inteiras, talvez; mas não todos os conceitos nem todas as frases. Há, portanto, um processo de seleção prévio à formação de memórias, que determina quais informações serão armazenadas e quais não.
- 2) As memórias não são gravadas na sua forma definitiva, e são muito mais sensíveis à facilitação ou inibição logo após sua aquisição que em qualquer outro período posterior. Uma memória recente é muito mais suscetível ao efeito facilitador de certas drogas ou ao efeito amnésico de um traumatismo craniano que uma memória antiga (McGAUGH, 1988, p. 33-64). Isto indica que existe um processo de consolidação depois da aquisição (MÜLLER e PILZECKER, 1900, p. 1-288), pelo qual as memórias passam de um estado lábil a um estado estável.
- 3) As memórias são também muito mais sensíveis à incorporação de informação adicional nos primeiros minutos ou horas após a aquisição. Essa informação pode ser acrescentada, tanto por substâncias endógenas liberadas pela própria experiência – bendorfina, adrenalina, etc. – (IZQUIERDO, 1984, p. 65-77; IZQUIERDO, 1989), como por outras experiências que deixam memórias (LOFTUS e YUILLE, 1984; CAHILL et al., 1986; IZQUIERDO et al., 1988a, b; IZQUIERDO, 1989).
- 4) As memórias não consistem em itens isolados, senão em registros (“files”) mais ou menos complexos. Não lembramos cada letra de cada palavra

⁶⁴ Aquisição: é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação (IZQUIERDO, 2011, p. 01).

isoladamente; senão frases inteiras. Não lembramos cada cor ou cada odor percebido ontem como tais, senão como detalhes de “files” ou registros mais ou menos longos (o conjunto de eventos da hora do almoço; ou da tarde; ou do início da noite). (IZQUIERDO, 2018, p. 95).

Diante desses aspectos importantes sobre a memória, fica explícito que nem todos os detalhes são registrados pela memória, apenas uma parte do que é vivido fica guardada nela. Portanto, é assim com as nossas vivências, recordamos algumas fases das nossas vidas, outras não ficam armazenadas na memória, mas para lembrarmos precisamos evocá-las, a fim de não serem esquecidas com o tempo.

Ricoeur (1994, p. 85) ensina-nos que “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando torna-se na condição da existência temporal”.

Tendo Ricoeur (1994) como ponto de partida em nossa reflexão, percebemos que tanto o narrar quanto o modo de caracterização do tempo fazem parte significativa do caráter da existência humana; em outras palavras, tanto o tempo quanto a existência humana criam uma articulação para a construção de uma narrativa, é através desses fatores que o ato de narrar transforma-se em uma experiência humana.

Benjamin (1985, p. 201) informa-nos que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora às coisas narradas a experiência dos seus ouvintes”. É assim que acontece, relatamos ou contamos algo que já vivemos, tornando-se uma experiência o contar para nossos ouvintes.

Nesse viés, em nosso dia a dia sempre se narra algo que já passou, seja alegre, triste ou até mesmo um acontecimento muito importante que se deseja compartilhar com alguém. É assim com o objeto deste estudo, o legado existencial das idosas negras da Comunidade Quilombola – são narrativas de experiências que já viveram ao longo dos anos e que ao compartilharem com outras gerações vão traçando sua resiliência, a sua existência no mundo.

A experiência é a fonte à qual recorreram todos os narradores. Entre as narrativas escritas as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores (BENJAMIN, 1985, p. 198). Na caminhada, a existência humana e a experiência de vida vão sendo transmitidas e passadas de

geração em geração através de suas narrativas. Entretanto, a existência da vida de uma pessoa pode ser narrada na forma de uma experiência que cada pessoa pode organizar, reformular e rememorar, nesta arte do narrar sua história.

Petit (2009), por sua vez, destaca que “a narrativa é uma necessidade antropológica, pois, ao longo de nossa existência como humanos necessitamos contar, narrar e recontar para construir sentidos pessoais e coletivos”. O ser humano narra para dar sentido à vida, preservando seus conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, considerando de fundamental importância o compartilhamento da narrativa com o outro.

Nesse contexto narrativo, entre o lembrar⁶⁵ e o recordar⁶⁶ precisamos viajar no passado onde os acontecimentos precisam ser reconstruídos e reorganizados no momento da narrativa, de maneira que podemos reviver essas lembranças do recordar temporariamente do seu passado. Ricouer (1994) salienta que “Reconstruir os laços indiretos com sua narrativa é finalmente trazer à luz a intencionalidade do pensamento histórico pela base a qual a história continua a visar obliquamente ao campo da ação e a temporalidade” (RICOUER, 1994, p. 134).

Para o autor, quando reconstruímos algo do passado reconstruímos pensamentos que já vivemos, ou seja, reativamos processo histórico e ações que já foram vividas temporariamente e quando narramos as revivemos, nem que seja por curto período. Quando uma pessoa narra, ela está transmitindo experiências de vida, para “que a arte de narrar seja praticada” (BENJAMIM, 1985, p. 193).

Nessa perspectiva, quem narra carrega consigo a arte de contar histórias, pois são narrativas que podem transmitir diversos valores, como respeito, valorização do ser, empatia e, principalmente, nessa ocasião, saber ouvir. É através de uma narrativa que são veiculados, também, os conselhos que, para muitos, já não são valorizados. Benjamim (1985, p. 200) informa que “[...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando ser comunicáveis”. Quando damos conselhos nossa memória vai se exercitando, vai organizando as ideias para serem narradas.

⁶⁵ Trazer à memória; evocar; recordar. Fazer notar; advertir; sugerir; propor; Recordar-se (XIMENES, 2000, p. 576).

⁶⁶ Trazer à memória; rememorar; ser semelhante; lembrar-se (XIMENES, 2000, p. 796).

É através da memória que evocamos as experiências que estão armazenadas dentro dela, porque por meio dela podemos construir e reconstruir acontecimentos, podendo ser narrados novamente, com algumas mudanças. Hipna (2007) retrata que:

Tudo isso eu guardo em minha memória, assim como o modo pelo qual o aprendi. Também guardo na memória as muitas argumentações infundadas que ouvi contra essas verdades. Essas objeções sem dúvida são falsas, mas não é falso recordá-las. E lembro de ter sabido distinguir entre essas verdades e os erros que se lhe opunham. Vejo agora que uma coisa é essa distinção, que faço hoje, e outra o recordar ter feito muitas vezes tal distinção, ao considerá-las. Lembro-me, portanto, de ter muitas vezes compreendido isso, e confio à memória o ato atual de distingui-las e compreendê-las, para me lembrar, mais tarde, de que hoje as compreendi. Lembro-me então de que me lembrei; e se mais tarde lembrar de que agora pude recordar essas coisas, será ainda por força da memória. (HIPNA, 2007, p. 98).

Em consonância com Hipna, a memória guarda registros das experiências aprendidas que marcaram nossas vidas. Assim, por meio da memória é que nossas experiências de vida ficam registradas, para serem narradas em algum momento. É através da memória que nos lembramos das coisas e dos momentos que fazem ou fizeram parte da nossa história.

Compreende-se, também, que só narramos porque temos a memória para fazer esse papel de armazenar algumas informações de nossas experiências existenciais. Para Ferreira (2000, p. 111), “a memória é a construção do passado pautado por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz das experiências subsequentes e das necessidades do presente”.

Diante desses conceitos citados acima pelos autores sobre memórias, destacaremos alguns significados múltiplos sobre memórias que não são homogêneos. Segundo Delgado (2003):

- ordenação e releitura de vestígios (espontânea ou induzida), relacionada a comportamentos, mentalidades, valores;
- retenção de elementos inerentes a conhecimentos adquiridos;
- estabelecimento de nexos entre o presente e as experiências vividas;
- evocação do passado, através de reminiscências e lembranças;
- afirmação de identidades através do reconhecimento da pluralidade e da alteridade, que conformam a vida em fluxo contínuo;
- atualização do passado no eterno presente;
- retenção e manifestação, através do ato de relembrar de reminiscências vagas, telescópicas, profundas, transparentes, auto-censuradas, registradas, esquecidas, selecionadas;
- evocação de utopias, que libertam o homem, fazendo do passado suporte para reconstrução do próprio presente e para construção do futuro;

- manifestação de identidades – não unívocas, mas plurais, múltiplas e sempre atualizadas.
- reconhecimento, ou mesmo superação de traumas marcados pela ausência de raízes;
- reconhecimento de espaços perdidos ou reencontrados. (DELGADO, 2003, p. 25).

Nos significados sobre os múltiplos exemplos de memória notamos as potencialidades e as dimensões que a memória apresenta, para cada etapa, em diálogo com seu conceito, nos mais profundos elementos fundadores, para além de apenas registrar informações adquiridas ao longo do tempo, ultrapassando o somente relembrar, mas, sim, estimulando as produções dos conhecimentos históricos de um indivíduo. Portanto, no sentido mais amplo, a memória abrange todos os mecanismos de registro; dessa forma, o passado e o presente podem armazenar informações obtidas durante a vida. Sobre memória, Neves (1998) assim informa:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES, 1998, p. 218).

Nesse entrelaçamento entre passado, presente e futuro, nossas lembranças podem em terminado tempo se perder em nossas memórias, pois se cruzam com a lembrança e o esquecimento, mas só com a evocação se consegue rememorar algo que foi esquecido. Logo, é por meio das lembranças que começamos a lembrar de tudo que foi esquecido. A memória deriva das funções humanas biológicas que inevitavelmente servem de base para as variações, ela se divide em memória coletiva, social e política. Na perspectiva de Sebe (2001):

1. A memória coletiva é marcada, pois, por um recorte amplíssimo, de alcance Universal. Ainda que seja meta constante, sua tangibilidade é e será sempre precária. Em termos de recortes, aos aspectos largos que se superam bastam os limites dos estados nacionais são matérias da chamada memória coletiva que, por sua vez, aproxima-se nos clássicos arquétipos mitológicos: como amostra se destacam o amor materno, a determinação de gênero amizade e a paz como valores do progresso. Paradoxalmente, manifestações contrárias a tais pressupostos, os desvios ou variações do coletivo, assimilam diferenciais que marcam contrastes ou nuances desses absolutos.

2. Memória social seria atributo de segmentos significativos que se explicam os contextos dos estados nacionais ou em Cadência do Poder sentido no cotidiano, mas em que categorias abstratas sociais. Quando se fala em sociedade brasileira, submete-se a um conjunto de atributos derivados por maiorias que criaram valores subjacentes à própria história, o social desse modo de manifestações expressa pelos valores presentes na memória e experimentos como experiências que se distinguem do coletivo Universal.

3. Memória cultural pode ser definida por condições delegadas em fase de critérios que se enlaçam a partir de definições de certa comunidade tradicional. São as práticas de segmentos que abalizam sobre maneiras as formas de ser ou agir de um grupo. Comportada na memória social, a cultural requer reconhecimento de valores científicos que os distinguem. Religião, crenças e manifestações repetidas por tempos e acatados como típicos ou características de certos espaços onde haja dominância de formas locais e de exercícios dessas tradições marcadas à memória cultural.

4. Memória política, vocação transformadora por meio de ativismos comprometidos com a inconformidade de poderes a busca de fundamentos históricos para a determinação de atitudes de classe confere por sua manifestação contra a ordem estabelecida dentro da opressão. Uma das áreas mais difíceis de entendimento remete a organização desse tipo de memória que tem a ver com desempenhos os quais excedem o envolvimento político partidário. Como se enunciasse uma voz Rebelde, a memória política se compromete com a busca de transformação. Questões de direito e de reposicionamento na hierarquia social fazem com que o eixo político seja analisado por meio de contextos que discute o sistema e a participação dos implicados em mudanças. Ainda assim, considera-se que de forma distinta As Memórias de políticos são partícipes do universo da oficialidade em uma modalidade particular de entendimento desta forma de poder: mas, porque não é uma história oral de políticos? Distinguem-se os ativistas e os políticos com ou sem mandato, a memória política é atravessada por poderes e tem de ser problematizada como transcendência crítica. (SEBE, 2001, p. 107-109).

Em termos biológicos e individuais, a memória constituída é identificada no cérebro, onde se alojam percepções significativas que permitem retomadas de circunstâncias ressignificadas individualmente. Contudo, tais manifestações ligadas às memórias podem ser espontâneas, provocadas ou esquecidas, por isso elas precisam ser rememoradas na narrativa.

Benjamim (1985, p. 211) indica que “a rememoração, musa do romance, urge ao lado da memória, musa da narrativa, depois que a desagregação da poesia épica apagou a unidade de origem comum na reminiscência⁶⁷”. É na construção da lembrança que se narra o que foi gravado e armazenado em qualquer época de nossa vida, ou seja, não podemos realizar uma narrativa quando esquecemos ou

⁶⁷ “A reminiscência funda a cadeia de tradição que transmite os acontecimentos de geração a geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades de forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as outras constituem entre si” (BENJAMIM, 1994, p. 221).

desconhecemos; no entanto, só relembramos os hábitos e práticas da vida cotidiana, é aí que a narrativa começa a se potencializar. Conforme Araújo (1998),

Trata-se de imaginar a narrativa como esta linha que caminha para frente, mas que é capaz de aceitar reviravolta e interrupções. Uma linha que pode se desdobrar em três, quatro, dez, quadros. Quadros com um desenvolvimento relativamente autônomo. Quadros que podem parar recuar em relação à linha fundamental, e que se relacionam entre si, formando uma espécie de teia, capaz de enredar à narrativa. (ARAÚJO, 1998, p. 244).

Com base no autor, as narrativas podem revelar vários eixos, como recuar e parar, apresentando pontos de partida, mas no decorrer pode ser surpreendido e voltar a sua linha fundamental, entrelaçando-se na história contada, tendo autonomia na hora de parar ou continuar o enredo contado. Lembranças, registros, observações, silêncios, emoções, reflexões e testemunhos são tessituras que os narradores deixam correr em certa abundância em um enredo (DELGADO, 2003).

Ao longo de nossas existências, necessitamos de uma narrativa, sendo de fundamental importância narrarmos para nos mantermos vivos e ativos e, dessa forma, construirmos nossas próprias narrativas, sejam individuais ou coletivas. É por meio das narrações que nos fortalecemos como seres pensantes e, portanto, construímos um elo entre quem ouve e quem está narrando.

Josso (2004, p. 176) enfatiza que “é preciso, pois, evocar experiências que são suficientemente significativas para compreender as correntes que animam o movimento da vida, escolher experiências que são apresentadas [...]”. Já Fanon (2008), no quinto capítulo da sua obra *Pele Negra Máscaras Brancas*, apresenta a experiência vivida do negro:

Era um professor negro, o médico negro; eu, que começava a fraquejar, tremia ao menor alarme, sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e dos outros que o seguiram, na verdade, o que é o que se pode esperar de um médico preto? Desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas atenção, nada de bobagem, por preço nenhum! O médico negro não saberá jamais a que ponto sua posição está próxima no descrédito. Respeito, eu estava murado: nem minhas atitudes polidas, nem meus conhecimentos literários, nem meu domínio da teoria das quantas obtinham indulto. (FANON, 2008, p. 109).

Em sua experiência, observa-se na narrativa que se adquire um saber com os acontecimentos vividos ao longo do tempo, pois, no dia a dia, torna-se exemplo para fortalecer e encorajar o enfrentamento dos obstáculos que a vida impõe. É através

dos acontecimentos dos outros que a vida vai se multiplicando, construindo e reconstruindo narrativas para serem contadas, passando de geração em geração.

Larrosa (2005, p. 27) faz-nos refletir sobre “o saber da experiência, o que se adquire no modo como alguém respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”. Na verdade, tudo que acontece em nossa vida pode ser transformado em experiência, uma vez que tudo o que acontece tem sentido para a nossa existência, visto que “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-se de nossa própria vida” (LARROSA, 2005, p. 27).

CONCLUSÃO

Este artigo foi desenvolvido por um caminho traçado para discutir eixos da interseccionalidade destacando o racismo e o preconceito presentes na vida das populações negras. Além da Interseccionalidade, apresentamos diálogos sobre Narrativa e Legado.

Teve como objetivo discutir os conceitos sobre Interseccionalidade, Narrativa e Legado neste debate teórico, pois a partir do diálogo com essas interações conseguimos obter a construção de significados em relação a cada conceito estudado nesse percurso.

Refletir sobre os eixos das opressões da interseccionalidade destacando o racismo e o preconceito ajuda-nos a entender o quanto a população negra e os povos subalternados sofreram e sofrem nesta esfera global racista. Estas duas palavras apareceram muito neste estudo, porque com base nelas as classes subalternizadas sofreram o preconceito existente em nossa sociedade.

Entretanto, ainda precisamos ampliar essa discussão nas escolas e nos meios acadêmicos, pois só com ações educativas poderemos plantar uma semente antirracista para aqueles que ainda têm essas atitudes contra as pessoas negras. Salientamos ações, tais como seminários, cursos, palestras, entre outros, nessa área, em relação ao preconceito e o racismo existente em nossa sociedade. A branquitude não deve pensar que os espaços da sociedade só pertencem a eles, os espaços estão abertos para todas as raças, classes sociais e gêneros.

Nesta investigação, dialogamos também sobre o legado, pois em decorrência de sua herança as pessoas negras sofreram por muitos anos com a exclusão,

desigualdades sociais e discriminações, de modo que até hoje as populações negras lutam por uma causa que é de direitos: o direito e o dever de ir e vir, de ter oportunidade em todos os setores, enfim, de serem reconhecidos nessa sociedade racista e preconceituosa.

A discussão é relevante, principalmente ao refletirmos sobre o cuidado ao deixar qualquer tipo de legado às pessoas que amamos ou até mesmo um legado para aquelas pessoas que nos admiram. Nessa direção, não importa o tipo de legado que deixamos, o que importa é construirmos uma história que permita às pessoas nos admirar pela luta e conquistas.

Quando deixamos um legado de lutas e conquistas, seu valor torna-se incomparável, servindo de aprendizagem para que outras pessoas possam segui-las, como o exemplo dado com um modo de vida. Vale ressaltar que não basta deixar um legado de bens materiais, porque as pessoas não irão se lembrar de você como o indivíduo que lutou muito, mas simplesmente estarão interessadas nos bens materiais dos quais irão usufruir.

De acordo com Delgado (2003, p. 25), “as narrativas possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada”. Entender sobre sua importância é fundamental, porquanto através da memória e do existencialismo evocam-se as narrativas para contar e recriar as histórias de vida. Nesse contexto, narrar caracteriza um aprendizado tanto para quem ouve quanto para quem narra. Só narramos porque temos a necessidade de permanecer ativos na sociedade. Narrando exercitamos nossa memória, construindo e reconstruindo os acontecimentos vividos.

Nas palavras de Benjamim (1985, p. 201), “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. A vida é assim, é através das narrativas que se adquirem as experiências, podendo transformá-las em um legado para outras pessoas.

O objeto deste estudo centra-se no legado existencial e nas experiências de vida de cada uma das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, no município de Biritinga-BA. A escolha dessas mulheres deve-se ao fato de compreendermos que essas idosas são presenças de resistência pelas lutas que viveram ao longo dos tempos nesse lugar onde o racismo e o preconceito seguem a todo vapor. Conforme trechos da música de Silva (2016):

Enquanto o couro do chicote cortava a carne/ A dor metabolizada fortificava o caráter/ A colônia produziu muito mais que cativos// Fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos/ Não fomos vencidas pela anulação social/ Sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial/ O sistema pode até me transformar em empregada/ Mas não pode me fazer raciocinar como criada/ Mulher negra não se acostume com termo depreciativo/ Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino/ Nossos traços faciais são como letras de um documento/ Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos/ Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra/ Mulheres negras são como mantas kevlar/ Preparadas pela vida para suportar/ O racismo, os tiros, o eurocentrismo/ Abalam mais não deixam nossos neurônios cativos. (SILVA, 2016).⁶⁸

Fazendo uma reflexão sobre a música, pode-se perceber que o legado da escravidão, com todo o sofrimento que as mulheres negras passaram e passam nos dias atuais, foi a resiliência em todos os sentidos, não tendo quem gritasse por elas, a não ser elas mesmas, que juntas fortaleceram suas vidas para enfrentar o racismo e o preconceito presente na sociedade.

As idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio do município de Biritinga-Ba tiveram que enfrentar seus obstáculos sozinhas, passaram por todo o processo do legado deixado pela escravidão, como lutas e resistências.

Em suas narrativas fica explícito todo esse processo de suas resiliências durante a vida, mas não se deixaram abater com esses problemas, lutaram e em uma roda de conversa puderam narrar suas vidas, fortificando suas experiências de vida conquistadas ao longo dos anos. Podemos tomar como lição das narrativas todas as experiências dessas idosas negras quilombolas, pois elas viveram e vivem os eixos interseccionais presentes, destacando o racismo e o preconceito existente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN 978-85-98349-69-5.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014

⁶⁸ Letra da música de YZALU. Disponível em: www.letras.mus.br/yzalu/mulheres-negras/ e em vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=6p9cthjMa4>. Acesso em: 26 out. 2022, às 09:41.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias**. Alfredo Wagner Berno de Almeida. Manaus: UEA Edições, 2011.

ALMEIDA, Silvo. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro Editora Jandaíra, 2020.

ASSIS, Dayane N. **Conceição de Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 57p.: il.

BEIJAMIN, Walter. **O Narrador**. Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas volume. 1. ed. Local: brasiliense editora 1985.

BEIJAMIN, Walter. **O Narrador**. Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas volume. 1. ed. Local: brasiliense editora, 1985.

BESSA, Bráulio. Poema sobre Diversidade. 2017. Disponível em: www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2018/anexo1_poema_diversidade_v2.pdf. Acesso em: 20 dez. 2021.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. (Tese de doutorado), São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2002.

CLEMENTE, Kawan de. **Quero deixar legado**. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/kawan_murilo_de_paiva_clemente/. Acesso em: 02 dez. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialista em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, 17/11/2002.

CUNHA, Bárbara Madruga. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. **XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR**. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.

COUTINHO, Gabriel. **Música Racimo é Burrice**. 2003.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico]. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Mariana Silveira; LIMA, Samyra V. **Legado: Conceito Aspectos relevantes**. 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/1698401-mariana-silva-dias/publicacoes>. Acesso em: 03 dez. 2021.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil Brasileiro, volume 6: Direito das Sucessões**. 28. ed. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 347.

CARNEIRO, Everton Nery e RIBEIRO. Távora Furtado. Memórias, Narrativas de si nos processos identitários e Formativos. **Pontos de Interrogação**. Volume 11, n. 2, Jul./dez. 2021. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/14401>. Acesso em: 05 dez. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Marcio. Pensamento social e relações raciais no Brasil: a análise marxista de Clóvis Moura. IN: ALMEIDA, Silvio (Org.). **Marxismo e questão racial**. São Paulo. Boitempo, 2021.

MEIHY, José Carlos; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e Narrativas: História Oral**. Ead. 1 reimpressão. São Paulo, 2021.

GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito civil brasileiro: direito das sucessões**, v.7. 10 ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

GROSSI, Yone; FERREIRA, Amauri. **Razão Narrativa: significado e memória e História Oral (4)**. São Paulo: ABHO, 2001.

HIPNA, Agostinho. **Confissões**. Digitação: Lucia Maria Csernik, 2007.

HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

IZQUIERDO, Iván. **Memória** [recurso eletrônico]. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2014. e-PUB

LEONARDO, Deive. Legado que você pode deixar. 2021. Disponível em www.frasesdeumcristao.com/2021/04/legado-nao-o-que-voce-deixa-pras.html. Acesso em: 03 jan. 2022.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiências. Belo Horizonte: Autentica, 2005. Coleção: Experiências e Sentido.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTEIRO, Ivan Luiz. **Introdução ao pensamento filosófico africano**. Curitiba: Intersaberes, 2020. (Série Estudos de Filosofia)

MOREIRA, Adilson. **O que é discriminação?** Belo Horizonte (MG). Letramento. Casa do Direito. Justificando, 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016. (Para endenter).

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. 2003. Palestra. **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ**, 05/11/03.

MULLER, Tania Maria Pedroso. CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: Estudo sobre a identidade branca no Brasil**. 1 Ed- Curitiba Appris 2017.

NARDON, Flavio. **A relação interpessoal dos adolescentes no mundo virtual e no mundo concreto**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

PIMENTA, Marcelo. **Qual LEGADO você quer deixar**, pelo quê deseja ser lembrado? Disponível em: <https://marcelo.pimenta.com.br/legado/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

PENHA, João. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (coleção primeiros passos: 61).

PETIT, Michele. **A arte de Ler Ou como usar a diversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005, p. 227-278.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Campanha das Letras, 2019a.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019b.

RICOER, Paul. **Identidade Narrativa**. Escritos e conferência 1: em torno da Psicanálise. São Paulo: Loyola, 2010.

RICOEUR, Paul, 1913. **Tempo e Narrativa** (tomo 1; Tradução Constança Marcondes Cesar- Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo : Expressão Popular : Fundação Perseu Abramo, 2015. 160p

SEBE, Jose Carlos, 1943. **Memórias e Narrativas**: História oral aplicada/ José Carlos Sebe. B. Meihy e Leandro Seawright. 1.. ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2001. 192p.

SILVA, Givânia Maria da; RODRIGUES, Maria Diva da Silva. Formação inicial e continuada de professores (a) e a educação no Quilombo da Conceição das Crioulas/PE. Comunicações. Piracicaba, ano 21, nº 01, p.23-38, jan/jun. 2014

TABACOF, Heidi. Dessemelhanças e preconceitos. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil**: Questões para a Psicanálise. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

4 ARTIGO II: NARRATIVAS DE VIDA DAS IDOSAS NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA DE JUVÊNIO⁶⁹

Life Narratives of Elderly Black Women from the Maria de Juvêncio Quilombola Community

Narrativas de Vida de las Ancianas Negras de la Comunidad Quilombola Maria de Juvêncio

Resumo: Este artigo discute sobre as narrativas de vida das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, localizada no Município de Biritinga, na Bahia. Suas histórias de vida foram contadas em roda de conversa com oito idosas negras. O objetivo é analisar as narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio a partir da interseccionalidade, buscando inferir o seu legado. Para tanto, respaldamo-nos na Pesquisa Qualitativa inspirada em Minayo (2007), na Roda de Conversa segundo Afonso e Abade (2008) e na História oral conforme Alberti (2004). Quanto ao referencial teórico, destacam-se: Josso (2010), Munanga e Gomes (2016), Davis (2016), Carneiro (2011), hooks (2021), Benjamim (1985), Jesus (2014) e outros. Evidencia-se que as vidas das idosas negras foram repletas de negatividades e sofrimentos, os eixos da interseccionalidade e o legado da escravidão, tais como exclusão, desigualdades sociais e as discriminações, estiveram presentes em toda sua vida.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Narrativa de vida. Idosas Negras.

Abstract: This article discusses the life narratives of the elderly black women from the Quilombola community Maria de Juvêncio, located in the city of Biritinga, Bahia. Their life stories were told during a group conversation with eight elderly women. The research's main goal is to analyze the life narratives of the elderly black women of the Quilombola community Maria de Juvêncio from an intersectionality point, as a way to infer their legacy. To this end, we'll make use of a *Qualitative Research* to support our findings inspired by Minayo (2007), on *Roda de Conversa* by Alfonso and Abade (2008) and oral history by Alberti (2004). As for the theoretical framework, the following stand out: Josso (2010), Munanga and Gomes (2016), Davis (2016), Carneiro (2011), Hooks (2021), Jesus (2014). It is evident that the lives of elderly black women were full of negativities and suffering, the axes of intersectionality and the legacy of slavery, such as exclusion, social inequalities and discrimination, were present throughout their lives.

Keywords: Intersectionality. Life Narrative. Elderly Black Women.

⁶⁹ Artigo submetido à Revista UFG, on-line, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) - Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/index>

Resumen: Este artículo discute acerca de las narrativas de vida de las Ancianas Negras de la *Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio*, ubicada en el Municipio de *Biritinga*, en Bahia. Sus historias de vida fueron contadas en rueda de conversación con ocho ancianas negras. El Objetivo de este estudio es analizar las narrativas de vida de las ancianas negras de la *Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio* mediante la interseccionalidad, tratando de comprender a su legado. Para eso, nos apoyamos en la Investigación de Sello Cualitativo inspirada por Minayo (2007), la Rueda de Conversación consonante Afonso e Abade (2008) e la Historia Oral consonante con Alberti (2004). A cerca del referencial teórico, destacamos: Josso (2010), Munanga e Gomes (2016), Davis (2016), Carneiro (2011), Hooks (2021), Benjamim (1985), Jesus (2014). Demuestrase que la vida de las ancianas negras estuvieron llenas de negatividades y sufrimientos, los ejes de la interseccionalidad y el legado de la esclavitud, tales como exclusión, desigualdades sociales y prejuicios, siempre formaron parte de sus vidas.

Palabras clave: Interseccionalidad. Narrativa de vida. Ancianas Negras.

Introdução

O referido artigo concentra-se nas narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. Trata-se de uma longa história, em que iremos abordar as lutas e resistências da raça negra, sofrimento que começou com a escravidão. Os negros/as de hoje carregam consigo uma herança passada de geração em geração e, infelizmente, esses eixos das opressões, tais como o racismo⁷⁰ e o preconceito⁷¹, não se desgarraram desses povos invisibilizados.

Akotirene (2020, p. 37) assevera que “pretos e pretas são pretos e pretas em qualquer lugar do mundo”. Assim, a cor da pele ainda prevalece nas relações sociais, prejudicando o direito de ir e vir, em razão de suspeitas maldosas que os classificam pelas características fenotípicas e não pelo caráter que possuem.

Entretanto, nesse movimento de luta contra o racismo e o preconceito, a raça negra segue sofrendo com as ideologias racistas que anulam o autoconhecimento do negro. No entanto, essas mazelas não deixarão de existir se não ampliarmos a

⁷⁰ O racismo “é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observado por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato do olho etc. Ele é resultante da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a fim tentar impor um único e verdadeiro modelo. Exemplo são as teorias raciais que serviram para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 179).

⁷¹ O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias (ALMEIDA, 2020, p. 32).

discussão em nossa sociedade, a fim de combater esse “vírus” do preconceito⁷² que vai se alastrando e contaminando quem está ao redor. Temos a percepção de que

O racismo engloba as ideologias racistas, as atitudes fundadas em preconceitos raciais, comportamentos discriminatórios, disposições estruturais e práticas institucionalizadas que atribuem características negativas a determinados padrões de diversidade e significados sociais negativos aos grupos que os detêm, resultando em desigualdade racial, assim como na noção enganosa de que as relações discriminatórias entre grupos são moral e cientificamente justificáveis. O elemento central desse sistema de valores é de que a “raça” determina o desenvolvimento cultural dos povos. Deles derivaram as alegações de superioridade racial. O racismo, enquanto fenômeno ideológico, submete a todos e todas, sem distinção, revitaliza e mantém sua dinâmica de evolução da sociedade e das conjunturas históricas. (CASHMORE apud SILVA, 2017, p. 77).

Lamentavelmente, nem todos se incomodam com o racismo e o preconceito, por acreditarem que esses atos deixaram de existir há tempos ou simplesmente por ignorarem sua existência. Nesse viés, muitos acreditam que os negros e negras, pela cor da pele, devem estar subordinados aos brancos. Nesse sentido, em uma condição de vulnerabilidade social sua emancipação torna-se mais difícil ainda. Percebendo e entendendo o racismo como ideologia que escora a exploração capitalista, Gonzales (apud BORGES, 2021, p. 58) afirma que:

Embora o grupo capitalista branco figure como o principal operador dessa ideologia, a inscrição de seus efeitos no nível da estrutura social ocasiona que um grupo mais amplo se beneficie da “mais-valia psicológica, cultural e ideológica” por ela instituído: [...] tanto brancos quanto negros pobres sofrem os efeitos da exploração capitalista. Mas, na verdade, a opressão racial faz-nos constatar que mesmo os brancos sem propriedade dos meios de produção são beneficiários do seu exercício. Claro está que, enquanto o capitalista branco se beneficia diretamente da exploração ou superexploração do negro, a maioria dos brancos recebe seus dividendos do racismo, a partir de sua vantagem competitiva no preenchimento das posições que, na estrutura de classes, implicam nas recompensas materiais e simbólicas mais desejadas.

No intuito de combater essa proliferação de sentimentos e atitudes racistas e preconceituosas, vários movimentos sociais foram se formando para denunciar e

⁷² “O preconceito é como um vírus. Ele contamina as pessoas, e elas nem percebem que estão infectadas. Será que você foi contaminado pelo “vírus” do preconceito? É muito fácil reconhecer quando os outros são preconceituosos. Mas pode ser difícil reconhecer isso em nós mesmos. Na verdade, de uma maneira ou de outra, todos nós somos um pouco preconceituosos. David Williams, professor universitário de sociologia, explica que, quando alguém tem um ponto de vista negativo sobre certo grupo, vai tratar as pessoas daquele grupo de maneira diferente sem nem perceber isso”. Disponível em: www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/despertai-no3-2020-nov-dez/preconceito-sera-que-voce-contaminado/. Acesso em: 31 jan. 2022.

tornar esses atos de preconceitos públicos em nossa sociedade. Essas denúncias vêm de longas datas, mediante lutas⁷³ e resistências⁷⁴ contra aqueles que negativam os negros e negras até chegar aos movimentos negros contemporâneos.

O sistema escravagista pendurou por longos anos, os fatos históricos aconteceram para que os movimentos ganhassem força e reconhecimento em nossa sociedade. Dentre eles, destaca-se a Revolta da Chibata, movimento ocorrido no século XX, na Baía do Guanabara, no Rio de Janeiro, onde marinheiros levavam chibatadas como castigos⁷⁵.

O Decreto de nº 3 de 16 de novembro de (1889), um dia após a Proclamação da República, extinguiu os castigos corporais na armada, mas em novembro do ano seguinte o Marechal Deodoro da Fonseca, contraditoriamente, tornou a legalizá-los: “Para as faltas leves prisão e ferro na solitária e pão e água: faltas leves repetidas, idem idem por 6 dias; faltas graves, 25 ‘chibatadas’” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 110).

A Revolta da Chibata não ficou esquecida. Hoje, é tema de uma música que revela o seu significado na história do Brasil. É o mestre-sala dos mares de João Bosco e Aldir Blanc, conforme este trecho da canção: “Há muito tempo nas águas da Guanabara/ O dragão no mar reapareceu/ Na figura de um bravo feiticeiro/ A quem a história não esqueceu/ Conhecido como navegante negro/ Tinha a dignidade de um mestre-sala [...]” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 113).

O mestre sala, na verdade, estava lutando para conquistar a dignidade na vida; apesar de estar nadando contra a correnteza, lutou até o fim, pois deixou um legado de luta e resistência contra os dominantes. Os eixos de opressão colonial estavam, diuturnamente, presentes na jornada de João Candido; é assim também contra as populações negras da nossa atualidade, eles “nadam contra a corrente” para não serem esmaecidos por aqueles que pensam que os negros e negras não existem.

Outro movimento de caráter de denúncia surgiu no ano de 1944, na cidade do Rio de Janeiro, o Teatro Experimental Negro (TEN). Esse grupo foi fundado por Abdias do Nascimento e teve como objetivo abrir as portas das artes cênicas

⁷³ Ação de lutar. Combate corpo a corpo, sem armas. Batalha peleja. Antagonismo, conflito. Esforço, empenho (XIMENES, 2000, p. 592).

⁷⁴ Ação ou efeito de resistir. Força que se opõe a outro, anulando em parte ou todo seu efeitos (XIMENES, 2000, p. 813).

⁷⁵ Texto disponível em *O negro no Brasil de Hoje* (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 108-111).

brasileiras para atores e atrizes negros/as, apresentando uma frente de luta focada na libertação cultural do povo negro e “Por mais contundente que venha a ser o processo de libertação, é também um ato de ternura, amor e responsabilidade” (RUFINO, 2019, p. 11). O poeta Solano Trindade foi uma peça principal da parte dos criadores do TEN, sendo um dos maiores poetas negros que o Brasil já conheceu segundo menção feita pelo escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade.

Solano Trindade também se preocupava com as questões das desigualdades sociais, enquanto algumas pessoas tinham o que comer, outras passavam fome, não sabiam o que comer. O poema *Tem gente com fome*⁷⁶ retrata muito bem essas desigualdades que os grupos subalternizados passam, há denúncias em suas letras.

O poema de Trindade apresenta as desigualdades sociais presentes em nossa sociedade, tais como: má distribuição de renda, exclusão em diversos programas sociais, a falta de oportunidade de emprego, moradia, saúde e educação para quem mais necessita (os subalternizados), principalmente quando se refere às populações negras da nossa sociedade. Nessa caminhada, os movimentos negros se juntam para denunciar, fortalecer e alcançar um objetivo: o respeito e a equidade para todos, sejam mulheres ou homens negros.

Nesse viés, nas organizações do movimento negro brasileiro as mulheres negras tiveram um papel importante na história. Porém, apesar das metamorfoses em todo o mundo, a mulher negra ainda era marcada pela discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser mulher negra numa sociedade racista (MUNANGA; GOMES, 2016).

As instituições não governamentais (ONGs) também têm a presença de mulheres negras em várias frentes: para realizar trabalhos de denúncias contra o racismo, cursos, palestras projetos e debates sobre educação sexual, saúde reprodutiva, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outras.

As vozes das nossas antepassadas, com suas dores e lutas, ainda ecoam entre nós e servem de exemplo para que não desistamos dos objetivos de construir uma sociedade digna para todos e todas. O crescimento dos movimentos negros em nossa sociedade validam as ações e as práticas antirracistas em nossa sociedade e

⁷⁶ Poema do poeta recifense Solano Trindade, composto em 1944. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2021/03/4914162-artigo-tem-gente-com-fome.html>. Acesso em: 11 maio 2021.

os movimentos de denúncia contra o racismo e preconceito contra homens e mulheres negros/as.

Nessa caminhada, para chegar à formação dos grupos sociais existentes hoje, homens e mulheres negras tiveram que enfrentar vários obstáculos para formar alianças e combater os atos que aterrorizam os negros e as negras, portanto, herança da escravidão, sendo esta “herança que se cristalizou em instituições, formou procedimentos muito automáticos e mais invisíveis de rebaixamento e segregação” (GONÇALVES FILHO, 2017, p. 143).

Carneiro (2011, p. 15) retrata que “[...] uma das heranças da escravidão foi o racismo científico do século XIX, que dotou suposta cientificamente divisão da humanidade em raças e estabeleceu hierarquias entre elas, conferindo-lhes estado de superioridade ou inferioridade naturais [...]”. Corroborando a autora, essa divisão de classes trouxe uma negatividade contra as populações de minoria social, porque essa estruturação de classificação fortaleceu o racismo e o preconceito contra os povos mais vulneráveis.

Entendemos, aqui, que “o racismo colabora na diferenciação das tarefas por meio do estabelecimento de uma hierarquia baseada no recorte racial na qual certos trabalhadores perdem uma parte maior do mais-valor que eles criaram do que outros” (DEVULSKY, 2021, p. 13).

A herança da escravidão, até hoje, reverbera em nossa sociedade. Crianças, jovens, adultos e idosos negros são os que mais sofrem com as consequências dessas mentes fechadas contra o preconceito e o racismo. Entretanto, a fim de analisar sobre quem mais sofre, os idosos negros, destacamos as idosas negras, pois elas sofreram e sofrem por serem mulheres, negras e idosas nesse sistema global colonial patriarcalista. As mulheres negras vivem um entrelaçamento de invisibilidade. Ribeiro (2019) destaca que:

A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida (RIBEIRO, 2019, p. 42).

Endossando as palavras da autora, a invisibilidade negativa aos poucos, pois quando se é ignorado na sociedade deixa-se de ter seus direitos, como: educação, segurança, saúde, entre outros. Por essa invisibilidade, as pessoas negras acabam

gritando para que sejam ouvidas e tenham seus direitos garantidos. Portanto, esses direitos tornam-se ainda mais negligenciados quando os sujeitos vão ficando mais velhos.

Vale considerar o que apresenta a Constituição de 88, Art. 10, § 3.º: “é dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. Precisamos zelar dos nossos idosos, sejam negros ou não, pois eles trazem na sua trajetória de vida experiências que foram vividas e que se tornaram aprendizagens.

Benjamin (1985, p. 205) nos ensina que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história [...]”. Faz-se necessário escutar e valorizar essa arte que é tão valiosa em nossas vidas, quando escutamos as histórias viajamos junto com o contador e podemos viver juntos esse momento tão importante para quem conta.

Cogita-se que quando contamos ou narramos revivemos uma experiência que vivemos no passado; estas vivências que carregamos durante nossas vidas precisam ser lembradas para que possamos trazer esses acontecimentos em forma de aprendizagem. Josso (2010) apresenta uma importante reflexão relacionada às experiências:

É preciso, pois, evocar experiências que são suficientemente significativas para compreender as correntes que animam o movimento de vida, escolher experiências que são apresentadas como testemunhos da construção identitária e que são outros tantos paradigmas de um caminho formativo. (JOSSO, 2010, p. 175).

Nesse contexto, o movimentar das experiências de vida de um sujeito poderá fortalecer a sua construção identitária, pois cada vez que narrar sua experiência de vida conseguirá entrelaçar o que foi vivido e ficará mais forte para fazer com que cada parte seja um processo de formação.

O artigo está dividido em cinco seções: na seção introdutória, contextualizamos a pesquisa; na segunda seção, destacamos estudos de autores que dialogam com a temática, metodologia utilizada e o objetivo do estudo; na terceira seção, dialogamos sobre os eixos interseccionais que estão presentes na vida das idosas negras; na quarta seção, versamos a respeito das Narrativas de

Vida das Idosas Negras, onde serão contadas histórias de vida; na quinta seção, tecemos nossas considerações gerais, relatando o que a pesquisa nos deixou.

PERCURSO DA COLETA DE DADOS E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Com efeito, o artigo possui uma metodologia qualitativa e bibliográfica tipo da pesquisa história oral. Assim sendo, com base em Alberti (2004), trata-se de um “método de análise e como procedimento de coleta de dados”; de acordo com Ricoeur (1976), uma análise interpretativa compreensiva; com Afonso e Abade, busca-se reinventar as rodas; sobre a Técnica de coleta de dados baseada na Roda de Conversa, Afonso e Abade (2008) relatam que é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão de todos que estão participando.

Nesse caminhar, para preservar a identidade das participantes, conforme o Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos, a pesquisadora e o orientador nomearam, então, as idosas negras Quilombolas por nomes de flores, escolhidos por elas. Logo, as oito idosas negras serão assim identificadas: *Acácia, Bromélia, Cravo, Flor do Campo, Jasmim, Orquídea, Rosa, Violeta*.

As narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio se constituem do legado existencial e das experiências vividas por elas ao longo do tempo de suas existências. Foram marcadas três rodas de conversa na Associação Quilombola Maria de Juvêncio, em cada roda foi discutida uma temática para estimular as narrativas. Na primeira roda foi feita a leitura, rapidamente, do projeto de intervenção, em seguida foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que todas pudessem assinar e participar das intervenções. Além disso, realizamos uma dinâmica: o jogo da memória, com o objetivo criar um clima agradável entre todas as participantes, estimulando, assim, sua memória no momento de suas narrativas de vida nas rodas de conversas. Portanto, em razão de todas as situações que cada uma delas passou em suas vidas, nos momentos de alegrias ou de tristezas, estimular a memória com situações diferentes, como no caso do “Jogo da memória”, representou uma descontração agradável para todas.

No segundo dia, começamos com o jogo das vivências. Foi uma iniciativa para começar as intervenções. Primeiro pedimos que todas ficassem de pé em fileira e prestassem bastante atenção às perguntas, apontando para quando terminassem de ouvir a pergunta dessem um passo à frente, caso a pergunta se encaixasse em

sua trajetória, repetindo a ação após cada pergunta. Após todas as perguntas, passamos a discutir na roda de conversa cada questão apresentada. Nesse momento, todas tiveram a oportunidade de narrar suas histórias de vida. Em tempo, a pesquisadora estava com um gravador para gravar e, em seguida, transcrever no papel todas as narrativas colhidas, para, depois, realizar a análise dos dados.

No terceiro dia, reproduzimos um documentário biográfico de Maria Carolina de Jesus⁷⁷, apresentando sua história de luta, de resistência, deixando um legado⁷⁸ para todos que se dispõem a viajar com sua trajetória de vida. Dentre as atividades, não poderiam faltar músicas para, também, levarem alegria a elas nesse momento de narrar suas histórias. As músicas buscam transmitir alegria e grandes reflexões acerca do racismo e preconceito presentes em seu legado, sempre destacando a interseccionalidade⁷⁹.

Por conseguinte, suas narrativas de vida colhidas nas rodas de conversas foram transcritas para a construção do Diário de Memórias: *Narrativas de Vidas das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio*, que será utilizado como mais um instrumento de combate ao racismo em nossos espaços formais e não formais.

O referencial teórico, por sua vez, baseia-se em: Ribeiro (2019), com sua obra *Lugar de Fala*; Munanga e Gomes (2016), em *Os negros no Brasil de Hoje*; Davis (2016), com o livro *Mulheres, Raça e Classe*; Josso (2010), em *Experiências de vida e Formação*; hooks⁸⁰ (2021), com a produção *eu não sou uma mulher?*; Benjamim (1994), com *O narrador*, e Carneiro (2011), em *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*.

⁷⁷ Biografia de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0TkMOFAosfA>. Acesso em: 22 dez. 2021.

⁷⁸ O Legado compreende um bem determinado ou conjunto de bens determinados, que são especificados em testamento, deixados a alguém determinado de legatário (DIAS; LIMA, 2018, p. 01).

⁷⁹ A interseccionalidade “é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2022, p. 07).

⁸⁰ O nome “bell hooks” foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa. O seu objetivo, porém, não é ficar presa a uma identidade em particular, mas estar em permanente movimento. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks. Acesso em: 10 jul. 2022.

IDOSAS NEGRAS: A INTERSECCIONALIDADE SE FAZ PRESENTE

13 de maio...

Hoje amanheceu chovendo, um dia simpático para mim é o dia da Abolição dia que comemoramos a liberdade dos escravos... Nas prisões os negros era bodes expiatórios, mas os brancos agora são mais cultos. E não nos tratam com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes, sejam felizes. Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte, mesmo assim mandei os meninos para escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manoel vender os ferros. Com dinheiro dos Ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco vou sair.

... Eu tenho tanto dó dos meus filhos quando eles ver as coisas de comer eles branda:

-Viva a mamãe!

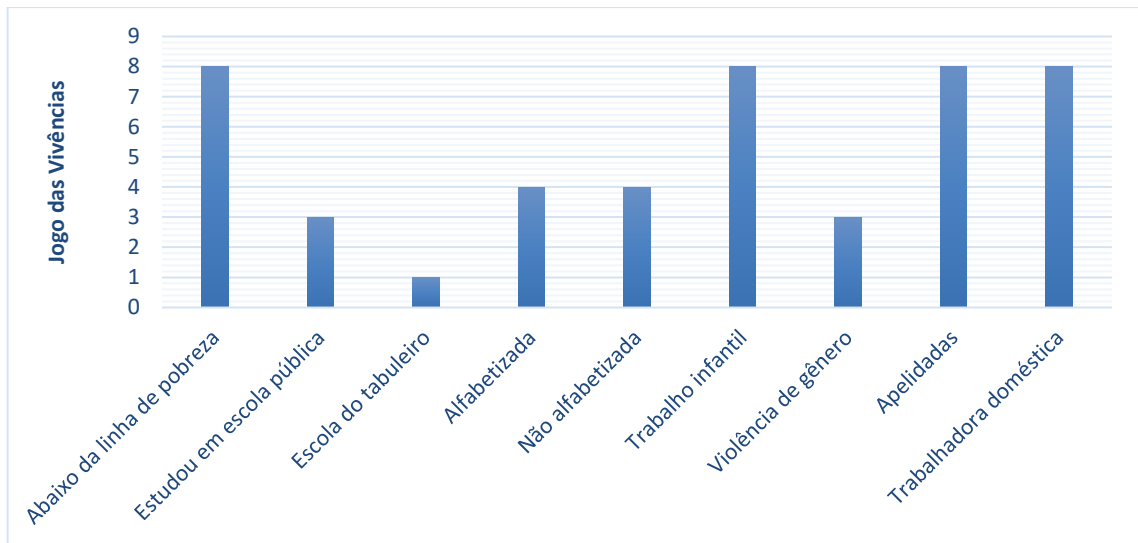
A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem comer mais comida. Eu mandei João pedir um pouquinho de gordura na Dona Ida. Ela não tinha. Mas mandei um bilhete assim:

“...” Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje Choveu e não pude ir catar papel.
“Agradeço, Carolina.” (JESUS, 2014, p. 32).

Mulher, Negra e Pobre. Uma voz feminina que teve a interseccionalidade presente em sua vida. Carolina Maria de Jesus é uma voz que pertence às vozes de muitas mulheres negras. Em sua narrativa podemos perceber que a palavra “falta” está presente no seu cotidiano entendendo que “a palavra não se limita a ser veiculadora dos sentidos, a palavra é carne, é materializadora da vida, propiciadora dos acontecimentos” (RUFINO, 2019, p. 14). Ser mulher negra nesse sistema racista é injusto e perverso. A palavra “falta” a acompanha em todos os momentos, pois compreende os desafios que muitas mulheres passaram ou até mesmo irão passar em algum momento de suas vidas.

Educação, respeito e falta de trabalho são fatores que as afligem, em especial as mulheres negras que vivem à margem de uma sociedade machista, capitalista. Na Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, do município de Biritinga-BA, as oito idosas negras que participaram das rodas de conversas passaram por todo esse processo de negligenciamento por pertencerem às classes dos subordinados. O Gráfico 1, adiante, foi construído baseado na dinâmica o “Jogo das vivências”, realizado com as idosas negras nas rodas de conversas.

Gráfico 1 - Jogo das Vivências



Fonte: Dados gerados a partir das vivências das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio.

O gráfico revela que das oito idosas negras 100% estão abaixo da linha da pobreza, fazem parte do grupo das subalternizadas, não possuem emprego fixo. Em relação aos estudos, apenas 37,5% estudaram em escola pública e foram alfabetizadas, apenas 12,5% estudou na Escola do Tabuleiro⁸¹. Nesta escola, os pais que pagavam mantinham seus filhos estudando, de modo que as professoras recebiam crianças para ensinar e alfabetizar. Quando os pais não tinham o dinheiro a criança não estudava, pois, não tendo o dinheiro, os pais não a enviavam à escola, interrompendo, assim, o aprendizado em sua vida. Quanto aos outros 50% encontram-se não alfabetizadas, visto que, em seus relatos, os pais não deixavam estudar para trabalharem na lavoura, a fim de ajudarem no sustento da família em casa.

Sobre o trabalho infantil, verificamos que 100% estão no mesmo patamar, todas tiveram que trabalhar cedo para ajudar os pais em casa, pois eles não tinham boas condições de vida para mantê-los. A respeito da violência de gênero, 50% tiveram impactos de violência física e verbal com seus maridos. Um ponto que nos chamou a atenção foi a linha “apelidada”, visto que nem todas sabiam que esses apelidos eram um tipo de racismo. Aliás, em todos esses sofrimentos elas não

⁸¹ Segundo Orquídea, quando criança morava na Baixada perto da ponte onde passava um rio chamado Engazeira que liga com o rio Inhambupe. A Escola do Tabuleiro era uma casa que os pais pagavam para ensinar a ler e escrever aos seus filhos. Como era longe e de difícil acesso, foi chamada por esse nome, ficava onde é a atual Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio.

pensavam que estavam sofrendo opressão interseccional, para elas esses atos eram normais.

Quanto ao trabalho doméstico, 100% encontravam-se nessa condição, pois, quando não trabalhavam diretamente, faziam atividades similares, como lavadeira, entre outras. Sobre dados como estes, Munanga e Gomes (2016, p. 134) retratam que “[...] a mulher negra continua associada às funções que ela desempenhava na sociedade colonial imediatamente após abolição. É, em sua maioria, a empregada doméstica, a lavadeira, a faxineira, a cozinheira”.

Consoante hooks (2021, p. 50), as “escravizadas domésticas repetidas vezes reclamavam do estresse e da tensão de estar sob constante vigilância dos proprietários brancos”. hooks aduz que além de trabalharem como empregadas domésticas ainda eram vigiadas pelos seus patrões, sendo vulneráveis a qualquer tipo de agressões.

Nessa caminhada, as idosas negras da Associação Quilombola Maria de Juvêncio (AQUIMAJU) sofreram tanto discriminação⁸² quanto preconceitos. Vale a pena lembrar que elas resistiram a todas essas lutas e resistências que se caracterizam como opressões interseccionais encontrando apoio nos familiares, amigos e vizinhos que estavam por perto.

Nesse viés, elas deixarão um legado⁸³ por tudo que passaram à margem de uma sociedade racista, nas mãos daquelas pessoas que imaginam que o racismo acabou.

Os Quadro 1 e 2, seguintes, listam alguns dos apelidos mencionados pelas participantes, os quais ouviam de pessoas com quem conviviam.

Quadro 1 - Apelidos

Participantes	Apelidos	Quem nomeou
Acácia	Nega preta	Patrão
Bromélia	Cabelo de penteio, nega do bozó,	Primos e colegas da escola
Cravo	Nega da Trindade, nega desaforada, nega mal-educada	Colegas da escola
Flor do Campo	Morena	Marido

⁸² Discriminação é negar a oportunidade de trabalho para o negro (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 184).

⁸³ O legado “compreende um bem determinado ou um conjunto de bens determinados, que são especificados em testamento, deixado em alguém determinado de legatário” (DIAS; LIMA, 2018).

Jasmim	Morena	Marido
Orquídea	Nega suja/ Pé de lodo	Colegas da escola
Rosa	Beijuda	Colegas da escola

Fonte: Informação das colaboradoras da pesquisa nas rodas de conversas.

Quadro 2 - Apelidos presentes na Comunidade

Cabelo de Bombril
Pé de poeira
Urubu
Macaco
Nega do cabelo Duro

Fonte: Informação do presidente da Associação AQUIMAJU.

Explorando o item apelido, tanto do gráfico como dos quadros, ficamos perplexos com as palavras apresentadas na roda de conversa. Esses apelidos dados às idosas negras da comunidade são apelidos racistas que a nossa sociedade insiste em direcionar para as pessoas negras. O que mais chamou a atenção, no momento da conversa, em relação aos apelidos, foi o fato de ficarem todas tímidas, caladas. No entanto, depois de algumas conversas e lembrando o seu passado, elas passaram a relatar os apelidos. Para algumas, representava um ato de carinho de uma pessoa em relação a elas, desconhecendo o significado negativo e sua inadequação.

Algumas delas apresentavam um pouco de conhecimento e já sabiam que esses apelidos eram por causa da cor da pele, outras, porém, não reconheciam como palavras racistas. Podemos destacar, também, que eram dirigidos, geralmente, por pessoas ligadas a elas, tais como: marido, patrão, colegas da escola e primos. Vale a pena ressaltar que, naquela época, não se discutia muito sobre as questões raciais e nem se interligavam os apelidos aos preconceitos.

Durante a intervenção, Flor do campo e Jasmim destacaram que seus maridos as chamavam de *Morena*. Para elas, esse apelido era um jeito de demonstrar carinho por parte dos seus maridos, ainda revelaram gostar desse apelido carinhoso. No entanto, nem imaginavam que essa pequena palavra estava relacionada ao preconceito racial.

Bromélia confessou que por ter seus cabelos crespos alguns colegas da escola tinham olhares diferenciados. Em relação ao primo, ela informou que era um apelido carinhoso que ele tinha lhe dado: *Nega do Bozó*. Ximenes (2000, p. 147)

salienta que *bozó* é “Jogo de dados em que se utiliza um corpo de couro”. Nesse contexto, trata-se de influenciar alguma pessoa a fazer algo através de magia, feitiço e encantamento. Negativamente os negros e as negras são cheios de apelidos racistas, quando não se referem às suas características fenotípicas, atingem a localidade onde moram.

Cravo, Rosa e Orquídea, ao revelarem as palavras que lhes ofendiam, demonstraram revolta com os preconceitos da sociedade em relação à Comunidade Quilombola, pois os apelidos estavam sempre ligados ao quilombo. *Pé de lodo*, por exemplo, se refere à trajetória que elas fazem das suas residências até chegarem ao centro da cidade, pois como a estrada é de areia sempre que chegam seus pés estão sujos de areia ou lama quando chove.

A respeito do apelido de Acácia, segundo ela, o patrão a chamava assim com carinho, por estar cuidando dos seus filhos. Ela gostava, pois, como afirma, nunca faltou respeito entre eles. Para além desses apelidos, há, também, palavras preconceituosas, negativas e ofensivas por parte da população direcionadas à comunidade, conforme mostra o quadro 2, segundo informações do presidente da Associação Quilombola Maria de Juvêncio (AQUIMAJU).

NARRATIVAS DE VIDA DAS IDOSAS NEGRAS: VOZES FEMININAS ENTRELAÇADAS

Não quero saber de outra no nosso lugar de fala/ Mulher preta no poder pra poder poder/ Não pisa na minha grama, não levanta minha saia/ Mulher preta no poder pra poder poder/ Se não tem a pele preta em matriz/ Não me representas/ Se não tem cabelo crespo em raiz/ Não me representa/ Se não tem meus olhos, meus dentes, meus lábios carnudos não sabe o que diz/ Nem meu nariz, não me representa/ [...] (MOMBAÇA, 2016)⁸⁴

Começo este tópico com um trecho de música que fortalece a raça negra, principalmente as mulheres negras, pois elas sofrem de várias maneiras, seja por causa do cabelo ou da sua cor. As mulheres negras precisam desse fortalecimento, precisam ter representatividade, ter orgulho do seu passado, da história, fortalecer um legado que é passado de geração em geração, valorizando seus ancestrais, e

⁸⁴ Mombaça Produções lança o videoclipe “Lugar de Fala”. A música trata não só do empoderamento, mas também da autoestima da mulher negra e do seu lugar de fala no contexto da discussão sobre os direitos da mulher. Cantada por elas e para elas! Composta pelo cantor e compositor Mombaça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inRHF2R-bOU>. Acesso em: 15 dez. 2021.

essa valorização do legado só é possível por causa das histórias orais que são contadas de geração em gerações, de modo que, por meio de documentos, fiquem registradas suas Histórias Orais, sendo este um método de coleta de dados (ALBERTI, 2004, p. 155).

Por muitos anos as mulheres negras foram silenciadas, maltratadas, xingadas e, até mesmo, sendo tratadas como homem, tinham que trabalhar nos espaços juntamente com eles ou até mesmo em piores condições. Davis (2016, p. 29) revela que as escravas eram “substitutas de animais de carga”, assim, se estes trabalhos eram pesados demais para homens, quanto mais para uma mulher. Certamente, por serem negras eram vistas como um ser de força. Davis (2016, p. 29) ainda afirma que eram:

Obrigadas pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvida, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX.

Visto que conviviam juntamente com os escravos e realizavam trabalhos que eram para os homens, as mulheres negras enfrentaram várias opressões ligadas ao sistema patriarcal. Nesse sentido, as opressões ao gênero mulher vêm sendo realizadas há muito tempo. Na época da escravidão, os filhos das mulheres negras já não podiam ser crianças, pois eram obrigados a trabalhar na lavoura, perdendo, assim, sua liberdade, a fim de serem explorados para os lucros dos senhores das fazendas. Davis (2016, p. 25) afirma que “da mesma forma que os meninos eram enviados para o campo ao atingir certa idade, as meninas eram designadas para trabalhar o solo, coletar algodão, cortar cana, colher tabaco”. Infelizmente essa realidade ainda acontece em nossos dias.

No quilombo AQUIMAJU, na zona rural de Biritinga-BA, não era diferente, porque as colaboradoras da pesquisa, quando crianças, também faziam trabalho braçal e trabalhavam como se fossem adultas. Entretanto, seus pais, como não tinham empregados como mão de obra, colocavam seus filhos e filhas para trabalharem desde cedo na lavoura para o sustento da família. Eles trabalhavam para o próprio pai e, assim, por vezes, não tinham a oportunidade de cumprir seus estudos; além disso, o tempo de brincar era pouco, visto que toda criança tem o

direito. No bojo do trabalho, as meninas e os meninos trabalhavam em pé de igualdade, sem separação de gênero, elas não eram tratadas com zelo. Para estas mulheres negras, a realidade da escravidão perdurou nelas e continuaram a fazer esses trabalhos difíceis de lavoura. O homem, por ser forte, trabalhava mais, mas as mulheres negras eram obrigadas a trabalhar como se fossem do gênero masculino. Como consta nos seguintes relatos:

Meu pai e minha mãe sempre me tratou bem, comecei a trabalhar com 14 anos na roça plantando feijão, pegava cestas de mandioca, pela manhã eu ai bisolhá fumo, todos trabalhavam na roça. Eu era trabalhadeira, ligeira, ele me acordava cedo pra me levar pra roça pra bisolhá fumo, celma de fumo as monoquinhas (charutinhos) pra vender e ter o sustento em casa. (JASMIM, 2022).

Minha vida foi trabalhar, não tive infância, meu pai me colocava pra trabalhar, aí ficava trabalhando na roça e não ia pro colégio. Na roça eu trabalhava limpando mandioca, pegava peso, trabalhava na enxada, fazia feixe de lenha tudo que meus irmãos fazia eu fazia também. (ROSA, 2022).

Minha vida foi trabalhando. Eu comecei a estudar, mas meu pai me tirou pra trabalhar na roça limpando mandioca, prantando ração. Eu ia para formigueiro pegar balde de água. (FLOR DO CAMPO, 2022).

Minha vida... eu fui criada com minha tia. Levava roupa, para o ganho. Eu ia ajudar ela pra ajudar e ainda ajudava meu pai no tabuleiro pra vender e para dar comida aos meninos eram muitos fios. Ele dizia, Acácia, você vem hoje pra a gente ir pro tabuleiro. Nois ia, pra catar mangaba. (ACÁCIA, 2022).

Verificamos que, na sua infância, estas idosas passaram por muitas fases, uma vez que algumas delas tiveram que largar o espaço escolar para trabalhar nas lavouras, nos campos ou em outros lugares, por seus pais terem muitos filhos tinham que começar cedo a ajuda para colocar comida em casa, tendo em vista sustentar suas famílias e não morrerem de fome. É importante frisar que as histórias orais aqui reveladas são de idosas negras que viveram toda essa trajetória de vida incorporada a sofrimentos e amarguras.

Nesse caminhar, depois de muita luta, não tiveram oportunidade no decorrer de suas vidas, pois os espaços de empregos e de educação se desviaram dessas sofredoras, mas mulheres negras. Contudo, isso diverge do que informa a Constituição de 1988⁸⁵, ao asseverar que a “educação é um direito de todos”, sendo

⁸⁵ Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Disponível em: CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1988 – ARTIGOS 205, 206, 208, 212, 214 (sinesp.org.br). Acesso em: 10 fev. 2022.

assim, sem os estudos a vida torna-se mais difícil no momento de conquistar um lugar no mundo do trabalho.

Segundo Davis (2016, p. 97), “[...] de acordo com o censo de 1890, havia 2,7 milhões de meninas e mulheres negras com idade acima dos dez anos. Mais de 1 milhão delas eram trabalhadoras assalariadas: 38,7% na agricultura, 30,8% nos serviços domésticos, 15,6% em lavanderias [...]”. Este índice nos leva a perceber que sem a educação as oportunidades escapam pelas mãos de todos. Observamos os relatos que ilustram estas narrativas:

Por não ter estudado, ficou tudo difícil, porque se eu estudasse poderia ter arrumado um trabalho. Sabia ler, ir para os lugares. Não precisava pedir para as pessoas, vai fulana me mostre algum lugar Pegar as coisas, não sabe o preço, não sabe quanto que custa, pega a mais. Agora que estou sabendo as letrinhas. Não sabia o que era um A, B, C... agora eu pego e vou soletrando, melhorou um pouquinho, estudo na EJA da Comunidade. Às vezes eu trocava o documento, levava os dos meninos, saía e colocava na bolsa pensando que era o meu, quando eu chegava no lugar, não era o meu, era dos meninos. Hoje eu pego e sei qual é o meu o CPF, cartão dos SUS. O que mudou foi isso! (BROMELIA, 2022).

O que me atrapalha é o fato de eu não ter me formado, não tenho um emprego, nem salário, não tenho como ajudar o marido, tudo é o marido, se eu estudasse, tivesse uma faculdade, tinha um emprego, dar uma vida melhor pra os filhos. (CRAVO, 2022).

Não me formei, meu pai não tinha de tudo, eu queria uma sandália não tinha como me assumir. Eu tinha que trabalhar para me manter eu sofri muito, sofri porque sou mulher. (JASMIM, 2022).

Eu estudei, se meu pai pagava um mês, eu estudava, quando ele não pagava eu não estudava, estudava na escola do tabuleiro. Eu aprendi assinar meu nome, um nome fácil eu soletro. Sei escrever um pedaci. Um A, C, C, O... Eu não sei a ler, mas sei assinar, o juízo não deu. (ORQUÍDEA, 2022).

Eu estudei pouco, meu pai não deixava estudar, casei cedo, tenho dois filhos. (ROSA, 2022).

Meu pai me castigava muito, tirava da escola pra não estudar. (FLOR DO CAMPO, 2022).

Trabalhei em casa de família como empregada doméstica. Levava roupa, para o ganho. (ACACIA, 2022).

Trabalhadora doméstica. (VIOLETA, 2022).

Nas narrativas de vida, fica evidente que os sistemas de opressões reverberam em suas histórias. Quando se retira o direito de uma criança estudar, nega-se também o direito de sonhar em conquistar uma vida de qualidade. Essas

marcas de negatividade foram profundas e até hoje sentem as dores deixadas pela escravidão.

É possível constatar que, pela falta de oportunidade de estudar, não tiveram muito progresso na área do trabalho, conseqüentemente não tiveram chance de um salário digno para a sua sobrevivência e de seus familiares, sendo assim, acabaram pertencendo à classe dos vulneráveis. No percorrer das histórias os relatos ficavam cada vez mais impactantes, desde a infância até a fase adulta a vida destas idosas negras verifica-se uma vida conturbada atravessada pela interseccionalidade.

Além do racismo e do preconceito que as mulheres sofrem diariamente, elas enfrentam o sexismo que ultrapassa as barreiras do racismo. Carneiro (2011) nos afirma que:

O mapa da população negra no mercado de trabalho que oferece os seguintes dados: em Salvador, por exemplo, uma das cidades de maior concentração da população negra do Brasil a taxa do desemprego da população economicamente ativa está assim distribuída: entre as mulheres negras é da ordem 27,6% contra 24,0% para os homens negros, 20,3% para as mulheres brancas e 15,2% para os homens brancos. Em São Paulo, a taxa de desemprego encontradas foram de 25% para as mulheres negras, 20,9% para os homens negros, 19,2% para as mulheres brancas e 13,8% para os homens brancos. (CARNEIRO, 2011, p. 129).

Nota-se a desigualdade entre homens e mulheres, em especial as mulheres negras. Estas, negativamente, encontram-se em posição de inferioridade em todos os sentidos, como mostram os dados da citação anteriormente mencionada, sobre as cidades de Salvador e São Paulo em relação ao desempenho. Carneiro (2011, p. 128) ainda revela que “as mulheres negras ocupadas em atividades manuais perfazem um total de 79,4%. Destas, 51% estão alocadas no emprego doméstico e 28,4% são lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, serventes”.

Os homens brancos tendem a receber um valor salarial diferenciado, sendo mais que os homens negros – com as mulheres não é diferente. Carneiro (2011) mostra como os salários são distribuídos: “o homem branco ganha: 6,3 salários mínimos; a mulher branca, 3,6; o homem negro, 2,9; a mulher negra, 1,7”.

Carneiro (2011, p. 127) informa que: “o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre a vida, que se manifesta em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima [...]”. É o que verificamos quanto à saúde mental das colaboradoras da pesquisa, as idosas negras do quilombo, uma vez que passaram

por momentos emocionais muito fortes em determinados momentos das suas vidas, como mostram em suas narrativas nas rodas de conversas:

O Marido era bom comigo, mas depois começou a ficar ruim. Nós vivíamos nos tapas, bebia, xingava, jogava comida no mato dizia que não tinha. É isso aí, eu não queria dar meu corpo mole, para ele não bombar. Tive muitas brigas, apanhei de um policial por causa da rapariga do meu marido. Quando a policial chegou disse: Umbora, não matei e nem roubei, estou em minha razão, “Espinho” nome do policial colou os três na chave, falou: Me dê à mão, eu tome. Bata! Me deu 3 tapas mas mãos. Eu disse: pode bater, você está batendo em uma mulher. Ai! Já sofri de brincado. Já sofri mais que subaco de alejado! O marido ia beber cachaça, chegava em casa riscava fogo na verdadeira briga, ele me batia, nós se linhava. Ele dizia: vai vagabunda, me dava macho, agora vou pegar, venha macho! Venha macho! Eu ia pra cima, nois se linhemo, tinha um sofá veio, tinha um broco ele pegou minha cabeça pra botar dentro, Deus não deixou. Ele falou: Pera que vou lhe matar! O coração batia aqui do lado! Puff, Puff!. Se me pega agora ia me matar, aí eu corri. Hoje estou feliz, se estivesse vivo estava sofrendo!!! (BROMELIA, 2022).

No começo meu marido foi bonzinho, no meio de lá pra cá começou a ficar ruim. Procurei a justiça porque chegava em casa perturbando pegava a faca para cortar as minhas filhas e eu, separei dele, me batia muito. Teve uma vez, que ele veio pra me bater, eu cortei a cara todinha dele no chão. Ele saía de plano a beber e bagunçar. Ele vinha pra me bater, eu pegava uma pedra e ele correndo, dizendo eu volto. Eu não aguentava mais e pedi para me separar. Ele pegou um facão pra cortar minhas filhas, eu liguei pros home. (JASMIM, 2022).

Quando não eram opressões físicas, partia-se para opressões psicológicas...

Só tinha marido para fazer o fio. Quando falava fulana tá grávida já não se via mais a cara do homem, ele fugia. Eu estou em pé, porque não bebei, não farreava. Eu hoje não valo um caco de pipoca! Tem dias que tou boa tem dias que estou rui. São 65 anos de sofrimento!! Ele nunca me bateu. (ORQUÍDIA, 2022).

Até que meu marido era bom, não deu certo e deixei ele. (ROSA, 2022).

Marido bebia muita cachaça. Mas... Nunca me judiou não. (ACÁCIA, 2022).

Quando pensávamos ter ouvido de tudo na roda de conversa, fomos impactados com a narrativa de Flor do campo:

Casei cedo, quando o marido começou a me bater, eu larguei. Me batia e me trancava em casa e ia pra venda. Quando a mãe dele chegava, pedia pra abrir a porta ele abria e eu corria. Me batia muito. Ele pegava às muler pra espancar. Eu fiquei com ele, mas a mãe dele disse que era pra eu mi picar, e eu mi piquei a perna. Fui embora pra minha mãe. Me batia muito. Ele só batia em mulher. Ele arranjou a primeira e ela largou, eu peguei meus pais não quis, eu fiquei fui pra onde ele tá, já tinha me perdido com ele. Homem beberrão bebia pra judiar as muler. Me humilhava muito. (FLOR DO CAMPO, 2022).

As diferentes formas de narrativas de vida apresentadas anteriormente evidenciam que tanto as opressões interseccionais quanto o sexismo se fazem presentes na vida dessas idosas negras, de modo que os homens desejam que as mulheres estejam submissas a eles. A perversidade presente nas narrativas torna-se cada vez mais forte, entretanto muito sensível ao revelarem suas histórias de lutas e resistências durante todos esses anos.

Na mesma linha, estas narrativas possuem um valor incomparável, porquanto é através delas que suas histórias vão ganhando força para serem multiplicadas e valorizadas. Esse legado servirá para que as futuras gerações, tanto da comunidade quilombola como fora dela, se conscientizem de todos os sofrimentos que as mulheres negras passaram e passam, imaginando os sofrimentos que uma mulher idosa negra quilombola vivencia ao longo dos anos.

Tecendo as narrativas das idosas negras quilombolas nas rodas de conversas, elas também possuem um desejo de que seus descendentes possam viver dias melhores, não passem pelos sofrimentos que elas passaram durante a vida. De forma semelhante aos pensamentos das idosas negras vamos ao encontro de Freire (1992) ao retratar a esperança do verbo esperar. Segundo Freire “esperar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo” (FREIRE, 1992, p. 05).

Após nos alimentarmos com a esperança freiriana, vejamos nos relatos as esperanças que as idosas negras quilombolas relataram:

Eu quero que eles procurem o caminho bom, o mau não é procurar. Trabalhar, ser honesto não pegar nada dos outros, não andar na malandragem é isso que quero. A sociedade precisa esquecer do racismo e preconceito, não colocar apelidos nenhum em outro, não chamar o outro de negra, ser honesto, é isso que eu quero, foi isso que meu pai minha mãe me ensinou a pensar antes de falar as coisas respeitar todos. (BROMELIA, 2022).

A sociedade precisa ter respeito com outro. Por que acha que a gente somos negro? Como a gente vê aí governantes, quando estão nas políticas dá prioridade aos grandões e esquece dos pobres, esquece da gente. Os negros! Porque a gente somos negro eles não dão prioridades, só aos branco, os deles. Esquece da gente. Às vezes eu vejo muitas mães e família precisado do trabalho e eles dão. Governança dão prioridade aquelas pessoas da cor deles. Como diz, aqueles grandão igual a eles esquecem da gente. Quando chego tempo todos ajudam a eles o branco, negro, pobres e os rico. Porque ele só olha pra gente em 4 em 4 anos, a

gente ver muito isso. Esquecendo da gente, da sociedade e escola!!!! (CRAVO, 2022).

Queria ver minha família nas mãos de Deus em paz de Jesus. Ninguém é melhor que ninguém. O dono do mundo é Jesus. Eu sempre dou conselho aos meus filhos. (JASMIM, 2022).

Eu quero uma vida melhor para nossos filhos não passarem os problemas que os mais velhos passaram a dificuldade na vida. Porque minha situação quando eu tive eles, era pior, era tão difícil a vida. Eles têm que escolher a vida deles, se segue o melhor ou pior. (ORQUÍDIA, 2022).

Eu quero que meus netos cresça pra trabalhar e mais tarde ter uma casinha dele pra ficar juntos de mim. Não quero que ele fique na porta do bar para bebendo, o bar é violento, né? Tem que trabalhar, respeitar a sociedade. (ROSA, 2022).

Respeito e Educação. (FLOR DO CAMPO, 2022).

Boa criação, trabalhar, respeito. (ACÁCIA, 2020).

Dentre as narrativas apresentadas, com desejo de esperança Freiriana para as futuras gerações, Cravo nos chama muito a atenção, com uma narrativa muito potente, forte e que aparenta um desabafo pelo descaso por parte dos governantes. Revela que só procuram os mais pobres quando precisam; depois que conseguem o que querem, somem.

Quantas pessoas iguais a Cravo não existem por aí? Quantas não pensam do mesmo jeito? Mas, pela falta de escuta das suas vozes, ficam pressas em sua introspecção, passando por tantas angústias, em silêncio. É importante escutar as populações negras, deixar que demonstrem o que pensam e sentem, pois só elas sentem na pele o ranço do racismo e do preconceito.

Destacando a narrativa de Rosa, todos merecem respeito, tanto brancos como negros. A sociedade precisa entender que os negros são pessoas iguais aos brancos e que as políticas públicas precisam passar por todos. Para tanto, desenvolver debates em espaços formais e não formais é extremamente relevante para descolonizar padrões que foram impostos pelos colonizadores, ou seja, de que os negros devem obediência aos brancos e que só os brancos merecem respeito.

As rosas da AQUIMAJU não tiveram estudos por causa das consequências da vida que lhes foi imposta, por serem mulheres negras nessa sociedade racista e machista. Contudo, as mesmas possuem uma sabedoria que foram adquirindo ao longo desses anos de luta em sua comunidade. Estes desejos que elas narraram

nas rodas de conversas são desejos de que seus netos ou familiares não passem por tudo o que já passaram.

A partir das perspectivas da História Oral, conforme adverte Alberti (2004, p. 155), como método de análise e como procedimento de coleta de dados, foi possível construir o conceito de narrativas orais de histórias de vida, no intuito de reunir pesquisas e produção em comunicação e inovação que relacionem memória, história, cultura, subjetividades.

Para não concluirmos e, ao mesmo tempo, corroborarmos com os pensamentos de Freire e as narrativas das Rosas da AQUIMAJU, lembramos o trecho de uma canção do Jota Quest, pois coaduna com nossas expectativas: “Vivemos esperando dias melhores, dias de paz, dias a mais, dias que não deixaremos para trás [...]”⁸⁶.

O QUE A PESQUISA DEIXOU...

A pesquisa nos deixou uma lição: jamais o tempo irá apagar uma experiência ímpar. Os momentos desfrutados com as idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, do município de Biritinga-BA, ofereceram uma formação de aprendizagem com suas experiências, elas não possuíam um estudo acadêmico, mas a vida lhes proporcionou uma aprendizagem conquistada dia após dia. *Compartilhar e aprender*. Estas são palavras em destaque na pesquisa realizada durante o processo de aplicação do projeto de intervenção. Ouvir as narrativas de vida das idosas negras nas rodas de conversas significou uma experiência fortalecedora.

A escolha do método da pesquisa não poderia ser diferente. As narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio estão intrinsecamente ligadas à metodologia História Oral de Vida (ALBERTI, 2004).

Os relatos pessoais constituem narrativas dos sujeitos, artífices da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que aciona

⁸⁶ Compositores: Marcio Tulio Marques Buzelin, Marcos Tulio De Oliveira Lara, Paulo Alexandre Amado Fonseca, Paulo Roberto Junior Diniz e Rogerio Oliveira De Oliveira. Letra de Dias melhores © Sony/ATV Music Publishing LLC. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=musica+letra+dias+melhores+jota+quest&oq=musica+letra+dias+melhores&aqs=chr>.

a sua capacidade psíquica de rememorar, propriedade humana de conservar certas informações sobre o passado (LE GOFF, 2003).

Nas narrativas das idosas negras, verificamos que, de forma explícita, o racismo e o preconceito estavam presentes em suas vidas. Durante suas vivências, elas passaram por um sistema de vulnerabilidade em todos os sentidos, como o não acesso à educação, trabalho e, por alguns momentos, de opressões físicas e mentais por parte dos seus companheiros.

Ressaltamos que o legado da escravidão pendurará por mais anos se a sociedade não se conscientizar e lutar para desenvolver ações antirracistas em nossa sociedade, a fim de combater as desigualdades, exclusões sociais, discriminações, preconceito e racismo que atingem a maior parte da nossa humanidade. Historicamente, os movimentos sociais precisam ganhar mais espaço nessa esfera racista e preconceituosa, pois é por meio dos movimentos negros que as denúncias dos eixos das opressões ocorrem. Essas denúncias começaram há décadas, quando vários nomes ganharam destaque por sua luta contra as mazelas sofridas pelos/as negros e negras.

Conforme discutimos, as mulheres sofrem, mas as mulheres negras sofrem ainda mais nessa sociedade racista e preconceituosa, pois são privadas de todos os direitos, são invisibilizadas por serem negras. No entanto, por meio das rodas de conversas na Comunidade Quilombola, estas idosas negras colaboraram no aquecimento dos debates sobre racismo e preconceitos vividos pelas mulheres negras, saindo da invisibilidade para um papel de destaque nesta pesquisa.

Referências

AFONSO, Maria Lúcia Miranda; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Suely Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 1. ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

BORGES, Rosane. Prefácio. IN: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil**: Questões para a Psicanálise. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BORGES, Rosane. Feminismos negros e marxismo: quem deve a quem? In: ALMEIDA, Silvio (Org.). **Marxismo e questão racial**. São Paulo. Boitempo, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. Ministério da Saúde. 2. ed. rev. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 70 p. – (Série E. Legislação de Saúde)

CARNEIRO, Suely. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011 (Consciência em Debate/Coordenadora Vera Lucia Benedito).

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialista em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, 17/11/2002.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico]. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Lucília de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil Brasileiro, volume 6**: Direito das Sucessões. 28. ed. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 347.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Edson. **Meus Direitos**. [Resgate Fatal. São Paulo: EMI Odeon, 1995]. [Online]. Henrique Luiz. Youtube. 31 de out. de 2010. 3min38s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XkAr6Gei1Ms>. Acesso em: 25 mai. 2020.

GONÇALVES FILHO, José Moura. A dominação racista: o passado presente. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil**: Questões para a Psicanálise. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

hooks, bell. **Eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismos. Tradução Bhuvan libanio. 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. 1914-1977. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustração Vinícius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: África, 2014.

JOSSO, Marie-Cristiane. **Experiências de Vida e Formação**. Prefácio Antônio Nóvoa, revisão científica, apresentação e notas a educação brasileira. Cecilia Waschue: José Claudio e Julia Ferreira Adaptação à edição brasileira Maria Viana. São Paulo: Cortez, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MOMBAÇA, Lica Oliveira. **Lugar de Fala**. Lugar de Fala - Mombaça - LETRAS.MUS.BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inRHF2R-bOU>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016 (Para entender).

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. IN: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paul: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. O discurso e o excesso de significação. Lisboa Portugal: Edição 70, 1976.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Maria Lúcia da. Racismo no Brasil: Questões para psicanalistas brasileiros. IN: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise**. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

XIMENES, Sergio. **Mini Dicionário Língua Portuguesa**, 2000.

5 ARTIGO III: MEMÓRIAS TRANSCRITAS EM DIÁRIO COLETIVO: AS EXPERIÊNCIAS NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA DE JUVÊNCIO DO MUNICÍPIO DE BIRITINGA-BAHIA

RESUMO: O artigo tem como objetivo apresentar o diário de memórias como mais um instrumento de combate ao racismo em nossa sociedade. Os dados foram obtidos em rodas de conversa na Associação Quilombola Maria de Juvêncio, no município de Biritinga, na Bahia. O diário de memórias contará com as narrativas de vidas das idosas negras, onde elas irão deixar seu legado existencial transcrito para aqueles que lutam por uma sociedade com menos racismo e preconceito. Para tanto, respaldamo-nos na *Pesquisa Qualitativa* inspirada em Minayo (2007), que objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. A técnica de coleta de dados é a *Roda de Conversa* conforme Afonso e Abade (2008), de modo que as autoras relatam ser uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão de todos que estão participando. Optando pela metodologia *História oral* baseada em Alberti (2004), trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências. Debruça-se também sobre as contribuições de Benjamim (1985) com sua obra *O narrador*, onde apresenta riquíssimas contribuições sobre quem narra. Destacam-se, ainda, Symon (2004), com o *Diário apresentando os conceitos e a importância dos registros*; Penha (2001), em *O existencialismo*, retratando dos conceitos de existencialismo; Jesus (2014), com a obra *Quarto de Despejo: o Diário de uma favelada*, que apresenta as experiências de vida dos subalternizados; Larrosa (2005), com seus *Escritos sobre Experiências*, entre outros que corroboraram com a construção do estudo. O resultado deste estudo revela que o diário é um instrumento reflexivo, pois nele podem conter as emoções, as lutas, as angústias, além de outras etapas e movimentos da nossa vida. Nessa caminhada, quem o ler poderá se colocar no lugar do outro e fazer uma reflexão sobre a sua vida.

Palavras-chave: Diário; Experiências; Memórias; Racismo.

1 INTRODUÇÃO

O artigo intitulado *Memórias Transcritas em diário: As Experiências Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no município de Biritinga-Ba* apresenta reflexões sobre a importância do diário para transcrever as narrativas de nossas existências. A cada fase da vida, vamos ganhando experiências que, dia após dia, tornam-se mais fortes, criando e recriando laços históricos que irão compor nossa história e se fortificar no decorrer do tempo.

Josso (2010 p. 48) salienta que o “conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade sensibilidade, afetividade e ideação”; este conceito dialoga com o pensamento de Ricouer (1994,

p. 85) sobre o tempo, isto é, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna condição da existência temporal”.

Este diálogo entre os autores reforça que a experiência só é adquirida através do tempo, pois somente com o tempo adquirimos aprendizagens que podem ser transmitidas para outras pessoas e podem ser armazenadas em nossa memória⁸⁷. Nesse sentido, para Izquierdo (2014, p. 89), “não há memória sem aprendizagem nem aprendizagem sem experiências”.

As memórias são fruto do que alguma vez percebemos ou sentimos (IZQUIERDO, 2014, p. 89). Assim, para recordá-las é preciso que elas sejam evocadas, de modo que uma estratégia relevante para não serem apagadas e serem recordadas ocorre via transcrição dessas experiências de vida em um diário. O Diário nada mais é do que um companheiro de todas as horas, ele pode ser levado para onde quisermos. Basta ter um caderninho e uma caneta para registrar as histórias mais significativas e relevantes do sujeito.

Em consonância com Symon (2004) citado por Zaccarelli e Godoy (2010, p. 98), os diários podem ser usados para o registro de “reações, sentimentos, comportamentos específicos, interações sociais, atividades e/ou eventos”. O diário possibilita-nos reviver aquilo que já foi vivido transformado em palavras, sendo sua vantagem podermos visitá-lo quando quisermos e à hora que desejarmos.

O diário é um confidente utilizado, geralmente, para registrar acontecimentos pessoais ou coletivos, onde várias pessoas possam reunir narrativas de vida. Gonçalves, Lindemann e Galiazzi (2007 p. 2) afirmam que “[...] o diário de aula coletivo também tem sido interpretado à luz da abordagem sociocultural”.

O referido artigo é relevante, pois versa a respeito do diário de memórias constituído das narrativas de vida de oito idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, do município de Biritinga, na Bahia. No diário estão registradas

⁸⁷ “A memória é parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que não são função do movimento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas no ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória Nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo” (POLLAK, 1992, p. 204).

as lutas e resistências vividas por essas mulheres negras, destacando o racismo e o preconceito sofridos por elas em suas jornadas de vida.

De acordo com o Raio-X do Racismo no Brasil⁸⁸, 55% da população constitui-se de negros/as. Ainda sobre esses dados relativos aos negros no país, entre as pessoas mortas por assassinato representam 71%; ocupantes de cargos de gerência são 30%; das pessoas mortas em ações policiais somam 76%; analfabetos são 9%. Estes dados foram encontrados na Agência do Senado, com destaque à população negra. Infelizmente, os negros e as negras brasileiros/as ainda sofrem discriminações⁸⁹ em todos os setores. Desse modo, torna-se explícito que o racismo e o preconceito ainda prevalecem nessa sociedade capitalista, entendendo, inclusive, que [...] “se os intelectuais, jornalistas e políticos não sabem distinguir os negros dos demais brasileiros, evidencia-se que os policiais ou zeladores dos prédios nunca tiveram essa dificuldade” (MUNANGA, 2017, p. 41).

Não precisamos ir tão longe para percebermos esses dados gritantes. Basta olharmos a nossa volta para percebermos que estas mazelas estão bem perto em nossa sociedade – os privilégios são para aquelas pessoas que não pertencem aos grupos dos subalternizados. Diante disso, precisamos dialogar mais sobre esses assuntos que aterrorizam os negros e as negras. Portanto, o diário de memórias produzido nos encontros, durante o desenvolvimento do projeto de intervenção, representa mais um instrumento para se refletir sobre a situação das populações negras na sociedade brasileira.

Nesse caminhar, este artigo tem como objetivo apresentar o Diário de memórias como instrumento ao combate do Racismo, oriundo da produção de dados coletados em Roda de Conversa com base na obra *Para reinventar as Rodas*, conforme a ótica de Afonso e Abade (2008), na Associação Quilombola Maria de Juvêncio (AQUIMAJU) da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio.

⁸⁸ “O racismo também se manifesta de formas que podem ser menos gritantes, mas que produzem efeitos mais devastadores na vida da pessoa negra. [...] Em qualquer aspecto da vida que se considere, os pretos e os pardos (grupos que o IBGE classifica como negros) estão sempre em franca desvantagem na comparação com os brancos”. Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>. Acesso em: 15 abr. 2022.

⁸⁹ Almeida (2020) “conceitua a discriminação em direta e indireta. A discriminação direta é o repúdio ostensivo a indivíduos, grupos, motivado pela condição racial, exemplo do que ocorre em países em proibirem a entrada de negros, judeus, mulçumanos, pessoas de origem árabe ou persa, ainda lojas que recusem a atender clientes de determinada raça. Já a direta pressupõe que as pessoas são discriminadas a partir de um único vetor e também que a imposição de um tratamento desvantajoso requer a existência da intenção de discriminar” (ALMEIDA, 2020, p. 32-33).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na ótica Minayo (2007); com base em Husserl (1986) ao tratar do método da pesquisa fenomenológica; utilizamos como metodologia a *História Oral*, em consonância com Alberti (2004). Em aspectos teóricos, ressaltamos as contribuições dos seguintes autores: Benjamim (1985), Izquierdo (2014), Symon (2004), Munanga, (2003), Freire (1997), dentre outros que corroboraram para a construção deste artigo.

O artigo está dividido em cinco seções: na seção introdutória contextualizamos a pesquisa. Na segunda seção, *Diário de memórias: Recordando as Experiências Vividas*, destacaremos estudos de autores que dialogam com a temática, como a importância do diário, experiências, e apresentaremos também os objetivos do estudo. Na terceira seção, tratamos dos *Caminhos para a construção do diário das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria Juvêncio do município de Biritinga-BA*, com destaque ao caminho percorrido para a construção do diário. Na terceira seção, *Caminhos metodológicos*, versaremos a respeito da metodologia adotada para a formação da pesquisa e o percurso para a coleta de dados, apresentando o quadro do plano de ação até o desenvolvimento das rodas de conversas. Na quarta seção, intitulada *O Diário como instrumento de combate ao racismo*, realizaremos um diálogo sobre a temática e também proporemos algumas possibilidades de se combater essa mazela que persegue as populações negras. Por fim, na *Conclusão*, teceremos nossas considerações gerais a respeito do a pesquisa nos deixou.

2 DIÁRIO DE MEMÓRIAS: RECORDANDO AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Espero poder confiar inteiramente em você, como jamais confiei em alguém até hoje, e espero que você venha a ser um grande apoio e um grande conforto para mim (FRANK, 2005, p. 11).

Abrimos esta seção com uma epígrafe de Anne Frank, por meio da qual ela espera confiar em seu diário, pois nele pode-se escrever tudo que se deseja. Observamos que por meio de um simples caderno podemos encontrar conforto para transcrever as alegrias, tristezas, medos, enfim todas as experiências vividas ao longo dos tempos.

Transcrever as narrativas de nossa vida representa um exercício extremamente importante, porque nossa memória não pode ficar estabilizada, ela

precisa estar em movimento constante com as recordações vividas, assim as experiências vão se fortalecendo a cada dia. Segundo Larrosa (2005, p. 74), “A palavra experiência serviu a muitos de nós para elaborarmos uma distância a respeito do que poderíamos chamar de a ordem do discurso pedagógico”.

Nessa caminhada, muitas pessoas utilizam o diário como forma de contar suas histórias de vida, lutas e resistências, para que outros leitores possam fazer grandes reflexões sobre os acontecimentos vividos pelo autor. Para refletimos melhor, vejamos o que Jesus (2014) narra:

7 DE JUNHO

Os meninos tomaram café e foram à aula. Eles estão alegres porque hoje teve café. Só quem passa fome é que dá valor a comida. Eu e a Vera fomos catar papel. Passei no Frigorífico para pegar linguiça. contei 9 mulheres na fila. Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo, marcar os fatos. Encontrei muito papel nas ruas. Ganhei 20 cruzeiros. Fui no bar tomar uma média. Uma para mim e outra para a Vera. Gastei 11 cruzeiros. Fiquei catando papel até às 11 e meia. Ganhei 50 cruzeiros. ...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: - Porque a senhora não faz virar homem? Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe: - O arco-íris foge de mim... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginal. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajés rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fábrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! ... Encontrei com ele outra vez, peno do depósito e disse-lhe: - O senhor espera que eu vou vender este papel e dou-te cinco cruzeiros para o senhor tomar uma média. E bom beber um cafezinho de manhã. – Eu não quero. A senhora cata estes papéis com tantas dificuldades para manter os teus filhos e deve receber uma migalha e ainda quer dividir comigo. Este serviço que a senhora faz é serviço de cavalo. Eu já sei o que vou fazer da minha vida. Daqui uns dias eu não vou precisar de mais nada deste mundo. Eu não pude viver nas fazendas. Os fazendeiros me explorava muito. Eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo é a dinheiro e eu não encontro emprego porque já sou idoso. Eu sei que eu vou morrer porque a fome é a pior das enfermidades... O homem parou de falar bruscamente. Eu segui com o meu saco de papel nas costas. ...Tem pessoas que aos sábados vão dançar. Eu não danço. Adio bobagem ficar rodando pra aqui, pra ali. Eu já rodo tanto para arranjar dinheiro para comer. Procurei a Vera, não encontrei. Gritei, não apareceu. Fui na Portuguesa de Desportos. Já está iniciando os festejos juninos. Ela não estava lá. Fui no ponto de bonde três

vezes. Eu já estava pensando ir no Juizado de Menores, ia gastar o dinheiro reservado para o pão. Quando cheguei na favela para pegar os documentos, para eu ir na cidade, a Vera estava procurando-me. Disse-me que estava procurando balões. E que estava cansada de correr. (JESUS, 2014, p. 53).

A narrativa de Jesus centra-se em experiências de vida. Podemos ler estas narrativas em sua obra *O Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. Jesus (1977) encontrou nas linhas de um caderno o seu refúgio para desabafar as mágoas que a vida lhe apresentou. Em seu diário, Jesus tem a liberdade de transcrever tudo aquilo que deseja. Dia a dia, ela narra o que acontece de bom ou de ruim em seu pequeno diário, sendo de grande importância para quem almeja conhecer a história de um legado de resistência – como foi o de Jesus.

É essa a importância do Diário, relatar tudo que acontece em nossa vida. A nossa existência⁹⁰ nos dá a oportunidade de narrar o que foi vivido. Benjamim (1985, p. 201) revela-nos que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorporada às coisas narradas a experiência dos seus ouvintes”.

O hábito de registrar em diário, seja individual ou coletivo, torna o sujeito protagonista da sua própria história, portanto suas histórias ficam armazenadas em sua memória. Segundo Izquierdo (2014):

Memórias são as ruínas de Roma e as ruínas de nosso passado; memória tem o sistema imunológico, uma mola e um computador. Memória é o nosso senso histórico e o nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou). Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagem ou representações que podem ser evocadas. (IZQUIERDO, 2014, p. 89).

Corroborando com o autor, a nossa memória registra e conserva as nossas histórias vividas, estes registros podem ser bons ou ruins. Entretanto, tudo que foi registrado transforma-se em uma arte, um tesouro valioso que pode se tornar uma autobiografia de nós mesmos. A autobiografia permite-nos contar toda a nossa existência vivida, é através dela fortificamos nossas histórias de vida. Arfuch (2010, p. 52) retrata que: “[...] a autobiografia consistirá no ‘relato retrospectivo em prosa

⁹⁰ “O existencialismo, conseqüentemente é uma doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana concentrada em seu aspecto particular, individual e concreta” (PENHA, 2001, p. 01).

que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando sua vida individual particularmente a história de sua personalidade'. [...]"

Ao analisar a fala do autor, observamos que a narrativa de vida centra-se nas experiências que cada um adquire ao longo da vida; para narrar sua existência, o autor precisa evocar sua memória para que sua experiência venha como um relato pessoal, tornando-se, assim, uma autobiografia.

O diário é uma ferramenta que permite a transcrição do que acontece no dia a dia, sendo, ainda, uma oportunidade de relatar suas vivências em um espaço de acumulação de saberes. Benjamim (1985, p. 221), em relação ao diário, refere-se à transformação da “matéria-prima em produto sólido”; para o diarista Blanchot (2005 p. 274), em sua obra *O diário e a narrativa*, o diário ocupa um lugar de “bloco sólido”. Ao refletirmos sobre os pensamentos dos autores, inferimos que tanto o produto quanto o bloco sólido se caracterizam em um diário. Blanchot (2005) ensina-nos que:

[...] Escrever a cada dia, sob a garantia deste dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa, cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim, vivemos duas vezes. [...]. (BLANCHOT, 2005, p. 273).

Conforme o raciocínio do autor, quando escrevemos vivemos duas vezes, pois, ao lembrar, recordamos aquilo que já foi vivido, isso faz com que a pessoa viva o acontecimento duplamente. Em nossas vidas, nem sempre vivenciamos momentos marcantes de alegria, e sim enfrentamos também momentos de tristezas diante dos quais a vida nos coloca. Estes momentos também podem ser registrados, porquanto, algum tempo depois, servirão para relembrar a situação experimentada e termos a certeza que fomos resilientes o bastante para superar os obstáculos que a vida nos apresenta.

É nesse sentido que o *Diário de Memórias: As Experiências Negras entreteçadas às memórias e as lutas vividas* representa um estudo relevante, pois será através do diário que as idosas negras irão deixar registrado todo o sofrimento que passaram durante todos esses anos de sua existência. Além de seu exemplo de luta, deixarão registradas as experiências de vida, cultura, o saber do cotidiano da sua vida, sendo nossa compreensão que “[...] o negro vive cotidianamente a

experiência de que sua aparência põe em risco sua imagem de integridade” (NOGUEIRA, 2021, p. 67).

Com a construção do Diário de memórias, tanto a Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio como a sociedade Biringuense terão a oportunidade de conhecer e valorizar um legado passado de geração em geração, conhecendo as narrativas de lutas e resistências. Lamentavelmente, terão conhecimentos de que o racismo e o preconceito reverberaram muitas vezes na vida destas idosas negras, mas lutaram, não desistiram, foram testadas pelas interseccionalidades⁹¹ da vida.

As idosas negras relataram suas experiências de vidas, visto que tais experiências servirão para conscientização daqueles que estão desatentos às opressões que os negros e as negras sofreram/sofrem diariamente. Os relatos servirão de aprendizagens significativas. Para não concluir, deixamos aqui, para reflexão, uma mensagem de Josso (2004):

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira contar a si mesmo a própria história e as suas qualidades pessoais socioculturais, o valor que se atribuiu ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso se psicossomático. (JOSSO, 2004, p. 48).

2.1 Caminhos para a construção do Diário de Memórias das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio do Município de Biringa-Ba

Neste subtópico, abordaremos os caminhos trilhados até chegar à construção do Diário de Memórias das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio do município de Biringa, na Bahia. Para chegar até aqui, foi construído um pré-projeto e submetido à seleção do Mestrado Profissional Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XI/Serrinha-Ba.

Após ser aprovado, alinou-se ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS), tendo como orientador o professor Dr. Everton Nery Carneiro⁹². Com as orientações, o projeto foi moldado, sendo

⁹¹ Indo ao encontro da reflexão epistemológica da autora Collins, feminista negra estadunidense, considera que a Interseccionalidade como um “sistema de opressão interligado” (COLLINS apud AKOTIRENE, 2020, p. 21).

⁹² Pós-doutor em Educação (Universidade Federal do Ceará). Pós-doutor em Crítica Cultural (Universidade do Estado da Bahia). Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (CAPES 06). Mestre em Teologia (EST). Especialista em Filosofia Contemporânea (São Bento); Especialista em Ética, Teologia e Educação (EST); Especialista em Educação, desenvolvimento e Políticas

intitulado: *Interseccionalidade nas Narrativas Femininas: O Legado existencial das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio*, e submetido no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) com seres humanos, o qual foi aprovado sob o Parecer nº 5.129.040 em 26 de novembro de 2021. Em anexo ao projeto de pesquisa foi construído um projeto de intervenção intitulado: *Idosas Negras: Diálogos Interativos sobre Interseccionalidade e Legado Existencial nas Rodas de Conversas*.

Antes de ir a campo, realizamos um diagnóstico solicitado pela professora Claudia Vaz, responsável pela disciplina “Diagnóstico e Desenvolvimento Organizacional”. Para nos aproximarmos das participantes da pesquisa e firmarmos nossos encontros durante as intervenções, realizamos uma roda de conversas⁹³; nesse caminhar, já inserimos ponderadamente o que iríamos discutir nas rodas de conversas, onde todas participaram timidamente.

Depois do amadurecimento da intervenção, analisada pela professora Claudia Vaz e analisada pelo orientador Dr. Everton Nery Carneiro, foram agendados com o presidente da Associação os dias das intervenções na Comunidade Quilombola com as oito idosas negras. Foram três dias seguidos, em razão de serem idosas e para não perder o estímulo dos encontros, visto que todas tinham outros afazeres em seus lares, assim preferiram participar em dias seguidos.

Públicas (FACIBA); Licenciatura em Geografia (UEFS); Bacharel em Teologia (STBNE); Licenciado em Filosofia (FBB). Atualmente é docente da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, hermenêutica, vida, filosofia, fenômeno religioso e arte. É professor permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), onde atua como coordenador da Linha 02 (Novas formas de subjetivação e organização comunitária), atuando como professor de Metodologia da Ciência. Coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental em Culturas e Religiões (CEPICR). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Religião, Cultura e Saúde. Tem experiência na área de ensino de geografia e filosofia também no ensino médio. Atualmente desenvolve parte de suas atividades docentes na graduação nos seguintes componentes curriculares: Filosofia e Ética; Seminários Interdisciplinares de Pesquisa; Trabalho de Conclusão de Curso; Estudos Filosóficos; Arte, Cultura e Sociedade. Coordena o Curso de Pedagogia da UNEB no Campus XV. Autor dos livros: “Filosofia, Teologia e Poesia”; “Mitologia Grega e Bíblia - narrativas de transgressão”; “Ensino Religioso - política, diversidade, fenômeno religioso e práticas pedagógicas”; “Sobre, Entre e Para”. Retirado do Currículo lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=23EFB58735AE3DA2B9D8A3C4B3001415.buscatextual_3. Acesso em: 20 jun. 2022.

⁹³ É um tipo de metodologia participativa que pode ser utilizada em diversos contextos para promover uma cultura de reflexão sobre os direitos humanos (AFONSO; ABADE, 2008, p. 19).

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Pensando nesta intervenção, seguimos o método Fenomenológico sob a ótica de Husserl (1986, p. 22), ou seja, “é uma doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”. Quanto ao tipo de pesquisa, trata-se de História Oral (ALBERTI, 2004), por ser possível reunir várias informações sobre a história, cultura e os ensinamentos que elas carregam em sua memória. Alberti destaca que:

[...] o método da história oral produz fontes de consultas (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjuntura etc... à luz de depoimentos de pessoas que deles participam ou testemunharam. (ALBERTI, 2004, p. 18).

Convergindo com o pensamento da autora, a metodologia da História Oral possibilita-nos a aprendizagem de acontecimentos que ocorreram no passado e por meio de depoimentos torna-se possível aproximar o pesquisador ao objeto de estudo. A metodologia fez esta aproximação com o projeto de intervenção, possibilitou às idosas negras da Comunidade Quilombola narrarem suas histórias, deixando a pesquisadora bem próxima da realidade que elas viveram no passado e que se faz tão presente em suas vidas.

Para analisar os dados coletados nas rodas de conversas, foi utilizada a Teoria da Interpretação de Ricoeur (2010), com as narrativas de vida das idosas negras foi preciso fazer uma compressão dos dados e interpretá-los a cada narrativa apresentada. Ricoeur (2010, p. 105) informa-nos que: “[...] o termo interpretação deve, pois, aplicar-se não a um caso particular de compreensão, a das expressões escrita da vida, mas a todo o processo que abarca a explicação e a compreensão”.

Para que as participantes pudessem construir suas narrativas a técnica utilizada foi a roda de conversa, por meio da qual elas rememoraram suas vivências, narraram suas lutas desde criança até chegarem à fase em que se encontram hoje. Afonso e Abade (2008, p. 21) mencionam que “[...] é uma metodologia participativa que pode ser utilizada em diversos contextos, tais como escola, postos de saúde, associações comunitárias e outros”.

Portanto, utilizamos a metodologia na Associação Comunitária Maria de Juvêncio (AQUIMAJU), que fica na escola Aristeu Barbosa, pois não possui sua sede própria devido às condições financeiras. A associação recebeu o nome por causa de uma parteira que morava na comunidade e fazia os partos das mulheres que ali moravam⁹⁴.

3.1 Metodologias usadas para incentivar as narrativas em rodas

As narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio se constituem das experiências vividas por elas ao longo do tempo. Foi na roda de conversa que as idosas relembrou os acontecimentos experimentados desde a infância até os momentos atuais.

Usamos as rodas de conversas para que todas se sentissem à vontade para poder conversar sobre sua vida, pois quando se têm pessoas com as mesmas dificuldades vividas torna-se mais fácil para a pessoa se sentir segura e confortável para conversar, mesmo que sua narrativa não seja só um “mar de rosas”.

O processo de planejamento das ações foi bem cuidadoso, tinha que ser bastante delicado, uma vez que estávamos tratando de histórias que marcaram muito a vida destas idosas negras quilombolas e qualquer detalhe não programado poderia sair do controle.

Caso a pesquisadora observasse algum desconforto entre as participantes, estava presente a psicóloga para sanar algum desconforto no estado emocional. Seria então uma troca de experiências, um legado que cada uma delas irá deixar no Diário de Memórias construído com suas narrativas.

Nesse caminhar, para incentivar as idosas negras a narrarem suas vidas, foram utilizadas várias de atividades durante as rodas de conversas, como podemos observar no Quadro 1, seguinte, um resumo do plano de ação.

⁹⁴ Fonte: Edvaldo de Jesus Presidente da Associação Quilombola Maria de Juvêncio do Município de Biritinga-Ba.

Quadro 1 - Plano de Ação

OBJETIVO	META	ATIVIDADES
<p>Realizar rodas de conversas sobre histórias de vida com as idosas negras</p>	<p>Incentivar participação das oito idosas negras a narrarem suas histórias de vida</p>	<p><u>Encontro:</u></p> <p>Primeiro momento: Metodologia: Roda de conversa Participantes: oito idosas negras Local: AQUIMAJU Jogo Da Memória Objetivo: Criar um clima de agradável entre todas (os) as (os) participantes da pesquisa e as idosas negras, estimulando, assim, sua memória na hora de suas narrativas. Ver anexo III Apresentação do projeto aos participantes; Explicar que serão narrativas de vida (história de vida delas) destacando suas dificuldades enfrentadas ao longo de suas vidas, incluindo racismo, opressão, discriminação e preconceitos; Explicar como irão funcionar as rodas de conversa; Apresentar o produto final que será um diário narrativo das narrativas de vida delas; Coletar confirmação das participantes; Informar a elas os dias e os horários dos próximos encontros coletivos e individuais. Entrega do TCLE Autorização para Gravação áudio-visual Contrato e acordo.</p>
<p>Potencializar as narrativas de vida das idosas negras na comunidade local mostrando as lutas e resistência vividas por elas</p>	<p>Identificar três possíveis mudanças que a sociedade poderia fazer em relação ao racismo que é passado de geração em geração</p>	<p><u>2 Encontro:</u></p> <p>Local: AQUIMAJU Dinâmica: Jogo das vivências (Anexo II). Perguntas Disparadoras: Sua família tinha condições de vida? Se sim, dê um passo à frente, se não permaneça no lugar. Teve boa convivência com sua mãe e seu pai? Se sim, dê um passo à frente, se não permaneça no lugar. Você estudou em uma escola pública ou particular? Se sim, dê um passo à frente, se não permaneça no lugar. Você sabe ler e escrever? Sim, de um passo à frente, se não permaneça no lugar. No tempo da escola, era bem tratada ou tinham momentos que seus amigos zombavam de você? Sim, de um passo à frente, se não permaneça no lugar. Comecei a trabalhar cedo ajudando meus pais. Sim, dê um passo à frente, se não permaneça no lugar. Quem já foi xingada por alguém da família ou por outra pessoa de fora? Se sim, dê um passo à frente, se não permaneça no lugar. Alguém já colocou apelido em você? Se sim, dê um passo à frente, se não permaneça no lugar. Você já sofreu violências físicas? Se sim, dê um passo à frente, se não permaneça no lugar. Alguém já falou de sua cor? Se sim, dê um passo à frente, se não permaneça no lugar.</p>

		<p>Depois da atividade, realizar uma reflexão com todas na roda de conversas sobre suas narrativas de vidas.</p> <p>Documentário: Biografia Carolina Maria de Jesus https://www.youtube.com/watch?v=0TkMOFAosfA</p> <p>Palavras-chave: Discriminação, Preconceito, Racismo.</p> <p>Objetivo: Refletir como o racismo está enraizado em nossa sociedade, fazendo uma ligação com as suas narrativas de vida; Identificar as formas de opressão dentro das narrativas de vida delas;</p> <p>Fala da Pesquisadora Estou interessada em toda a sua história de vida. Peço que você relate todas as vivências que vierem à mente. Você pode utilizar o tempo que for necessário. No início, eu não vou fazer nenhuma interrupção, vou apenas tomar notas, para mais tarde retomar alguns temas.</p> <p>Obs.: Anotar os pontos das narrativas para ligar às perguntas disparadoras. Depois da narrativa de vida delas realizar as perguntas disparadoras como:</p> <p><u>Perguntas disparadoras:</u></p> <p>A história de Maria Carolina de Jesus parece com a sua? Qual parte do vídeo representa a sua história? E por quê? Relate os pontos que marcaram sua vida depois que você assistiu ao vídeo.</p> <p>Encerramento: Música Racismo Não. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=pNQOdIRfUHU</p>
<p>Potencializar as narrativas de vida das idosas negras na comunidade local mostrando as lutas e resistência vividas por elas</p>	<p>Identificar três possíveis mudanças que a sociedade poderia fazer em relação ao racismo que é passado de geração em geração</p>	<p>3. Encontro</p> <p><u>Primeiro Momento</u></p> <p>Participantes: oito idosas negras Local: AQUIMAJU Metodologia: Roda de Conversa Música: Martinho da Vila roda ciranda. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j-E5xH1cufU Poema: Vozes Mulheres de Conceição Evaristo. (Anexo I) Palavra-chave: Opressões, Liberdade, Conscientização. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZGokqvbcVY0</p> <p>Objetivo: Relacionar o poema com narrativas de vida das idosas negras da comunidade quilombola Maria de Juvêncio; Depois de ler o poema, fazer uma reflexão das possíveis mudanças que a sociedade poderia fazer em relação ao racismo que é passado de geração em geração.</p> <p><u>Perguntas disparadoras:</u> Quais foram as lutas e as resistências na vida de vocês? Destaque algumas delas. O que fizeram para superá-las? Como podemos mudar o racismo vivido cotidianamente? Qual seria o papel da sociedade para mudança?</p> <p>Encerramento: Mulheres Não Têm Que Chorar. (Anexo</p>

<p>Apresentar o Diário de memórias</p>	<p>Incentivar participação das oito idosas negras na apresentação do diário de memórias.</p>	<p>Ivete Sangalo e Emicida). Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=t5-BPeY8qqc Objetivo: Levantar a autoestima das idosas negras.</p> <p><u>Segundo momento:</u> Participantes: 8 idosas negras Local: AQUIMAJU Vídeo: Discriminação contra a mulher (Chica do Pandeiro) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wx2kPrZXZko Objetivo: Incentivar as idosas negras a falarem os tipos de discriminações que sofreram durante a sua vida. Perguntas Disparadoras Por serem mulheres idosas negras, vocês já sofreram algum tipo de discriminação? Já foi impedida de fazer algo por ser mulher idosa negra? Alguém já falou da sua cor, cabelo, do seu jeito de ser? Metodologia: Música: Mombaça - Lugar de Fala (Clipe Oficial) para finalizar as rodas de conversas (Anexo IV). https://www.youtube.com/watch?v=inRHF2R-bOU Objetivo: Mostrar a importância do empoderamento, mas também da autoestima da mulher negra e do seu lugar de fala. Encerramento: Poema de Bráulio Bessa. Diversidade (Anexo VIII) Objetivo: Mostrar a importância do respeito sobre a Diversidade.</p> <p>4. Encontro: Participantes: oito idosas negras Local: Associação Quilombola Maria de Juvêncio. 4 Encontro</p>
--	--	---

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

Foram marcadas três rodas de conversa na Associação Quilombola Maria de Juvêncio, em cada roda foi discutida uma temática para estimular as narrativas. Na primeira roda foi feita a leitura, rapidamente, do projeto de intervenção, em seguida foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que todas pudessem assinar e participar das intervenções. Em continuidade ao desenvolvimento, realizamos uma dinâmica: o jogo da memória, com o objetivo de estimular a memória na hora das narrativas de vida.

No segundo dia, começamos com o jogo das vivências. Foi uma iniciativa para começar as intervenções. Primeiro pedimos que todas ficassem de pé em fileira e prestassem bastante atenção às perguntas, quando terminassem de ouvir a pergunta dessem um passo à frente caso pergunta se encaixasse em sua trajetória, repetindo a ação após cada pergunta.

Quando terminamos todas as perguntas, passamos a discutir na roda de conversa cada questão apresentada. Nesse momento, todas tiveram a oportunidade de narrar suas histórias de vida; em tempo, a pesquisadora estava com um gravador registrando toda a narrativa, sempre observando em suas narrativas como o racismo e o preconceito estavam presentes na vida de cada uma delas, para, depois, analisar os dados.

O vídeo da Biografia de Maria Carolina de Jesus foi escolhido por ter uma história de luta, de resistência, deixando um legado⁹⁵ para todos que se dispõem a viajar com sua trajetória de vida, em suas lições de coragem e de luta pelos seus direitos em nossa sociedade, tendo em vista uma sociedade mais justa, onde todos tenham acesso à saúde, educação, lazer, dentre outros direitos.

Dentre as atividades, não poderiam faltar músicas para, também, levarem alegria a elas nesse momento de construir suas narrativas. As músicas transmitem alegria e grandes reflexões acerca do racismo e preconceito presentes em seu legado, sempre destacando a interseccionalidade presente.

Durante as intervenções, muitas delas sempre mencionavam o desejo de que seus filhos/as e netos/as não passassem pelo que elas passaram, que eles observassem os atos de coragem e tudo que elas tiveram que enfrentar durante a sua existência. As participantes da pesquisa têm um legado muito importante para a Comunidade Quilombola e para a sociedade em geral.

Por conseguinte, suas narrativas de vida colhidas nas rodas de conversas foram transcritas para a construção do Diário Coletivo intitulado: *As Experiências Negras entrelaçadas às lutas vividas*, que serão utilizadas como mais um instrumento de combate ao racismo em nossos espaços formais e não formais.

4 O DIÁRIO COMO INSTRUMENTO DE COMBATE AO RACISMO

Na face do velho as rugas são letras, palavras escritas na carne, abecedário do viver.

Na face do jovem o frescor da pele e o brilho dos olhos são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas de ambos, o velho tempo funde-se ao novo, e as falas silenciadas explodem. (EVARISTO, 2008, p. 27).

⁹⁵ O Legado compreende um bem determinado ou conjunto de bens determinados, que são especificados em testamento, deixados a alguém determinado de legatário (DIAS; LIMA, 2018, p. 01).

Refletindo sobre o poema anterior, vemos que as rugas deixadas no rosto do velho são marcas de suas experiências, são linhas entrelaçadas a uma história. Tal experiência fica mais profunda e sofrida quando um/a idoso/a pertence à raça negra, sendo que suas marcas ficam mais profundas e as cicatrizes ficam mais difíceis de curar, pois essas ações são deixadas por uma sociedade colonizada e enraizada por uma grande parte de pessoas que tem repulsa às populações negras. Fanon (2008) propõe a concepção de “esquema epidérmico racial”⁹⁶, lamentavelmente as pessoas ainda julgam as outras pela epiderme. Fanon (2008) revela-nos, no capítulo cinco da sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas: A experiência vivida do negro*, o relato da vida do negro, como se segue:

Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós... Meu corpo ⁹⁷ era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! [...] Nas proximidades do branco, no alto os céus se desmantelam, debaixo dos meus pés a terra se arreventa, sob um cântico branco, branco. Toda essa brancura que me calcina... (FANON, 2008, p. 107).

É triste quando paramos para ler esse tipo de atitude direcionada às populações negras. O negro é visto por alguns como “animal”, um ser insignificante, mal encarado, feio, simplesmente por possuir a uma epiderme escura. As populações precisam se conscientizar dessas ações que inferiorizam os negros e negras; enquanto a sociedade ficar com os olhos vendados, esses atos aterrorizantes irão acontecer por muito tempo e em qualquer lugar onde um negro estiver. Akotirene (2020, p. 37) salienta que “pretos e pretas são pretos e pretas em qualquer lugar do mundo”.

Nesse contexto, parece que muitas pessoas que pertencem à branquitude⁹⁸ trazem consigo um preconceito que foi construído desde a época da colonização,

⁹⁶ Para Fanon (2008), “Esquema epidérmico racial é um esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar de esquema epidérmico racial” (FANON, 2008, p. 105).

⁹⁷ “Disseram que nossos corpos negros são feios, introjetamos e aceitamos; que nossa pele preta é feia e fabricaram produtos químicos para clarear nossa pele, aceitamos e começamos a comprar esses produtos; disseram que o cabelo crespo é feio e fabricaram produtos para alisar o cabelo, o que aceitamos também; disseram que não somos inteligentes e criativos; não temos história e identidade. Aceitamos e começamos a produzir outras subjetividades sobre nossas vidas, partindo das imagens dos outros sobre nossos corpos” (NOGUEIRA, 2021, p. 26).

⁹⁸ “A branquitude é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial (FRANKENBERG *apud* JESUS, 2004, p. 312-313). De acordo com Ribeiro, a branquitude também é um traço identitário, porém marcada por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos. Devemos lembrar que este não é um debate individual, mas estrutural: a posição

sendo um preconceito passado de pai para filho. Infelizmente, os filhos acabam seguindo o caminho dos pais ou pessoas que estão próximas a ele. Fanon (2008) assim ressalta:

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor (FANON, 2008, p. 110).

Segundo a narrativa do autor, esse repúdio contra as pessoas de pele escura é muito forte, algumas pessoas apresentam atos de desprezo contra as camadas inferiores. Nesse contexto, esta concepção de raça branca e raça negra precisa ser mudada em nossa sociedade; para tanto, temos que começar esse diálogo em casa com nossos/as filhos/as, pois este ato é uma covardia perante os negros e negras. Nas palavras de Ribeiro (2019):

Conversar com a família e com os filhos, e não só manter uma imagem pública, com destaque para redes sociais, também é fundamental. Algumas atitudes simples podem ajudar as novas gerações, como apresentar para crianças livros com personagens negros que fogem de estereótipos ou garantir que a escola dos seus filhos aplique a Lei n. 10639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação para incluir a obrigatoriedade do ensino da história africana-brasileira. Um ensino que valoriza existências e referencia positivamente a população negra é benéfico para a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas tem da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mas ainda, são ações que diminuam as desigualdades. (RIBEIRO, 2019, p. 41-42).

Ribeiro (2019) ressalta a importância da família ou responsável, em relação às crianças, no intuito de se sentar e conversar com os filhos e filhas sobre racismo e preconceito. É obrigação da família ter esse diálogo não apenas sobre esta temática, que é de grande relevância, mas a respeito de outras temáticas, como respeito, amor e empatia com o próximo.

Vimos com Ribeiro (2019), na citação anterior, a necessidade de aplicabilidade da Lei n. 10639/2003, “História Africana e Afro-Brasileira e Africana que inclui e reforça a positividade da população negra” (RIBEIRO, 2019, p. 41). Mediante a Lei as portas se abrem para a inclusão de várias culturas dentro da escola, sendo um conteúdo extremamente importante, já que a maioria da nossa população é negra. Westin (2020)⁹⁹, em uma reportagem, destaca o seguinte:

Os diretores e os professores vão encontrar mil argumentos para justificar o descumprimento e dizer que isso não tem nada a ver com o racismo. Muitos são racistas por ignorância, desconhecimento, mas outros tantos são racistas de forma esclarecida, consciente. (WESTIN, 2020).

Lamentavelmente, a reportagem aponta que alguns professores ainda praticam atitudes que reforçam o racismo. Essas mazelas só serão minimizadas com políticas públicas, ao aumentar discussões e se investir na temática, sendo trabalhadas de forma correta e consciente entre todos. A resistência de algumas pessoas em não falarem sobre a temática vai dificultando o trabalho de quem abraça a causa por uma sociedade mais justa.

Entretanto, enquanto algumas pessoas resistem às imposições sócio-históricas, as imagens dos negros continuam representadas como as de pessoas que favorecem os brancos, como mostra a Figura 1, a seguir, de Jean-Baptiste Debret, que representa o lugar do branco e a posição do negro no Brasil, amplamente difundida em livros didáticos, por exemplo.

Figura 1 - Posição do negro no Brasil



Fonte: Ilustração de Jean-Baptiste Debret mostra lugares do branco e do negro no Brasil do século 19 (imagem: reprodução) Fonte: Agência Senado¹⁰⁰.

⁹⁹ Reportagem publicada em 22/06/2020. Negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir racista, dizem especialistas. (WESTIN, 2020). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>. Acesso em: 10 abr. 2022.

¹⁰⁰ Imagem disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>

Embora retrate um período da história do Brasil, esta imagem nos causa repúdio, pois retrata o negro¹⁰¹ em posição de serviçal dos brancos, em posição de inferioridade, invisibilizado, em um lugar que os colonizadores o deixaram durante a escravidão e que se perpetua nos dias atuais. Este sistema precisa ser mudado, pois existem lugares para todos e todas. A essa separação Almeida (2020) chama de Racismo Estrutural¹⁰².

Portanto, debater sobre o racismo estrutural faz-se necessário em ambientes dentro e fora dos espaços educativos, porque nesses ambientes existem pessoas de diversas classes sociais e muitas diversidades que precisam ser respeitadas. Por isto, o diário de memórias é um instrumento que pode ser trabalhado nesses espaços.

O diário: *Memórias Transcritas em Diário Coletivo: As experiências Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio do Município de Biritinga-BA* – construído através das narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio – possui uma aprendizagem que foi construída ao longo de suas existências, pois ser mulher negra nessa sociedade racista e capitalista não é uma tarefa fácil.

Os espaços educativos poderão incluir o diário de memórias no contexto escolar, uma vez que ele poderá ser trabalhado em rodas de conversas com os estudantes e professores, enfim com todos os diferentes sujeitos que constituem e que fazem da escola um ambiente que constrói pessoas para o bem, entendendo que “A utilização do corpo como sistema de expressão não tem limites” (RODRIGUES, 1983, p. 97).

Nesse ínterim, outros espaços que se preocupam com a discussão da temática, com o bem-estar das pessoas negras, também terão a oportunidade de usufruir desse material que foi constituído a partir das narrativas de vida, tendo como base as experiências vividas pelas idosas negras; em tempo, conhecerão também um pouco da história da comunidade e como se construiu. Nesse contexto, as

¹⁰¹ “Vivendo em péssimas condições nas senzalas, brutalizados e animalizados pelos senhores, os negros se viam destituídos da sua condição de humanos; não faltaram estudos que os comparavam aos animais, justificando, assim, as condições em que viviam como sendo ‘naturais’” (NOGUEIRA, 2021, p. 32).

¹⁰² “Consiste em que o racismo é parte da estrutura social e, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou repúdio moral: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas” (ALMEIDA, 2020, p. 52).

temáticas apresentadas no diário, como racismo e preconceitos, são conteúdos de opressões contra as populações negras, em especial as idosas negras participantes da pesquisa.

As vidas destas idosas negras quilombolas de Biritinga-BA não foram fáceis, tiveram que trabalhar desde cedo para o sustento da família. É triste saber que em nossa sociedade existem pessoas preconceituosas, tanto com a cor quanto pelo pertencimento à geração mais velha. Nesse viés, quando nos referimos à geração, entendemos que as pessoas possuem um conjunto de experiências vividas em uma determinada época, pois suas trajetórias de vida se cruzam com os acontecimentos de cada período. Debert (1998) e Mannheim (1982) citados por Borges e Magalhães (2001) afirmam que:

“não se refere a pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras” (p. 60). Tal formulação é baseada na concepção de geração apresentada por Mannheim (1982), segundo a qual geração corresponde a um fenômeno cuja natureza é essencialmente cultural. (BORGES; GUIMARÃES, 2001, p. 01).

Conforme as palavras dos autores, cada geração possui uma trajetória de vida, sendo uma herança cultural que precisa ser preservada, tornando-se um legado para as futuras gerações. É assim com as gerações das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio do município de Biritinga, na Bahia.

Cada idosa negra apresenta uma narrativa, visto que no decorrer de suas vidas trilharam caminhos de lutas e resistências, fizeram “malabarismos” para superar os obstáculos percorridos, algumas tiveram que deixar seus estudos, como é de direito de todas as crianças, desse modo não tiveram as oportunidades de um emprego melhor e enfrentaram dificuldades.

As reflexões Quilombolas contidas no diário de memória são legados registrados para serem trabalhados em situações decorrentes de racismo e preconceito contra as populações negras, especialmente contra as idosas negras, pois é a geração que mais sofre nessa sociedade injusta e preconceituosa.

Apresentar o legado das idosas negras é de suma importância, pois elas são referências para pessoas que lutaram e conseguiram passar pelas dificuldades a cada dia. Expor as narrativas em rodas de conversas é uma oportunidade para que

todos participem e dialoguem com as temáticas apresentadas no diário de memórias.

Afonso e Abade (2008) afirmam que “as rodas é uma metodologia participativa”; trata-se, na realidade, de um diálogo aberto no qual todos podem falar e também podem refletir sobre as temáticas trabalhadas. Nesse sentido, o diário com as narrativas das idosas negras é mais uma forma de valorizar também a Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio e a cultura do seu povo.

5 CONCLUSÃO

O artigo *Memórias Transcritas em Diário: As Experiências Negras da Comunidade Quilombola Maria do Juvêncio* objetivou apresentar o diário de memórias como mais um instrumento de combate ao racismo em nossa sociedade. O diário poderá ser usado em espaços formais e não formais.

Nesse contexto, o Diário de Memórias Coletivo das idosas negras da Comunidade Quilombola é de extrema relevância, pois suas experiências ficaram registradas para quem quiser e puder ler, representando narrativas de aprendizagem de vida para as futuras gerações entenderem o quanto essas mulheres, idosas, negras e quilombolas sofreram durante anos.

Os resultados obtidos neste estudo apresentam positividade de que o diário é um instrumento reflexivo, visto que nele podem conter as emoções, as lutas, as angústias, entre outras etapas/acontecimentos da nossa vida. Nessa caminhada, quem o ler terá a oportunidade de colocar-se no lugar do outro e fazer uma análise sobre a sua vida, porquanto podemos nos tornar pessoas melhores ao nos colocarmos do lugar do outro, enfim na empatia com o próximo.

Diante desses resultados, o diário contendo as narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio é muito relevante para a comunidade, pois trará uma visibilidade para as mulheres idosas negras e para a própria localidade, conseqüentemente para a sociedade, ao mostrar que o racismo e o preconceito ainda reverberam em nossa sociedade capitalista e machista, sendo que “o racismo deve ser enfrentado não apenas na dimensão comportamental e relacional, mas fundamentalmente como mecanismo estruturante do autoritarismo social que sustenta as várias lógicas do capital” (OLIVEIRA, 2021, p. 34).

Vale salientar que a construção do diário de memórias das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no município de Biritinga-BA fundou-se na metodologia de Rodas de Conversas inspirada em Afonso e Abade (2008). Percebemos, dessa maneira, que em uma roda de conversa podemos debater sobre assuntos que afligem e machucam as pessoas negras, buscando, nesse processo, encontrar modos de mudar essa realidade e promover importantes transformações na sociedade e principalmente nas pessoas.

Em tempo, entrevemos uma oportunidade para aproximação dos jovens que não valorizam as narrativas dos/as mais velhos/as relatando que as conversas estão fora de moda, antigas. Entretanto, são os mais velhos os nossos professores da vida, são eles que têm muitas coisas a nos ensinar.

Em linhas gerais, o diário de memórias das idosas negras quilombolas poderá aproximar esses jovens e conscientizá-los a um posicionamento mais carinhoso com esses sujeitos, pois são eles que estão deixando um legado para as futuras gerações.

Para não ter fim, ressaltamos que foi uma aprendizagem de grande relevância para a pesquisadora adentrar a vida das idosas negras, o que não foi fácil, pois primeiro foi necessário conquistar a confiança e nos aproximar bastante delas, criarmos uma relação amorosa durante o desenvolvimento da pesquisa, tornando-nos, agora, parte desta comunidade.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2015.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Suely Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, Silva. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas de subjetividade contemporâneos** – Rio de Janeiro. EDUERJ, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BLANCHOT, Maurice. **O diário íntimo e a narrativa**. O livro por vir. Trad. Leyla Perrone Moises. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES, Carolina;; MAGALHAES Andrea. Laços Intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos em psicologia** (NATAL)- Volume 16. Agosto /2001.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2021.

DEVULSKY, Alessandra. Estado, racismo e materialismo. In: ALMEIDA, Silvio (Org.). **Marxismo e questão racial**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DIAS, Mariana Silveira; LIMA, Samyra V. **Legado: Conceito Aspectos relevantes**. 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/1698401-mariana-silva-dias/publicacoes>. Acesso em: 03 dez. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FANON. Frantz. **Pele Negra Máscara branca**. Introdução de Renato da Silva. Salvador EDUFBA, 2008.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. São Paulo: Ed Integral, 1942.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** - Um Reencontro com a pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, F. P.; LINDEMANN, R. H.; GALIAZZI, M. C. O diário de aula coletivo na formação de professores de ciências: reflexões à luz de uma perspectiva sociocultural. In: GALIAZZI, M.C e cols. **Construção curricular em rede na educação em ciências: uma aposta de pesquisa na sala de aula**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. p. 225-242.

HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória** [recurso eletrônico] / Ivan Izquierdo. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2014. e-PUB

JESUS, Carolina M. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: África, 2014.

JOSSO, Marie. **Experiência de vida e formação**. Prefacio Antônio Nóvoa; Revisão científica, apresentação de notas a edição brasileira Cecília Waschouar, tradução José Cláudio e Julia Ferreira adequação a edição brasileira Maria Vianna- São Paulo Cortez, 2004.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. 2003. **Palestra Proferida no III Seminário Nacional Relações Raciais e Educação** - PENESB-RJ, 05/11/03.

OLIVEIRA, Denis de. Dilemas da luta contra o racismo no Brasil. In: ALMEIDA, Silvio (Org.). **Marxismo e questão racial**. São Paulo: Boitempo, 2021.

PENHA, João. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001- (Coleção primeiros passos: 61).

POLLAK, Michael. Memória e Identidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol5, n10, 1992, p. 200-212.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Campanha das Letras, 2019

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Raça, cor e linguagem. IN: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SYMON, G. Diários de pesquisa qualitativa. In: CASSEL, C.; SYMON, G. **Guia essencial para métodos qualitativos em pesquisa organizacional**. London: Sage, 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

ZACCARELLI, Laura; GODOY, Arilda. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. **CADERNOS EBAPE. BR**, v. 8, nº 3, artigo 10, Rio de Janeiro, Set. 2010.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O coração palpita e bate mais aliviado. Respiro fundo. São vibrações e percepções de dever cumprido ao apresentar as histórias de vida das idosas negras por meio de narrativas em rodas de conversas. Durante a trajetória, surge o seguinte pensamento: será que vou conseguir? Enfim, com muita luta, força de vontade e as orientações do Professor Dr. Everton Nery Carneiro, finalizo uma etapa de muitas que virão.

Nesse ponto de convergência das ideias, veio-me à mente, em primeiro plano, o pensamento de que a responsabilidade e o compromisso seriam muito grandes. Ao adentrar as narrativas de vida das idosas negras, acaba-se vivenciando uma participação nas convivências e nas vidas singulares de cada uma delas. Esses relatos orais das idosas negras possibilitam perceber como foram construídas suas histórias de vida, são saberes de décadas de experiências que podem ser passados às próximas gerações, pois “os saberes que cruzam a esfera do tempo, praticando nas frestas a invenção de um mundo novo, são aqueles que se encarnam na presença dos seres produzidos como outros” (RUFINO, 2019, p. 12).

Esta pesquisa teve como principal objetivo: compreender a interseccionalidade nas narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no que se refere ao seu legado existencial. Refletir sobre a Interseccionalidade nesse contexto atual, onde os eixos das opressões se cruzam a todo o momento, torna-se necessário e urgente, pois a subalternização das camadas socialmente excluídas, a exemplo das mulheres negras, persiste ainda em nosso tempo.

Nesse sentido, foi de fundamental importância trazer para o debate a seguinte pergunta orientadora: de que modo a interseccionalidade nas narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio contribui na construção do seu legado existencial?

As idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio possuem narrativas de vida pautadas nas trajetórias percorridas durante sua existência. São narrativas de luta, resistência e invisibilidade. Durante o percurso como docente, houve a necessidade de construir o projeto de Intervenção na Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. As idosas negras contribuíram a partir das suas

narrativas de vida sobre como foi a construção do seu legado, narrando suas histórias de vida.

Em tempo, a revisão da literatura revelou que o tema interseccionalidade, narrativa e legado ainda é pouco explorado nas plataformas de pesquisa, os estudos sobre as idosas negras são centrados nas experiências de vida das mulheres negras quilombolas, em que se utilizam os estudos narrativos como principal abordagem metodológica para valorizar as experiências.

Precisa-se, ainda, expandir essa temática sobre os eixos das opressões contra as populações mais carentes em nossa sociedade, visto que os negros e as negras estão tendo seus direitos negatizados por aqueles que se consideram donos de tudo. Nesse viés, este estudo possui grande relevância, representando mais uma contribuição para aqueles que lutam por uma sociedade mais justa.

Assim, esta pesquisa empenhou-se de maneira a valorizar e viabilizar a importância da vida do povo negro, principalmente as mulheres negras que têm uma história marcada pela desvalorização por causa da sua cor. Nesse contexto, destacamos a relevância social de dar visibilidade e valorizar a mulher negra e suas narrativas de vida, sendo um importante instrumento para a memória do povo negro, pois “o negro era, assim, ‘preparado’ para ser escravo; o tráfico vergava-lhe, física e emocionalmente” (NOGUEIRA, 2021, p. 31); para a academia, trata-se de intensificar o debate e ampliar as pesquisas e ações neste campo que é tão caro para a sociedade brasileira.

Depois de adentrar com cuidado na Comunidade Quilombola e nas vidas dessas idosas negras, elas me confiaram e me permitiram chegar o mais próximo possível de suas lembranças, construindo as narrativas que marcaram suas vidas, retalhadas pelas reminiscências do passado contido na fala, essa que sangra, eventualmente selecionando suas memórias.

Ao narrarem suas histórias, observamos que os eixos da interseccionalidade atravessaram, o tempo todo, suas vidas, porquanto o racismo e o preconceito perduraram por toda sua vida. Considerando a profundidade do enraizamento do racismo na sociedade, esta é uma temática que precisa ser refletida e debatida em todos os setores. Nas palavras de Akotirene (2020, p. 20), “É oportuno descolonizar perspectivas hegemônicas sobre a teoria da interseccionalidade”.

Indo ao encontro dos pressupostos da autora, salientamos que é momento de debater esses eixos interseccionais, principalmente porque as populações negras

não suportam mais essas opressões sofridas dia após dia. Na Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio não é diferente, as populações negras, com destaque para as idosas, também sofrem atos aterrorizantes relacionados a esses eixos.

Nessa caminhada, buscamos corresponder aos objetivos específicos do projeto de pesquisa. Cada etapa foi um aprendizado ímpar. Os estudos sobre os eixos da interseccionalidade presentes no interior da sociedade são de extrema importância, especialmente para dar visibilidade àqueles que enfrentam suas consequências. Ao se discutir sobre racismo e preconceito, deve-se, sempre, tomar muito cuidado, já que estamos tratando de um assunto delicado, que envolve a cor do indivíduo, evitando-se, assim, equívocos, mal-entendidos ou mesmo ofender pessoas.

Dessa forma, é preciso debater sobre esses eixos no sentido de descolonizar o que foi colonizado pelos dominantes, isto é, que só os brancos podem ter vantagens, tais como: direto à saúde, a educação, a lazer, a segurança, a trabalho, conforme garantidos por lei. Infelizmente, os negros, muitas vezes, não entram nessa relação de direitos.

Nas narrativas em rodas de conversa verificamos que os/as negros/as sempre estiveram à mercê desses direitos, pois o legado da escravidão, até hoje, persegue os negros e as negras da nossa sociedade. Desigualdades, discriminações, exclusão são ações deixadas pela escravidão. Com a pesquisa, pudemos notar que a Comunidade Quilombola herdou a reprodução da escravidão que sobrevive até os dias atuais.

A subalternização e o preconceito intrínsecos à sociedade impedem que muitas pessoas sejam visibilizadas. As barreiras impostas pelo racismo e preconceito não dão oportunidade para construção de uma sociedade mais justa e igualitária a todos, corroborando relações raciais éticas e respeitadas em nosso meio.

A partir do exposto, a construção do Diário de Memórias: *Narrativas de vida das Idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio* é de muita relevância, pois visa apresentar-se como mais um instrumento de combate ao racismo em nossa sociedade, tanto nos espaços formais como não formais. Nesse viés, constaram as experiências de vida das idosas negras, com destaque para suas lutas e resistências ao longo de suas vidas.

Seguramente, as futuras gerações, tanto da Comunidade ou entorno dela, irão conhecer de forma ética as lutas e as vozes dessas idosas e positivamente poderão colaborar para a visibilidade e a valorização do povo negro – pessoas marcadas por um passado cheio de sofrimento e muita dor, sendo vozes que ecoam até hoje.

Tecendo os resultados, salientamos que a temática é pouca discutida na maioria dos espaços onde ocorrem nossas relações sociais. Assim, as pessoas precisam se conscientizar de que o racismo não acabou, especialmente porque o terreno da luta contra o racismo, por vezes, parece nebuloso, encobre a realidade daqueles que estão em condição de invisibilidade em nossa sociedade, mas, positivamente, os movimentos sociais estão empenhados nessa luta e não deixarão que atos de perversidade passem despercebidos.

Portanto, está mais do que evidente que as mulheres sofrem, entretanto as mulheres negras sofrem mais ainda nessa sociedade racista e preconceituosa, uma vez que são privadas de todos os direitos, são invisibilizadas por serem negras. Para tanto, os resultados aqui apresentados, por meio das rodas de conversas na Comunidade Quilombola, com as idosas negras, irão corroborar no aquecimento dos debates sobre o racismo e o preconceito vividos pelas mulheres negras, entendendo, pois, que “o racismo é uma relação social, não um simples delírio de sujeitos racistas” (BALIBAR; WALLERSTEIN, 2021, p. 79).

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Lúcia Miranda; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN 978-85-98349-69-5.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Breno de. **Quilombolas e novas etnias**. Alfredo Wagner Breno de Almeida. Manaus: UEA Edições, 2011.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. História e Narrativa. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e Escrever Para Contar**: Documentação, Historiografia e Formação do Historiador. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.
- ARAÚJO, Sandra Santos. **Análise de Percepção dos Atores da Rede de Proteção à mulher Vítima de Violência em Biritinga-Ba**. São Cristóvão, 2017. Dissertação (Curso de Especialização em Gestão e Modernização Institucional na Segurança Pública. Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, Sergipe, 2017.
- ARAÚJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; ROSSATO, Maristela. O sujeito na pesquisa qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, 2018.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas de subjetividade contemporâneos – Rio de Janeiro. EDUERJ, 2010.
- ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 57p.: il.
- BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, nação, classe**: as identidades ambíguas. Tradução Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BARROS, Marta Oliveira. **Memórias de idosos quilombolas como recurso didático**: escola básica do Quilombo de Matão, PB. 126f. 2016. Dissertação

(Mestrado Profissional em Formação de Professores). Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2016.

BEIJAMIN, Walter. **O Narrador**. Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas volume. 1. ed. Local: brasiliense editora, 1985.

BESSA, Bráulio. **Poema sobre Diversidade**. 2017. Disponível em: www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2018/ane_xo1_poema_diversidade_v2.pdf. Acesso em: 20 dez. 2021.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese (doutorado em Psicologia), São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2002.

BLANCHOT, Maurice. **O diário íntimo e a narrativa**. O livro por vir. Trad. Leyla Perrone Moises. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES, Carolina; MAGALHÃES, Andrea. Laços Intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos em psicologia** (NATAL)- Volume 16. Agosto /2001.

BORGES, Rosane. Prefácio. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil**: Questões para a Psicanálise. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BORGES, Rosane. Feminismos negros e marxismo: quem deve a quem? In: ALMEIDA, Silvio (Org.). **Marxismo e questão racial**. São Paulo. Boitempo, 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em:

BRASIL. **Lei 9.263, 12 de Janeiro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9263.htm. Acesso em:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde. – 2. ed. rev. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 70 p. – (Série E. Legislação de Saúde)

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Cidades e Estados**. 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/biritinga.html>. Acesso em:

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011- (Consciência em debate/ coordenadora Vera Lucia Benedito)

CARNEIRO, Eveton Nery; RIBEIRO, Távora Furtado. Memórias, Narrativas de si no processos identitário e Formativos. **Pontos de interrogação**. Volume 11, n. 2.

Jul.Dez. 2021. Disponível em :<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/14401>. Acesso em: 02 dez. 2021.

CAVALCANTE, Simone Joaquim et al. **Experiências e sabres de vida em narrativas de mulheres negras**. 2019. Tese (doutorado). Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2019.

CLEMENTE, Kawan de. **Quero deixar legado**. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/kawan_murilo_de_paiva_clemente/. Acesso em: 02 dez. 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico]. Patrícia Hill Collins, Sirma Bilge. Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialista em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, 17/11/2002.

CUNHA, Bárbara Madruga. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. **XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR**. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.

COUTINHO, Gabriel. **Música Racimo é Burrice**. 2003.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico]. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral e Narrativa**: Tempo, memória e identidade. 2003. p. 9-95.

DEVULSKY, Alessandra. Estado, racismo e materialismo. In: ALMEIDA, Silvio (Org.). **Marxismo e questão racial**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DIAS, Mariana Silveira; LIMA, Samyra V. **Legado**: Conceito Aspectos relevantes. 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/1698401-mariana-silva-dias/publicacoes>. Acesso em: 03 dez. 2021.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil Brasileiro, volume 6**: Direito das Sucessões. 28. ed. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 347.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Marcio. Pensamento social e relações raciais no Brasil: a análise marxista de Clóvis Moura. In: ALMEIDA, Silvio (Org.). **Marxismo e questão racial**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERREIRA, Marieta Moraes. **História do tempo Presente**: desafios. Cultura Vozes. V. 94, n 3. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf. Acesso em 27 ago. 2022, às 14:50.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. São Paulo: Ed. Integral, 1942.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** - Um Reencontro com a pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOMES, Edson. **Meus Direitos**. [Resgate Fatal. São Paulo: EMI Odeon, 1995]. [Online]. Henrique Luiz. Youtube. 31 de out. de 2010. 3min38s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XkAr6Gei1Ms>. Acesso em: 25 maio 2020.

GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito civil brasileiro**: direito das sucessões, v. 7. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

GONÇALVES FILHO, José Moura. A dominação racista: o passado presente. IN: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil**: Questões para a Psicanálise. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

GONÇALVES, F. P.; LINDEMANN, R.H.; GALIAZZI, M. C. O diário de aula coletivo na formação de professores de ciências: reflexões à luz de uma perspectiva sociocultural. In: GALIAZZI, M.C e cols. **Construção curricular em rede na educação em ciências**: uma aposta de pesquisa na sala de aula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. p. 225-242.

GROSSI, Yone; FERREIRA, Amauri. **Razão Narrativa**: significado e memória e História Oral (4). São Paulo: ABHO, 2001.

HIPNA, Agostinho. **Confissões**. Digitação: Lucia Maria Csernik, 2007.

hooks, bell. **Eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismos. Tradução Bhuvi libanio. 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HUSSERL, E. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011. 39 p. : il.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória** [recurso eletrônico]. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2014. e-PUB

IZQUIERDO, Ivan. **Memória** . 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. 140 p.

JESUS, Carolina Maria de. 1914-1977. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustração Vinícios Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: África, 2014.

JOSSO, Marie-Cristiane. **Experiências de Vida e Formação**. Prefácio Antônio Nóvoa, revisão científica, apresentação e notas a educação brasileira. Cecilia Waschue: José Claudio e Julia Ferreira Adaptação à edição brasileira Maria Viana. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Cristiane. **Experiências de Vida e Formação**. Prefácio Antônio Nóvoa, revisão científica, apresentação e notas a educação brasileira. Cecilia Waschue: José Claudio e Julia Ferreira Adaptação à edição brasileira Maria Viana. São Paulo: Cortez, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário, v. 02**. O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiências. Belo Horizonte: Autentica, 2005. Coleção: Experiências e Sentido.

LEONARDO, Deive. Legado que você pode deixar. 2021. Disponível em www.frasesdeumcristao.com/2021/04/legado-nao-o-que-voce-deixa-pras.html. Acesso em: 03 jan. 2022.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MEIHY, José Carlos; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e Narrativas**: História Oral. Ead. 1 reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOMBAÇA, Lica Oliveira. **Lugar de Fala**. Lugar de Fala - Mombaça - LETRAS.MUS.BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inRHF2R-bOU>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MONTEIRO, Ivan Luiz. **Introdução ao pensamento filosófico africano**. Curitiba: Intersaberes, 2020. (Série Estudos de Filosofia)

MOREIRA, Adilson. **O que é discriminação?** Belo Horizonte (MG). Letramento. Casa do Direito. Justificando, 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. 2003. Palestra Proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016. (Para endenter).

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NARDON, Flavio. **A relação interpessoal dos adolescentes no mundo virtual e no mundo concreto**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do Inconsciente**. Significações do corpo negro. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

OLIVEIRA, Denis de. Dilemas da luta contra o racismo no Brasil. In: ALMEIDA, Silvio (Org.). **Marxismo e questão racial**. São Paulo: Boitempo, 2021.

PIMENTA, Marcelo. **Qual LEGADO você quer deixar**, pelo quê deseja ser lembrado? 2017. Disponível em: <https://marcelo.pimenta.com.br/legado/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

PENHA, João. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (coleção primeiros passos: 61).

PETIT, Michele. **A arte de Ler Ou como usar a diversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol5, n10, 1992, p. 200-212.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005, p. 227-278.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Campanha das Letras, 2019a.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019b.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. O discurso e o excesso de significação. Lisboa Portugal: Edição 70, 1976.

RICOEUR, Paul, 1913. **Tempo e Narrativa** (tomo 1; Tradução Constança Marcondes Cesar- Campinas, SP: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. **Identidade Narrativa**. Escritos e conferência 1: em torno da Psicanálise. São Paulo: Loyola, 2010.

ROCHA, Tânia Maria Rodrigues da. **Memória, trabalho e envelhecimento de mulheres negras idosas em uma comunidade remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo em Vitória da Conquista–Bahia**. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Memória Linguagem e Sociedade) – UESB, Vitória da Conquista, BA.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. / Heleieth Iara Bongiovani Saffi oti. 2. ed. São Paulo : Expressão Popular : Fundação Perseu Abramo, 2015. 160p

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “Ser negro”**: um percurso das ideias que e naturalizam a inferioridade dos das ideias. Rio de Janeiro: Palhas, 2002.

SANTOS, Leia. Representatividade da mulher negra no mercado de trabalho. **Jota**. Data original da publicação: 07/12/2020. Disponível em: <https://www.dmtemdebate.com.br/representatividade-da-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. **Negras velhas**: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade. 2016. 138 f. Orientador: Johannes Doll. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

SARAIVA. Katia Pacheco. **Tempos de Tessituras Intergeracionais**: uma reflexão sobre o projeto de extensão “Sacudindo a Memória”. 2020. Tese de Doutorado. Dissertação Pontifícia Universidade Católica de Minas Geais. – Programa de Pós-Graduação em Psicologia .Belo Horizonte.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradutora: Rita Correia Guedes. (L’Existentialisme est un Humanisme). Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Raça, cor e linguagem. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil**: Questões para a Psicanálise. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SEBE, Jose Carlos, 1943. **Memórias e Narrativas: História oral aplicada/ José Carlos Sebe**. B. Meihy e Leandro Seawright. 1. ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2001. 192p.

SILVA, Givânia Maria da; RODRIGUES, Maria Diva da Silva. Formação inicial e continuada de professores (a) e a educação no Quilombo da Conceição das Crioulas/PE. **Comunicações**. Piracicaba, ano 21, nº 01, p.23-38, jan/jun. 2014.

SILVA, Maria Lúcia da. Racismo no Brasil: Questões para psicanalistas brasileiros. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SYMON, G. Diários de pesquisa qualitativa. In: CASSEL, C.; SYMON, G. **Guia essencial para métodos qualitativos em pesquisa organizacional**. London: Sage, 2004.

TABACOF, Heidi. Dessemelhanças e preconceitos. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994.

XIMENES, Sergio. **Mini Dicionário Língua Portuguesa**, 2000.

ZACCARELLI, Laura; GODOY, Arilda. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. **CADERNOS EBAPE. BR**, v. 8, nº 3, artigo 10, Rio de Janeiro, Set. 2010.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS XI
MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante:

Documento de Identidade nº:

Sexo: F () M ()

Data de Nascimento:

Endereço:

Complemento: Casa

Bairro: Centro Cidade

CEP:

Telefone: ()

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1.TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: A interseccionalidade nas narrativas femininas: o legado existencial das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio

2.PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Elisângela Carvalho Barbosa de B. Marques

Cargo/Função: Aluna do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social/ - (MPIES/UNEB) DEDC - XI – Serrinha/Bahia.

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “**A Interseccionalidade nas narrativas femininas: o legado existencial das idosas**”

negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, que tem como objetivo geral: Compreender a interseccionalidade nas narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no que se refere ao seu legado existencial, de responsabilidade da pesquisadora Elisângela Carvalho Barbosa de Brito Marques, estudante do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social.

A realização desta pesquisa poderá trazer riscos de desconforto emocional ocasionado por possíveis relatos sobre preconceito e atos de racismo de afetação, psicológica ou física, o que poderá ser amenizado através do encaminhamento (se necessário) do (a) da participante ao serviço de atendimento psicológico. Também poderá trazer benefícios, a exemplo da desnaturalização de preconceitos e racismo praticadas contra as idosas negras.

Caso aceite o Senhor(a) participará de cinco rodas de conversas compostas por oito idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. As rodas de conversas serão mediadas por músicas, vídeos e poemas que versarão sobre a temática de racismo e preconceitos contra as idosas negras. Estes encontros serão gravados em vídeoáudios, transcritos e analisados pela pesquisadora responsável. Os vídeoáudios ou suas imagens não serão publicados e têm como finalidade exclusiva para análise dos dados. Os vídeoáudios serão guardados por um período de seis meses, tempo previsto para a finalização da análise dos dados, sob a responsabilidade da pesquisadora Elisângela Carvalho Barbosa de Brito Marques e arquivados no banco de dados do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde. (GEPERCS), da UNEB, Campus XI. Após este período, as imagens serão destruídas. Importante registrar e assumir o compromisso que a pesquisa respeita o que determina a Lei.13.123/15 do fortalecimento de identidade desses povos.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr(a) não será identificado. Caso queira o senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr(a), caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras o Sr(a) tem direito a indenização caso seja

prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá duas vias deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Everton Nery Carneiro.

Endereço: Rua Adriano Gomes Lopes, nº 23, Bairro Graça, Valença-Bahia, CEP 45400-000

Telefone: (75) 991622597, **E-mail:** ecarneiro@uneb.br

ORIENTANDA: Elisângela Carvalho Barbosa de B. Marques

Endereço: Rua Francisco Vieira do Amaral, Biritinga Bahia BA.

Telefone: (75) 991474391, **E-mail:** eli.direc@hotmail.com

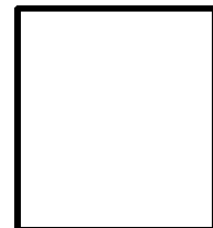
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, “**A interseccionalidade nas narrativas femininas: o legado existencial das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio**”, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.



Assinatura do participante da pesquisa

Elisângela C. B. B. Marques

Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Everton Nery Carneiro

Assinatura do professor responsável
Prof^o Dr. Everton Nery Carneiro
(orientador)

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA COLABORADORA

Questionário da Colaboradora

Nome da participante

Data de Nascimento

Endereço

Idade

Profissão

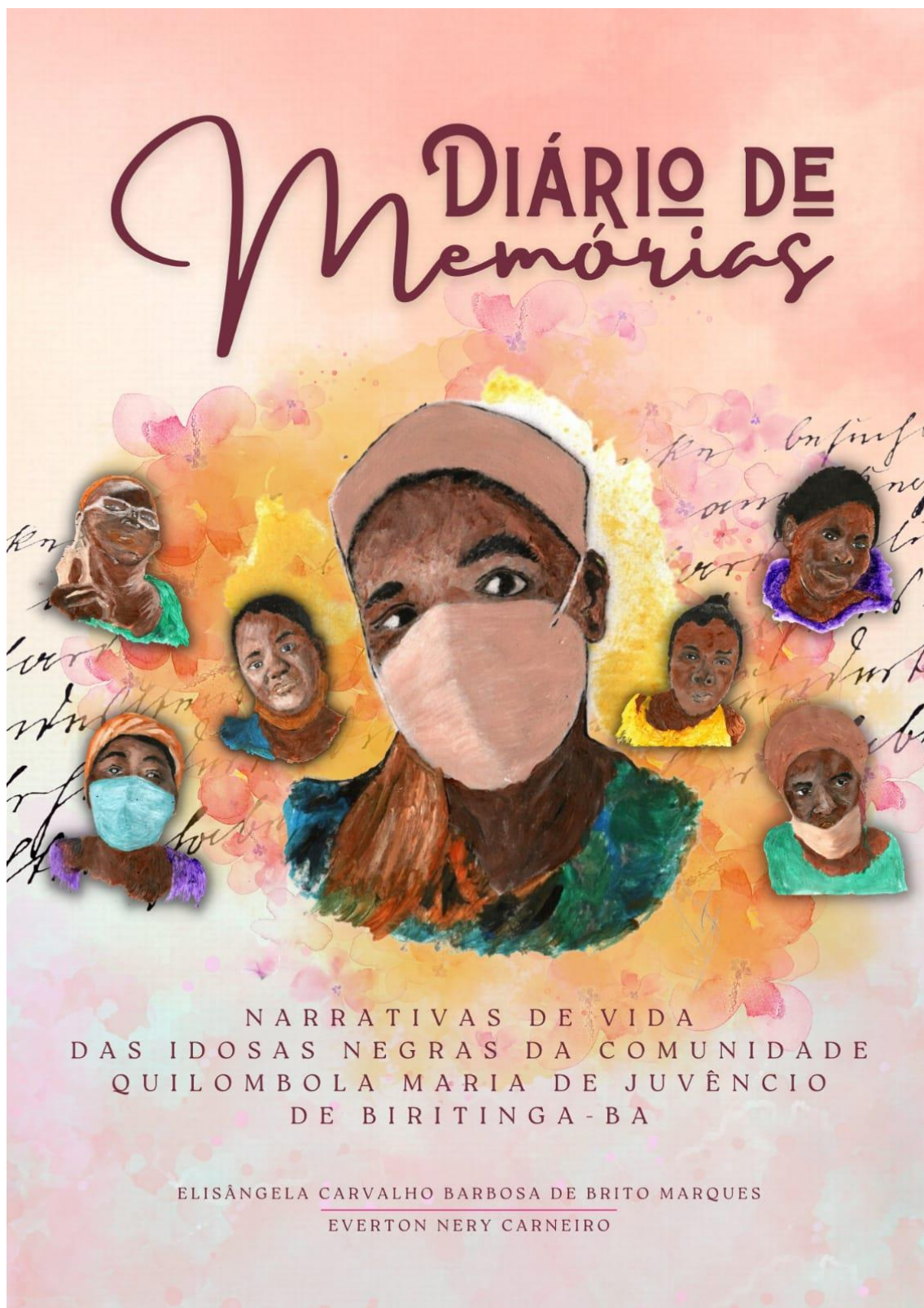
Estado cível

Quant. de Filhos

Escolaridade

Fonte: Produzido e retirado da primeira da roda de conversa na Associação (AQUIMAJU).

APÊNDICE C – PRODUTO FINAL: DIÁRIO DE MEMÓRIAS



M DIÁRIO DE Memórias



NARRATIVAS DE VIDA
DAS IDOSAS NEGRAS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA MARIA DE JUVÊNCIO
DE BIRITINGA-BA

ELISÂNGELA CARVALHO BARBOSA DE BRITO MARQUES
EVERTON NERY CARNEIRO

Diagramação

Felipe Moreira Santana
E-mail: felipediagramacao@gmail.com

Desenhista

Gabriel Loureiro Ribeiro
Contato: (75) 9 9110-3852
E-mail: gaberibeiro1@hotmail.com

Revisão de linguagem

Patrícia Souza Lemos
E-mail: patricianoslemos@hotmail.com

FICHA CATALOGRAFICA
AGUARDANDO A EDITORA

PREFÁCIO

Com afeto e alegria, escrevo o prefácio deste diário de memórias, fruto da pesquisa: *Interseccionalidade nas narrativas femininas: o legado existencial das idosas negras*, de autoria da mestra Elisângela Barbosa de Brito Marques, que traz uma abordagem instigante sobre uma temática não usualmente pesquisada. Material que apreendo com as riquezas produzidas nas entranhas do pensamento de quem vive e/ou reconhece, valoriza e respeita trajetórias e modos de vida negras quilombolas.

Dessa forma, compreendo que esse material rompe com o silêncio e denuncia o racismo e o preconceito culturalmente vivenciados nas trajetórias de vida de mulheres e idosas negras, que, muitas vezes, inquietam campos de vivências e, conseqüentemente, impedem relações de convivências sociais pacíficas, vistas nas interseccionalidades narradas pelas idosas negras, objeto de estudo da referida obra.

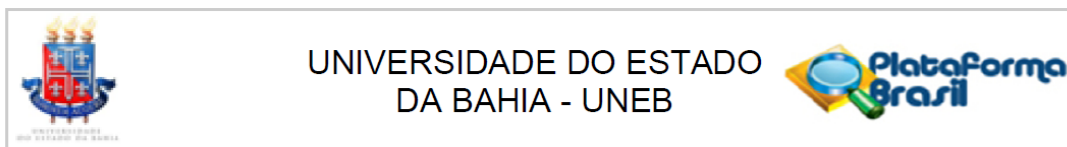
Esse diário de memórias reverbera como produto final da pesquisa científica do Programa de Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus XI, Serrinha. Essa linha de estudo tem obtido maior relevância à medida que o racismo e suas diversas interfaces de violência passam a merecer cada vez mais atenção da sociedade.

Para tanto, no ano de 2019, a partir da iniciativa de um grupo de educadores focados em estudos e pesquisa no Espaço Educativo Pensar e Agir, escola particular, no município de Biritinga, na Bahia, a fim de estudarmos sobre as temáticas mais impactantes em nossa sociedade, definimos o Quilombo da Trindade como campo das discussões. Como em todo lugar, o racismo e o preconceito estão enraizados, não sendo diferente de outros contextos sociais – razão que motivou esse trabalho de Elisângela Barbosa de Brito Marques, ao dissertar sobre as narrativas interseccionadas por raça, gênero de idosas negras quilombolas.

Em seu estudo, o leitor encontrará a identificação das senhoras negras idosas da pesquisa, bem como os eixos das intersecções que intercruzaram/intercruzam suas vidas. Ao longo das páginas do diário, são apresentadas as orientações para que o leitor possa compreender as narrativas das senhoras e uma página em branco para que o leitor possa escrever suas reflexões e pensamentos sobre sua leitura. Isto é bacana porque incentiva o/a leitor(a) a agir, ter ação, atitude de repulsa ao movimento racista disseminado nas relações humanas. A autora utiliza a roda de conversa para a produção de dados da pesquisa, com a técnica da história oral, trazendo uma contribuição relevante para análise do tema no país, no mundo. Seus resultados podem ser comparados com outras histórias de vida de outros Quilombos e confrontados com outros (as) autores (as) e pesquisadores (as) da temática de contribuição inédita, dado o trato da interseccionalidade com idosas negras, seu legado existencial.

Essa produção contraria o senso comum, reflete sobre racismo, violências, preconceito e outras experiências vivenciadas no campo e contribui para a criação de um sentimento de identidade política, tão necessária para a desnaturalização e criminalização de atos que incidem sobre os corpos de pessoas negras. Nesses contextos de vida, percebidos no Quilombo de Trindade, na Associação Quilombola Maria de Juvêncio, apresentados na Dissertação e no Diário de Memórias como Produto final, há a politização de informações que alteram formas de ler e ver a hegemonia que desumaniza pessoas e dão a reconhecer como de fato se conceituam interseccionalidade, memória, legado existencial de pessoas remanescentes.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB

Plataforma
Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INTERSECCIONALIDADE NAS NARRATIVAS FEMININAS: O LEGADO EXISTENCIAL DAS IDOSAS NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA DE

Pesquisador: ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE BRITO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52382521.2.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.129.040

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa vincula-se ao programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) do Campus Serrinha.

2ª versão do projeto enviada em 11/11/21.

Desenho informado pela pesquisadora:

“Mediante a proposta de intervenção serão desenvolvidas cinco rodas de conversas, sendo três encontros com as oito idosas negras de forma presencial na Associação Quilombola Maria de Juvêncio do município de Biritinga-BA, respeitando os protocolos de segurança de acordo com o Ministério de Saúde, quanto ao distanciamento de 1,5 metros entre os participantes da pesquisa, disponibilizar álcool em gel, uso obrigatório de máscara; um encontro com quatro idosas negras para a gravação das narrativas de vidas individuais, respeitando seu horário e escolhendo o lugar na comunidade quilombola; e um encontro na associação (AQUIMAJUR) para a exibição do documentário para as participantes após a defesa da pesquisadora. Caso haja algum impedimento por conta da Pandemia Mundial da Covid-19, será adaptado para forma remota através do Google Meet, com as oito idosas negras na comunidade quilombola Maria de Juvêncio no município de

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

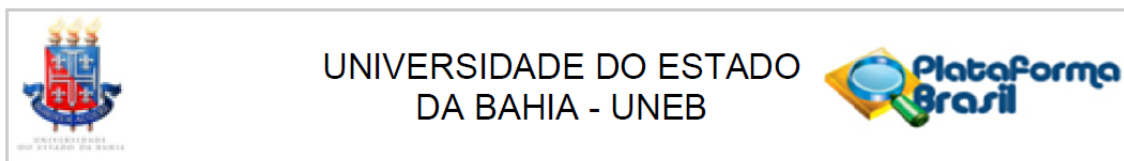
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.040

Biritinga-BA. Através da problemática iremos rememorar memórias das idosas que vivem no quilombo Maria de Juvêncio, valorizando sua narrativa e reconstruindo o entendimento da construção sua identidade. Esse projeto tem como objetivo: compreender a interseccionalidade nas narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no que se refere ao seu legado existencial. Para tanto, o estudo se constitui em uma pesquisa de abordagem qualitativa, inspirada em Minayo (2007); Hussell (1990), com o Método da Pesquisa Fenomenológica; Tipo da Pesquisa História Oral baseado em Albert (2004); Bauer e Gaskell (2002) sobre a Técnica de Coleta de Dados Entrevista Narrativa/Escuta das narrativas de vidas das idosas negras da comunidade quilombola Maria de Juvêncio do município de Biritinga-BA; Análise de Dados inspirada em Ricoeur (1976) e Análise Compreensiva Interpretativa. A escrita dos capítulos dessa dissertação será baseada em artigos relacionados aos objetivos específicos desse estudo, visando à publicação. Artigo 01. Interseccionalidade, narrativa e legado: uma construção, conceitual. Artigo II. O legado das narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio a partir da interseccionalidade. Artigo 3. Documentário: "Idosas negras: narrativa e legado", tendo como produto final um documentário: "Idosas Negras: Narrativa e Legado", no final da pesquisa com as narrativas de vida das idosas negras".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Compreender a interseccionalidade nas narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio no que se refere ao seu legado existencial.

Objetivo Secundário:

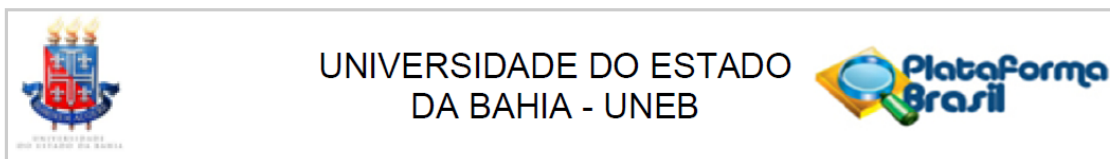
- Discutir os conceitos de interseccionalidade, narrativa e legado;
- Analisar as narrativas de vida das idosas negras da comunidade quilombola Maria de Juvêncio a partir da interseccionalidade, buscando inferir o seu legado;
- Construir um documentário a partir das narrativas de vida das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Vale à informação, de forma geral, que o risco mencionado na Plataforma Brasil se enquadra intimamente com a vulnerabilidade do participante. Essas possibilidades trazem uma perspectiva

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555	CEP: 41.195-001
Bairro: Cabula	Município: SALVADOR
UF: BA	E-mail: cepuneb@uneb.br
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399



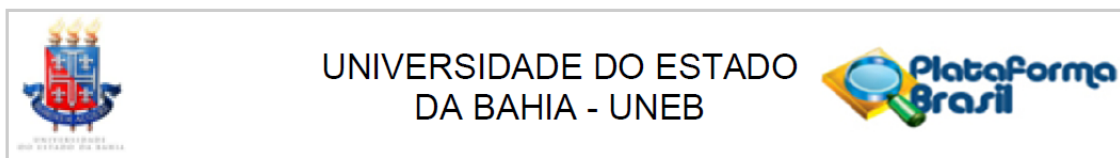
Continuação do Parecer: 5.129.040

de ação nas outras áreas inerentes à vida do ser humano, incluindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, espiritual e profissional do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente.

Descritos no Formulário de informações básicas da PB: "Risco Moral/Intelectual: como a pesquisa se trata de narrativas de vida das idosas negras ocorrerá um risco da invasão de privacidade das experiências vivenciadas por elas. Caso alguma das participantes aparente/demonstre desconforto, a pesquisadora deverá estar atenta aos sinais verbais e não verbais de cada participante e parar imediatamente a roda de conversa, solicitando, assim, que a psicóloga presente assuma para poder dar o conforto à participante. • Risco Social: devido à pandemia da Covid-19 que estamos passando desde 2020 até o momento e com as orientações da Organização Mundial da Saúde, para evitar aglomerações as rodas de conversas acontecerão via Google Meet (uma plataforma digital) sem colocar em risco a saúde de todas as participantes envolvidas. Caso aconteça o retorno gradual das atividades presenciais de acordo com o Decreto Estadual e Municipal, as rodas de conversas acontecerão na forma presencial, respeitando os protocolos de segurança, distanciamento de 1,5 metros entre as participantes da pesquisa, disponibilização de álcool em gel, uso obrigatório de máscara. Disponível no ministério da Saúde. • Risco Cultural: cada participante da pesquisa irá expor seus costumes culturais nas rodas de conversa, cabe à pesquisadora deixar o ambiente bem confortável para que elas não se sintam constrangidas, garantindo um lugar confortável para todas as presentes".

No TCLE: "A senhora na hora sua narrativa de vida, poderá sentir algum desconforto AO REVELAR SUA PRIVACIDADE. Para isso, serão adotadas providências cabíveis a fim de minimizar os riscos como a garantia da narrativa de vida individual e tendo um acompanhamento com uma psicóloga se necessário. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Atualmente, apresenta-se como risco também a transmissão do novo coronavírus, agente causador da Covid 19, responsável pela pandemia instalada. Portanto, serão respeitados os cuidados higiênicos-sanitários orientados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) com o uso obrigatório de máscaras, uso do álcool gel e estímulo à lavagem de mãos, distanciamento de 1,5 metros entre os participantes da pesquisa e a pesquisadora e caso alguma idosa apresente sintomas gripais, esta não participará dos encontros presenciais.".

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.040

Comentário: A pesquisadora detalha os riscos no formulário e não detalha no TCLE que deveriam estar em consonância. Informa a presença da psicóloga no momento do estudo que melhora muito a minimização caso aconteça situações que precisem de suporte profissional com este objeto de pesquisa. Ajustes realizados.

Outro aspecto a ser repensado é a construção de um documentário. Epistemologicamente os projetos científicos partem de um problema de pesquisa que podem comprovar inadequações das pessoas de forma irrefutável, além acentuar o risco as participantes desde o sofrimento até a exposição demasiada em qualquer idade, piorando com as idosas que podem encontrar-se ainda mais vulneráveis frente ao objeto do estudo. Ao pensar epistemologicamente o que é um projeto de pesquisa científica, fica a pergunta: Qual o motivo científico do documentário? Por que não está exposto no TCLE de forma clara? Se for ilustrativo o documentário deve ser retirado tendo em vista que identificará as participantes. Confidencialidade em uma prerrogativa científica em objetos sensíveis.

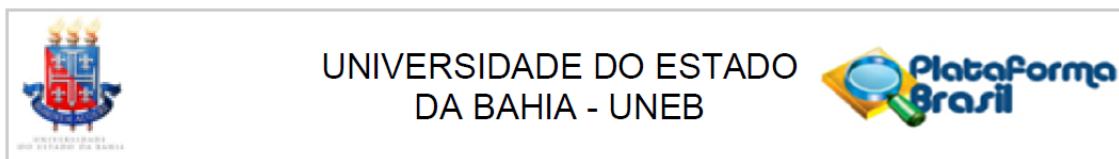
Benefícios:

Segundo a normativa o benéfico de uma pesquisa deve contribuir para a melhoria da atividade estudada de alguma forma, sendo diretamente ao participante da pesquisa ou indiretamente propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade.

No formulário da Plataforma Brasil: “• No Âmbito Social: ressignificar as práticas pedagógicas, tendo em vista as discussões de novas lentes de leitura para a perspectiva de uma mulher negra aceitável, de forma igual aos outros e outras na sociedade; minimizar o preconceito de jovens em relação aos idosos, permitindo uma relação dialógica, proporcionando uma construção de saberes a partir das suas narrativas de vidas. • No Âmbito Acadêmico: no âmbito acadêmico, contribuir com pesquisa insurgente, elaborando e envolvendo formas colaborativas, reflexivas de pensar as diferenças, identidades e diversidades sociais.”.

No TCLE: “Resignificar as práticas pedagógicas tendo em vista as discussões de novas lentes de leitura para a perspectiva de uma mulher negra aceitável de forma igual aos outros e outras na sociedade, minimizando o preconceito de jovens em relação aos idosos, permitindo uma relação

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555	CEP: 41.195-001
Bairro: Cabula	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399
	E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.040

dialógica, proporcionando uma construção de saberes a partir das suas narrativas de vidas”.

Comentário: A pesquisadora descreve os benefícios sem precisão. Deve descrever os benefícios para aos participantes. Em que melhorará a vida dos participantes? Foi respondido. Mas é diretamente ou indiretamente? Os achados da pesquisa serão encaminhados com proposições de melhorias à atividade estudada de que forma? Haverá proposição de seminários e congêneres? Qual será a forma? Favor deixar claro no protocolo de pesquisa e no TCLE para os participantes. Ajustes realizados pela pesquisadora.

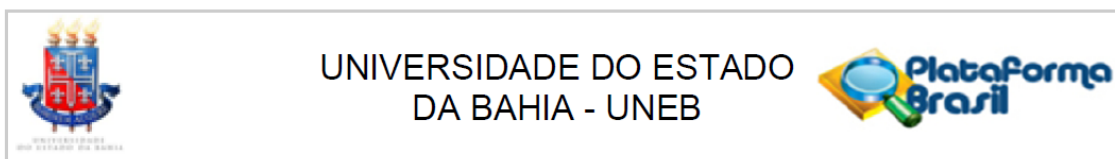
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana de forma integrada a vida real.

O projeto tem o potencial de melhorar a atividade estudada, mas precisa esclarecer as seguintes questões: A pesquisadora informa no TCLE, implicitamente, que revelará a identidade das pessoas ao mencionar o documentário, deve estar de forma clara. É preciso reforçar que não recomendamos um documentário por conta do objeto da pesquisa possibilitar/ acentuar os ricos aos participantes (a imagem é uma identificação). Portanto, torna a confidencialidade contraditória e expõe demasiadamente as participantes podendo revelar inadequações (provas contra as pessoas). As imagens devem ser para fins científicos e nunca para divulgação/ilustração, deve ser informado especificamente o motivo científico da imagem, com tempo de guarda e como serão destruídas no TCLE a fim de não fugir da epistemologia de um projeto científico. Favor verificar a produção de documentário em projetos científicos com objetos que pode causar a maleficência aos participantes da pesquisa no mínimo por expô-las frente a objetos sensíveis (reiteramos). Retirado à exposição das imagens e identificações e possibilidade de documentários.

Vale informar que pesquisa com comunidades tradicionais devem seguir os preceitos da Lei 13.123/15. No caso desta pesquisa de cunho pedagógico deve-se ter atenção para não revelar o conhecimento tradicional e permitir a exploração dos saberes dos povos tradicionais, além de proporcionar novas aprendizagens e ensinamentos incentivando o fortalecimento da identidade destes povos.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.040

Critério de inclusão e exclusão: matem os princípios da equidade e justiça.

O orçamento: Registrado dentro dos aspectos da pesquisa.

O cronograma: Passivo de execução.

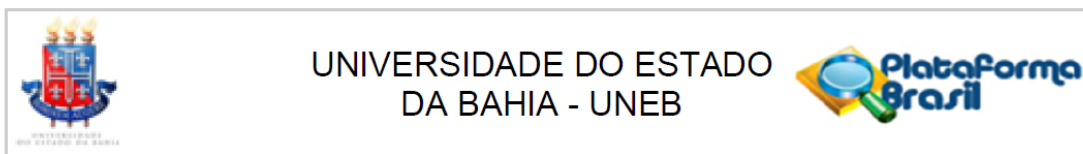
Instrumento de registro de dados: Não apresentado por se tratar de narrativas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em conformidade;
- 2 – Termo de confidencialidade: O termo dentro da eticidade, no entanto o protocolo apresenta a contradição de informar que revelará os resultados de forma anônima e fará documentário o que revelará a identidade das participantes – ao ajustar o método tornou o termo consonante com o protocolo;
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em conformidade
- 4 – A autorização da instituição coparticipante/Anuência: Em conformidade;
- 5 – Folha de rosto: Em conformidade;
- 7 – Modelos do TCLE: Apresentado precisando adequar a linguagem a realidade das participantes; faltando detalhar risco, formas de minimização e benefícios para as participantes da pesquisa (deve estar em conformidade com o formulário da PB); faltou detalhar o uso científico das imagens, por quanto tempo ficarão guardadas e como serão destruídas; demonstra contradição na confidencialidade tendo em vista que o documentário revelará a identidade das participantes (imagem é identidade). – Favor verificar as informações e adequar o TCLE para cumprir os princípios da autonomia e não maleficência a fim de adequar-se a epistemologia de uma pesquisa científica. O TCLE foi ajustado pela pesquisadora e encontra-se dentro da eticidade.
- 8 – Modelo do Assentimento: Não haverá menores de idade envolvidos no estudo.
- 9 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Apresentado dentro da eticidade;
- 10 – Termo de concessão: Dispensado por não coletar dados secundários;
- 11 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Dispensado por não coletar dados secundários;
- 12 – Declaração de atendimento da profissional psicóloga: Aceita;

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.040

13 – Declaração de uso de imagem e voz: Não é recomendado o uso de imagem em projetos científicos devido à exposição demasiada que acentua os riscos da pesquisa. Além do mais o dispositivo oficial de doação de dados é o TCLE, que deve conter as informações completas sobre a pesquisa científica para ficar de acordo com a ética e as leis brasileiras;

14 – Declaração de uso de depoimento e voz: Não deve ser utilizado, pois o termo de consentimento livre e esclarecido é o instrumento oficial de doação dos dados e suficiente para comprovar que não haverá relações comerciais no estudo.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

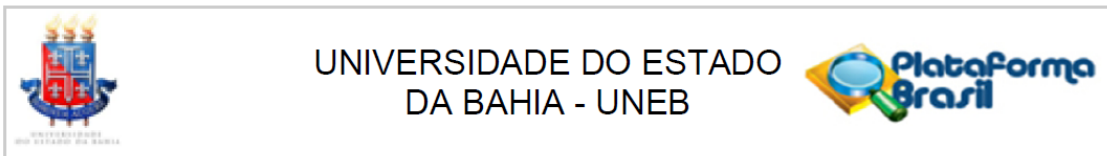
Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.52382521.2.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1833370.pdf	11/11/2021 13:52:24		Aceito
Outros	Termo_autorizacao_do_uso_depoime	11/11/2021	ELISANGELA	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.040

Outros	nto.pdf	13:47:59	CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	11/11/2021 13:25:13	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	11/11/2021 09:45:23	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_Brochura.pdf	11/11/2021 09:45:03	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	11/11/2021 09:44:34	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE BRITO	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	11/11/2021 09:43:44	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	05/10/2021 11:29:25	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Outros	Termo_Autorizacao_Institucional_Cooperativo.pdf	04/10/2021 22:16:49	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Outros	Declaracao_Psicologa.pdf	04/10/2021 21:56:40	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Outros	CartadeAnuencia.pdf	04/10/2021 21:52:29	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_Concordancia_com_o_Desenvolviment.pdf	04/10/2021 21:44:52	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_Compromisso_do_Pesquisador.pdf	04/10/2021 21:43:25	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_Instituicao.pdf	04/10/2021 21:42:06	ELISANGELA CARVALHO BARBOSA DE	Aceito

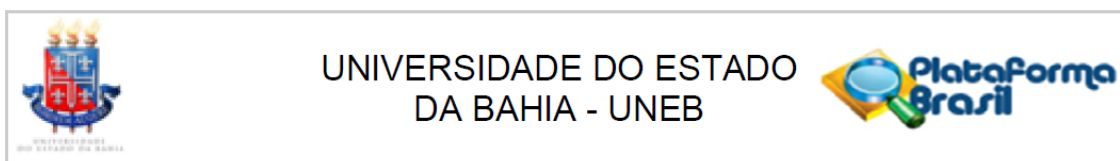
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.040

SALVADOR, 26 de Novembro de 2021

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

ANEXO B – CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CIDADANIA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção n.º 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.001188/2007-18 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE TRINDADE**, localizada no município de Biritinga/BA, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 019, Registro n.º 2.759, fl.181, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Leonardo Gomes Santana**, (Ass.),.....
Diretor-Substituto do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **13 de maio de 2019.**

O referido é verdade e dou fé.

Vanderlei Lourenço Francisco
Presidente
Fundação Cultural Palmares – FCP